



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PALMAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM FILOSOFIA – PROF-FILO**

RICARDO COELHO DA SILVA

**O FENÔMENO DO SUICÍDIO ENTRE JOVENS
Uma leitura à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur**

**Palmas-TO
2019**



RICARDO COELHO DA SILVA

O FENÔMENO DO SUICÍDIO ENTRE JOVENS
Uma leitura à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Tocantins para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral

Palmas-TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S586f Silva, Ricardo Coelho da.
O FENÔMENO DO SUICÍDIO ENTRE JOVENS - Uma leitura à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur . / Ricardo Coelho da Silva. – Palmas, TO, 2019.
159 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Filosofia, 2019.
Orientador: Roberto Antônio Penedo do Amaral
1. Ética. 2. Esforço. 3. Suicídio. 4. Jovem. I. Título

CDD 100

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

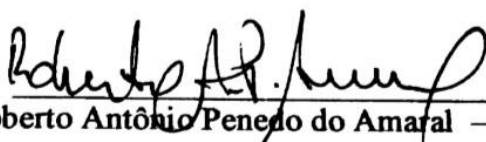
Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RICARDO COELHO DA SILVA

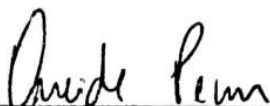
**O FENÔMENO DO SUICÍDIO ENTRE JOVENS
Uma leitura à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur**

Dissertação defendida e aprovada em 15
de abril de 2019.

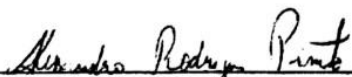
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral – PROF- FILO/UFT
Orientador



Prof. Dr. Oneide Perius – PPGPJDH/UFT
Examinador Externo



Prof. Dr. Alessandro Rodrigues Pimenta – PROF- FILO/UFT
Examinador Interno

Palmas-TO
2019

"Se você está atravessando um inferno,
continue atravessando"

Churchill

À Cris, Ricardo Feltre e Handerson, que
compreenderam o “suicídio” de vários
finais de semanas.

Agradecimentos

A YHWH.

Aos professores do PROF-FILO da UFT, aqui representados nas pessoas do meu ilustre orientador, professor Roberto Amaral, a quem muito agradeço pela reconhecida paciência; Paulo Soares, pelo incentivo necessário na caminhada; ao Alessandro Pimenta, pelas valiosas indicações de livros; ao meu amigo de turma William de Medeiros, pela inesquecível receptividade. E nem poderia esquecer dos meus alunos do ensino médio, razão maior desta produção.

RESUMO

A presente dissertação se propõe a analisar o fenômeno do suicídio entre jovens a partir de Paul Ricoeur. Percebe-se, para tanto, que a análise aqui será intermediada por sua hermenêutica, mas não apenas ela, mas outras obras do mesmo autor que contribuem para uma discussão aberta sobre o tema em voga, entre elas, *Vivo até a morte* e *O si mesmo como outro*. A primeira por registrar um esforço de tornar a vida possível frente aos embates que ela mesma propõe, afirmando sua vontade de viver, e mesmo até a morte. A segunda, por esta propor uma ética que valoriza a vida em pelo menos três frentes: no relacionamento consigo mesmo, que visa à vida boa, a auto estima; no relacionamento com os outros, mediante a busca da amizade e da solicitude e, na vida boa em instituições justas.

Palavras-chave: jovem, suicídio, esforço, morte, vida e ética

RÉSUMÉ

La présente thèse propose d'analyser le phénomène du suicide chez les jeunes de Paul Ricoeur. On s'aperçoit donc que l'analyse ici sera médiatisée par son herméneutique, mais pas seulement par elle, mais par d'autres œuvres du même auteur qui contribuent à une discussion ouverte sur le sujet en vogue, parmi elles, *Vivant jusqu'à la mort* et *Soi-même comme un autre*. La première consiste à enregistrer un effort pour rendre la vie possible face aux affrontements qu'elle propose elle-même, affirmant sa volonté de vivre et même jusqu'à la mort. La seconde, pour cette raison, propose une éthique qui valorise la vie sur au moins trois fronts: dans la relation à soi-même, qui vise la bonne vie, l'estime de soi; dans la relation avec les autres, à travers la recherche d'amitié et de sollicitude, et dans la bonne vie dans des institutions justes.

Mots-clés: jeune, suicide, effort, mort, vie et éthique.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA E A ESPECIFICIDADE HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR	14
1.1 HERMES E A “ORIGEM” DO TERMO HERMENÊUTICA – UMA BREVE HISTÓRIA.....	14
1.2 Considerações preliminares sobre hermenêutica filosófica	17
1.3 Paul Ricoeur e sua hermenêutica	23
1.4 A ampliação da noção de texto.....	27
1.5 COMPREENSÃO E A EXPLICAÇÃO	30
1.6 UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE A MORTE NA PERSPECTIVA DE PAUL RICOEUR	36
CAPÍTULO II – O FENÔMENO DO SUICÍDIO INTERPRETADO A PARTIR DE SEUS TEXTOS	38
CAPÍTULO III – EXERCÍCIO DE HERMENÊUTICA SOBRE NARRATIVAS DE JOVENS SUICIDAS	74
3.1 AS SIMILARIDADES E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS CARTAS APRESENTADAS	100
CAPÍTULO IV – A VALORIZAÇÃO DA VIDA NA PERSPECTIVA DO "SI MESMO COMO OUTRO" RICOEURIANO	103
4.1 A ÉTICA RICOEURIANA E SEU ESFORÇO PARA SUPERARAÇÃO DO SUICÍDIO.....	104
4.2 O ESFORÇO COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA	107
CAPÍTULO V - AS CONTRIBUIÇÕES DESSA PESQUISA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NA ESCOLA CAMINHO DO FUTURO – IMPERATRIZ/MA	112
5.1 PUBLICAÇÃO DO LIVRO E SUA INSERÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR	112
5.2 A APLICABILIDADE DO PROJETO DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA CAMINHO DO FUTURO/IMPERATRIZ/MA.....	113
5.3 O QUE FOI FEITO	114
5.4 O QUE ESTÁ SENDO FEITO E O QUE SERÁ FEITO	118
5.5 UMA CONCLUSÃO NÃO CONCLUÍDA	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
ANEXOS	125

INTRODUÇÃO

O suicídio tem sido objeto de estudos há milênios. Tal a sua reconhecida importância que já na Grécia Antiga os filósofos se debruçavam sobre o tema, por entenderem que o assunto não deve ser deixado de lado, portanto, não se trata de tema novo. Com o passar dos anos, é bem verdade, o tema ganhou destaques e outras áreas do conhecimento entraram na discussão. Como entender alguém que desiste da vida, que toma a decisão de não mais querer viver? A resposta poderia ser simples - não é. E quando um jovem de quinze anos faz a opção pela desistência da vida, já que imaginamos que essa pessoa esteja no auge do vigor físico e mental? A resposta também não pode ser simples.

A partir dessa compreensão o estudo aqui se propõe a fazer uma leitura do fenômeno do suicídio entre jovens na perspectiva de Paul Ricoeur. Desse modo, no primeiro capítulo faremos uma análise sobre a hermenêutica do referido filósofo, bem como uma análise introdutória sobre a morte. Em seguida, problematizar-se-á o fenômeno do suicídio interpretado a partir de seus textos, quais sejam: aqueles do CVV, *Centro de Valorização da Vida*; da OMS- *Organização Mundial da Saúde*; os dados nacionais; as campanhas de prevenções; as informações trazidas pelo site *Setembro Amarelo*; algumas portarias do *Ministério da Saúde*, tudo isso dialogando com a obra do *Do texto à ação*. No terceiro capítulo faremos um exercício hermenêutico sobre as narrativas de jovens suicidas deixadas em forma de cartas, bilhetes e textos em redes sociais, sobre as motivações suicidas no referido ciclo de vida, procurando identificar similaridades, divergências e convergências entre uma narrativa e outra, considerando as narrativas como ações simbólicas e metaforicamente mediatizadas.

No quarto capítulo faremos uma análise sobre valorização da vida tendo como intermediação duas obras de Paul Ricoeur: *Vivo até a morte* e *O si mesmo como outro*. A primeira por registrar um esforço de tornar a vida possível frente aos embates que ela mesma propõe, afirmando sua vontade de viver, e mesmo até a morte. A segunda, por esta propor uma ética que valoriza a vida em pelo menos três frentes: no relacionamento consigo mesmo, que visa à vida boa, a auto estima; no relacionamento com os outros, mediante a busca da amizade e da solicitude e, na vida boa em instituições justas. Por último, será destacado as visíveis contribuições

dessa pesquisa para o ensino de filosofia na escola Caminho do Futuro – Imperatriz/MA. Neste momento será destacado o que foi feito, o que está sendo feito e o que será feito na escola e na comunidade onde a mesma está inserida.

CAPÍTULO I - A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA E A ESPECIFICIDADE HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

1.1 HERMES E A “ORIGEM” DO TERMO HERMENÊUTICA – UMA BREVE HISTÓRIA

Trataremos de fazer alguns breves apontamentos sobre as origens da hermenêutica filosófica tentando mostrar que a origem do termo nos remete a Hermes. Segundo o crítico literário Richard Palmer (1986), o termo grego *hermeios*, proveniente do verbo *hermeneuein* e do substantivo *hermeneia*, está relacionado a *Hermes*, o deus mensageiro. Versa a mitologia grega que Hermes teria sido o inventor da linguagem, além de ser considerado o pai da comunicação, cuja responsabilidade seria traduzir e explicar tudo o que a mente humana não teria condições de compreender, sendo chamado de o “deus-intérprete”. O deus ainda não era conhecido tão somente por ser um comunicador entre mortais e imortais. Na verdade, a ele, foram atribuídos outros adjetivos que terminaram por evidenciar a complexidade em que a palavra hermenêutica é posta. Diz a mitologia que Hermes era filho de Zeus com Maia, uma das plêiades¹ (PUGLIESE, 2005, p. 68). Segundo consta, foi o único filho de Zeus fora do casamento que foi bem recebido por Hera, devido à sua reconhecida hostilidade.

Uma de suas destrezas foi identificada ainda quando infante, na cidade natal de Arcádia, onde era cultuado como divindade agrícola e pastoril. Nesta cidade, após ser amamentado, sua mãe, Maia, o deixou no berço. Ao anoitecer, o menino deus libertou-se dos panos que o prendiam, silenciosamente, sem que a genitora ninfa acordasse. No passar da noite, dirigiu-se à cidade de Tessália, onde tinha a geniosa intenção de roubar bois do rei Admeto, de Feras, cidade daquela região. Ao chegar ao pasto onde estaria o gado do monarca, Hermes se valeu de um descuido de Apolo, seu irmão por parte de pai, e furtou quase sessenta cabeças de gado, façanha no mínimo espetacular a um recém-nascido. Logrado o roubo, tentou apagar as pistas

¹ Na mitologia grega, as **plêiades** eram filhas de Atlas e Pleione, filha do Oceano. Quando Pleione estava passeando pela Beócia com suas sete filhas, foi perseguida pelo caçador Órion, por sete anos. Júpiter, com ela condoído, apontou um caminho até as estrelas, e elas formaram a cauda da constelação de Touro.

que o incriminariam, dissipando seus rastros e do próprio gado, chegando a Pilo, onde encontrou um velho de nome Bato, um transeunte que por lá passava e ofereceu-lhe um bezerro como suborno para que o provento silenciasse sobre o fato, ao que prontamente aceitou. Antes do amanhecer, Hermes chega com o gado ao Monte Cileno, de temperatura fria ao extremo. Lá, encontra uma tartaruga, e da sua carcaça e do seu intestino produziu uma lira de sete cordas. No entanto, apesar de toda a sua esperteza, uma testemunha presenciou a façanha do infante e conta a Apolo, que relata o ocorrido a Maia, e esta não acredita, pois mostra o menino envolto em panos, ainda dormindo o sono dos inocentes. Não restando outra alternativa para elucidar o roubo dos bois, Apolo recorre a Zeus, para este obrigar Hermes a devolver o gado. Porém, Apolo observou a lira fabricada por Hermes e por ela se encantou, dado o divinal som que ela produzia e, prontamente, aceitou-a em troca dos bois roubados. De olho na admirável habilidade do filho, o maior dos deuses gregos confere a ele a função de ser seu mensageiro.

Segundo conta Pugliese (2005), seu nome latino vinha da palavra *merces*, “mercadoria”, sendo mais um atributo relacionado a ele: o deus do comércio. Desde a infância, Hermes ou Mercúrio para os romanos, colecionou em seu currículo astúcia e malícia, já quando viajou da Arcádia à Tessália. Colecionador de muitos papéis, além de mensageiro dos deuses, também é conhecido por ser o deus dos comerciantes, dos ladrões, das viagens, da magia, do alfabeto, dos números, dos pesos e medidas, da amizade, da sorte e até dos jogos de azar. Sua atribuição divina era extensa, conforme cita o estudioso do tema:

Ocupava-se da paz e da guerra, dos desentendimentos e dos amores dos deuses, do interior do Olimpo, dos interesses gerais do mundo, no céu, assim como na Terra e nos Infernos. Encarregava-se de fornecer e servir ambrosia à mesa dos imortais, presidia os jogos, as assembleias, escutava os discursos e respondia, por si ou de acordo com as ordens recebidas. Conduzia aos Infernos as almas dos mortos com a sua vareta divina ou o seu caduceu; algumas vezes reconduzia-as à Terra. Ninguém morria antes que ele, Mercúrio, tivesse rompido os laços que unem a alma ao corpo inteiramente (PUGLIESI, 2005, p. 68-69).

As muitas funções que lhe são atribuídas fazem dele um deus enigmático, conforme citado acima. Uma de suas missões precípuas, no entanto, era trazer as informações dos deuses aos mortais, pois a linguagem divina está num plano diferente da dos mortais, sendo interessante alguém torná-la compreensível ao entendimento

humano, daí a necessária intermediação do deus. Segundo Homero, quando Ulisses estava prestes a entrar na casa da feiticeira Circe, o deus Ihe explica todas as artimanhas que a feiticeira havia programado, como expresso na *Odisseia*:

Por onde vais, infeliz, através destes montes, sozinho, do sítio ignaro? Na casa de Circe se encontram teus sócios, sob a figura de porcos, trancados em boas pocilgas. Vais até lá com tenção de trazê-los? Não creio, entretanto, que de lá voltes, mas hás de ficar onde os outros se encontram. Quero, porém, proteger-te e livrar-te do mal iminente. Toma esta droga de muita eficácia e o palácio de Circe: há de bebida oferecer-te e veneno te pôr na comida (*Odisseia*, v. 280-289, 2015, p. 177).

Conforme o texto homérico, em seu encontro com o guerreiro Ulisses, Hermes não só *explica* as artimanhas de Circe, como também *diz* a ele o que acontecerá com sua vida, ou seja, o mesmo que aconteceu com seus amigos, além de *traduzir* os efeitos que a planta mágica faria no corpo dele. Portanto, a origem da hermenêutica no que diz respeito a Hermes está relacionada aos termos: *dizer, explicar e traduzir*. É exatamente nessa ordem que o deus mensageiro começa seu diálogo com Ulisses: “Na casa de Circe se encontram teus sócios, / sob a figura de porcos, trancados em boas pocilgas”. Inicialmente, Hermes faz uma pergunta sobre o lugar onde Ulisses estava indo: “Por onde vais, infeliz, através destes montes, sozinho, / do sítio ignaro?”. Em seguida, *diz e explica* a ele que terá o mesmo destino que seus amigos de aventura: “Não creio, entretanto, / que de lá voltes”. E, por fim, o deus viajante *traduz* os enigmas da feiticeira a Ulisses:

Logo que Circe com sua varinha tocar-te o corpo, saca depressa da espada cortante, que ao lado te pende, e contra a deusa arremete, mostrando intenção de matá-la. Ela, com medo, há de, então, implorar-te que ao leito a acompanhes. De forma alguma te negues a subir ao leito da deusa, para que os sócios te queiram livrar e tratar-te benigna. O juramento dos deuses, porém, exigir debes dela, de que nenhuma outra insídia, de fato, planeja em teu dano; não aconteça fazer-te vileza ao te ver desarmado. (*Odisseia*, v. 293-299, 2015, p. 177).

O objetivo de Hermes foi tornar compreensível a Ulisses as artimanhas de Circe. Para isso traduz, em seus detalhes, tudo aquilo que não estava ao alcance de Ulisses. Isso faz de Hermes um deus que faz uma intermediação entre o mundo dos mortais, portanto limitado, e o mundo dos deuses, estabelecido num outro nível de compreensão. Desse modo, a tradução que Hermes faz versa sobre as manobras que Circe tinha em planos, tornando Ulisses consciente das complicações que poderia ter

na casa da feiticeira. A tarefa de Hermes foi transformar aquilo que parecia esquisito, estranho, ou mesmo obscuro, em algo que possibilitasse uma certa compreensão por parte de Ulisses, ou seja, o deus mensageiro deu significado às intenções de Circe, pois que seria impossível ao viajante, por si só, compreender tais sortilégios.

1.2 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Esse modo de compreender a hermenêutica, como dito anteriormente, está relacionado com a ideia defendida por Palmer. Mas, o que seria interpretar? Antes de analisar este ponto tentar-se-á aqui fazer alguns apontamentos introdutórios. A hermenêutica se volta ao estudo e compreensão de textos. Isso não se limita apenas a questões técnicas de explicações, mas possibilita perceber o problema hermenêutico dentro de uma perspectiva de avaliar a própria interpretação, ou seja, um olhar desconfiado para si. O trabalho que Richard Palmer desenvolve em *Hermenêutica* (1986) aponta teses de autores sobre o tema em destaque, a saber: Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (1833-1911), Martin Heidegger (1889-1976), e Hans-Georg Gadamer (1900-2002). Esses pensadores não abordam a hermenêutica apenas dentro de modo de compreensão filológica, mas apontam a importância de uma visão fenomenológica, portanto, filosófica.

Para Schleiermacher, as ideias contidas tanto nos textos quanto nas apresentações orais não observariam somente aquilo que foi exposto pela letra ou palavra, mas buscariam a intenção daquele que as ideias expôs. O que importa num processo hermenêutico, segundo o filósofo, é buscar encontrar as motivações daquilo que foi dito. “A compreensão enquanto arte é voltar de novo a experimentar os processos mentais do autor do texto” (PALMER, 1986, p. 93). Schleiermacher percebeu que uma compreensão genuína não pode ser obtida somente pela simples observação das regras gramaticais. Aponta que as regras gramaticais defendidas por seus antecessores não permitem ao intérprete uma compreensão autêntica da realidade, sendo importante adicionar àquelas uma interpretação psicológica, “Assim a interpretação consiste em dois momentos interatuantes: o momento gramatical e o psicológico (do autor). O princípio em que assenta essa reconstrução, seja ela gramatical ou psicológica, é o círculo hermenêutico” (PALMER, 1986, p. 93).

Sendo assim, a interpretação gramatical se relaciona com a língua, tanto na composição das locuções como nas partes “interatuantes” de uma obra, e também com outras obras do mesmo tipo literário. De modo semelhante, as particularidades do autor e da obra têm que ser vistas no contexto dos fatos mais amplos de sua vida, contrastando com outras vidas e outras obras. Schleiermacher afirma que o aspecto individual de uma obra não deve ser reduzido a partir de uma análise formalista e estilista, devendo ser compreendido como aspecto fundamental de determinada pessoa, ou seja, o seu aspecto interior. Segundo Palmer, o resultado não é simplesmente uma hermenêutica filológica, mas uma hermenêutica geral, cujos princípios devem servir de base a todo tipo de interpretação de textos (PALMER, 1986, p. 50). Segundo o mesmo autor citado, esse modo de hermenêutica geral marca o início de uma hermenêutica não disciplinar, até então concebida. A hermenêutica de Schleiermacher se propõe a compreender as expressões orais ou escritas através de exame gramatical e psicológico. Isso quer significar que em qualquer interpretação parte-se de uma compreensão parcial do objeto interpretado e, em seguida, alcança-se o seu todo; do mesmo modo, uma compreensão dos detalhes ou partes dependeria do geral, ou seja, do todo. A isso chama-se “círculo hermenêutico”.

Por outro lado, Dilthey se propõe a estabelecer uma distinção entre as ciências da natureza e as do espírito. Método explicativo é o que caracteriza as ciências da natureza, sendo objetivas, e se propõem a serem precisas em suas assertivas. Se debruçam sobre causas e efeitos e, a partir disso, buscam uma compreensão e explicação da realidade objetiva e se esforçam em quantificar e mensurar a realidade investigada. Dilthey viu na hermenêutica a disciplina central que serviria de base a todas as ciências (PALMER, 1986). As ciências do espírito (filosofia, sociologia, história...etc.), o autor observa, fazem parte de abordagem compreensiva, ou seja, elas não separaram objeto pesquisado do pesquisador, o objeto pesquisado faz parte daquele que o pesquisa. Não há, desse modo, uma separação entre o pesquisador e o pesquisado. Para Dilthey, aquilo que as ciências humanas tencionam investigar tem, de certo modo, uma relação com aquele que investiga. Não há como fazer uma investigação sem voltar-se para si.

Dilthey defendia que a interpretação das expressões essenciais da vida humana, seja ela do domínio das leis, da literatura ou das Sagradas Escrituras, implica um ato de compreensão histórica, uma operação fundamentalmente diferente da quantificação, do domínio científico do mundo

natural; porque neste ato de compreensão histórica está em causa um conhecimento pessoal do que significa sermos humanos (PALMER, 1986, p. 50).

Desse modo, percebe-se uma importante contribuição de Dilthey para a hermenêutica, a saber: contribuição para as ciências humanas, destacando a separação entre compreensão e explicação. Com esse destaque, Dilthey se propõe a evidenciar diferenças entre o modo de agir das ciências humanas das empíricas.

Martin Heidegger, ao tratar do problema ontológico, voltou-se para o método fenomenológico do seu mentor, Edmund Husserl, e empreendeu um estudo fenomenológico da presença quotidiana do homem no mundo... Chamou a análise apresentada em *Ser e Tempo* 'uma hermenêutica do *Dasein*'. Neste contexto, a hermenêutica não se refere à ciência ou às regras da interpretação textual nem a uma metodologia para as *Geisteswissenschaften* mas antes a explicação fenomenológica da própria existência humana (PALMER, 1986, p. 51).

Assim, percebe-se que Heidegger compreende a hermenêutica não como uma reflexão sobre as ciências do espírito, mas procura entender o chão ontológico onde essas ciências se constroem, além de que sua base ontológica é buscada ao lado da relação do Ser com o Mundo, e não da relação com outrem, como pontua Dilthey. O compreender, para Heidegger, não se direciona unicamente a um fato, mas à possibilidade de Ser. "A análise de Heidegger indicou que a compreensão e a interpretação são modos fundantes da existência humana" (PALMER, 1986, p. 50). Neste sentido, a hermenêutica heideggeriana não se refere à ciência ou às regras da interpretação textual, muito menos a uma metodologia para as ciências do espírito, antes, porém, se volta à uma explicação fenomenológica da própria existência humana. Desse modo, pode-se identificar que para a hermenêutica heideggeriana a compreensão deixa de ser um atributo de quem interpreta e se torna um modo de existência.

Segundo Palmer,

A hermenêutica avança ainda mais um passo entrando na fase linguística, com a controversa afirmação de Gadamer de que "um ser que pode ser compreendido é linguagem". A hermenêutica é o encontro do Ser através da linguagem. Ultimamente Gadamer defendeu o caráter linguístico da própria realidade humana, e a hermenêutica mergulha nos problemas puramente filosóficos da relação da linguagem com o Ser, com a compreensão, a história, a existência e a realidade (PALMER, 1986, p. 52)

Gadamer vai apontar na linguagem uma importância fundamental para a compreensão hermenêutica. Além de desenvolver sua concepção diferente da de Heidegger no que diz respeito à ciência da interpretação, a hermenêutica vai propor uma espécie de universalização da problemática interpretativa, ou seja, segundo ele, toda compreensão já é, em si, uma interpretação, na medida em que recebe influência da história. Ele reconhece que somos influenciados pela história ainda que já disponhamos de saberes elaborados. Além do mais, sua atenção não se volta para a questão do ser, como em Heidegger, pois o ser de Heidegger não pode ser compreendido. Para Gadamer, o ser que pode ser compreendido está na linguagem. O conhecimento desse ser será sempre limitado devido a nossa condição de finitude e de termos esta consciência. Sendo a linguagem um ser que pode ser compreendido exatamente por fazer parte da história, mas este ser não é plenamente conhecido, como observado anteriormente, devido a nossa condição finita. Segundo Palmer:

Gadamer orienta o seu pensamento para a questão mais filosófica do que é a interpretação em si mesma; defende de um modo igualmente convincente que a compreensão é um ato histórico e que como tal está sempre relacionada ao presente. Sustenta que é ingênuo falarmos de interpretações objetivamente válidas, pois, fazê-lo implicaria ser possível uma compreensão que partisse de um ponto de vista exterior à história (PALMER, 1986, p. 55).

Gadamer faz com que a hermenêutica ganhe a condição de teoria filosófica podendo, assim, ser aplicada a todo o campo de reflexão da Filosofia. Assim, para Gadamer (apud PALMER, 1986, p. 52), o “ser que pode ser compreendido é linguagem”, concebendo que a sua hermenêutica é uma filosofia do ser, mas não o ser da tradição, ou seja, da metafísica, mas do ser da linguagem. Isso equivale a dizer que a compreensão do outro passa pelo diálogo na linguagem.

Faremos, a partir de agora, alguns apontamentos sobre a hermenêutica na visão de Palmer. A ciência hermenêutica, como estudo da compreensão, se volta para a compreensão de textos. Sua autenticidade se mostra questionável quando esta focaliza apenas a dimensão “técnica” de explicação de textos. Os objetos, por outro lado, podem facilmente ser compreendidos dentro de uma perspectiva metodológica reducionista da ciência mecanicista. As obras literárias, na contramão, se voltam mais para um método humanístico. “A hermenêutica enquanto metodologia da interpretação dos estudos humanísticos é uma fonte derivada que assenta na função ontológica primária da interpretação e a partir dela cresce” (PALMER, 1986, p. 134).

Em sua obra *Hermenêutica*, após desenvolver os conceitos de hermenêutica como *dizer, explicar e traduzir*, Palmer se volta para os aspectos etimológicos do termo, sobretudo ao questionamento: o que é interpretação? Diante de tal interrogação e visando o seu esclarecimento, o teórico apresenta sua crítica à determinada interpretação que teima na compreensão do mundo a partir da dicotomia sujeito-objeto.

Esta relação sujeito-objeto, a que Palmer faz críticas, se desdobra em pelo menos duas situações discutíveis: (1) concebe a obra como objeto; (2) o uso de métodos na compreensão da obra, o que afasta o leitor do texto.

Perguntar de um modo significativo o que acontece quando compreendemos uma obra literária significa ultrapassar a definição dominante da situação interpretativa em termos do esquema sujeito-objeto. Consideremos algumas das consequências gerais da aceitação do modelo sujeito-objeto no encontro interpretativo. Nesse contexto, quando o intérprete se defronta com uma obra literária, entende-se por consciência o encontro com o “objeto”. O estatuto do objeto é o de ser objeto para um sujeito, de modo que, em última instância, o seu estatuto, como o de tudo quanto existe, possa ser delineado até remontar à subjetividade e às operações reflexivas da mente: “A objetividade científica” por exemplo, situa-se no interior desse contexto interpretativo e sustenta que apenas pretende adquirir ideias “nítidas” e “claras” sobre esses “objetos” (PALMER, 1986, p. 226).

A crítica feita sobre esse esquema sujeito-objeto repousa na ideia de que a obra literária está lá fora, distante daquele que a apreende. A opinião que cada um tem da obra é considerada isoladamente da própria obra, e a interpretação tem a finalidade precípua de falar sobre a obra. Assim, as intenções daquele que faz a interpretação são consideradas separadas da obra, que se constitui numa espécie de ser separado da realidade do intérprete, e que tem sua própria dinâmica. Sendo assim, esse modo de compreender a obra faz dela um “ser avulso”, e o intérprete tem a missão de acessar esse ser por meio da análise textual.

Uma tal concepção da interpretação tende a equacionar compreensão e domínio conceitual. A obra, quando é concebida como objeto (em vez de ser como obra) torna-se simplesmente uma entidade sobre a qual adquirimos conhecimento através de uma concepção especializada, de uma dissecação e de uma análise. Uma abordagem desse tipo representa a transposição para a abordagem crítica, de uma abordagem técnica do mundo, abordagem que apenas procura conhecer o objeto para o dominar e controlar; com isso surge uma concepção profundamente errada da compreensão literária, pois o crítico encara a sua tarefa como uma tentativa de dizer como se constrói uma obra, como é que ela evolui, e por fim, como é que tem êxito (geralmente à base de contradições lógicas e de ironias”) (PALMER, 1986, p. 226).

Ora, o que se entende por essa observação é que, a interpretação literária, se contaminou com o modo científico de pensar, sua objetividade, sua “precisão”, tornando-se sem sentido o sentido histórico da análise textual. Como o próprio Palmer observa, a obra literária, quando é concebida como objeto em que o especialista faz uma dissecação, cortando seus pedaços, analisando cada parte isolada do todo. Neste sentido, a dissecação não vislumbra o universo dinâmico da obra literária, o diálogo. Na dissecação o “corpo” está morto. A literatura, no entanto, é viva e apresenta sua dinamicidade que escapa à objetividade técnico-científica. Daí surge a preocupação de Palmer que, para compreender um texto literário, é preciso romper com este esquema sujeito-objeto, por ser uma ficção realista. “Esquecemos que a obra literária não é um objeto manipulável, completamente à nossa disposição; é uma voz humana que vem do passado, uma voz à qual temos de certo modo que dar vida. O diálogo, e não a dissecação, abre o universo da obra literária” (PALMER, 1986, p.18). Palmer afirma que as obras literárias não podem ser consideradas como objetos de análise, como corpo dissecável, mas como textos que falam, que têm uma maneira de ser, criados por seres humanos e, cuja dialética, não se limita a questionar o texto, como bem observa o teórico:

O que precisamos na interpretação literária é uma interrogação dialética que não se limite a questionar o texto, mas que permite que o que é dito no texto também coloque interrogações, pondo em causa o horizonte do intérprete e produzindo uma transformação fundamental da compreensão que temos do tema (PALMER, 1986, p. 235).

Desse modo, a interpretação literária não deve se limitar apenas na dimensão aristotélica formal, com suas divisões antecipadamente assinaladas, mas a partir de um diálogo. Assim, a tarefa da interpretação é estabelecer um elo sobre as extensões históricas e permitir que a compreensão de uma obra literária não se configure apenas em injetá-las com questões, mas tentar compreender aquilo que é posto a quem lê. Deve-se com isso considerar que a interpretação é histórica, sendo importante para a compreensão da literatura a ordem de temporalidade. Isso pelo fato de a obra literária, segundo Palmer, se direcionar a todos nós enquanto pessoas que representamos, ou seja, a literatura não se limita apenas às questões conceituais, mas abrange experiências.

1.3 PAUL RICOEUR E SUA HERMENÊUTICA

Depois de fazer esses breves destaques sobre a hermenêutica, cabe agora fazer alguns apontamentos sobre a hermenêutica de Paul Ricoeur e de como ela se diferencia das demais, mostrando sua especificidade naquilo que a caracteriza. Paul Ricoeur, sem dúvida, é um dos filósofos mais importantes do século XX. Pontuaremos a partir de então o que ele diz em uma de suas obras: “*Qu'est-ce qui reste à interpréter? Je répondrai: interpréter, c'est expliciter la sorte d'être-au-monde déployé devant le texte*” (RICOEUR, 1985, p.114). Na nossa tradução: “O que resta a interpretar? Eu responderia: interpretar é explicar o modo de ser no mundo desenvolvido ante o texto”. Nas palavras do hermenêuta, interpretar está relacionado ao modo de ser-no-mundo diante do texto. A hermenêutica, por este prisma, trata de interpretar a vida em suas origens e suas várias manifestações, buscando possibilidades de caminhos que visam responder as grandes questões que incomodam o espírito humano e se constituem numa transcendência do si mesmo. Pode-se afirmar que a hermenêutica se situa dentro de uma perspectiva humana, onde a compreensão se traduz numa característica existencial e fundamental da existência: o ser humano vivencia sua experiência num elo ininterrupto de interpretações. Ricoeur lança o ser humano dentro de uma dinâmica de compreensão de si mesmo nos outros e com os outros, abrindo seu modo de ser diante do mundo através de mediações, entre as quais os textos escritos se constituem numa dessas.

Segundo Ricoeur (1978), a hermenêutica é um norte metodológico cuja finalidade é possibilitar a compreensão de obras teóricas ou poéticas e evidencia-se como uma ferramenta para a compreensão de discursos filosóficos, artísticos e científicos. Assim, a hermenêutica se mostra como instrumento de compreensão do discurso ou da ação. Uma das funções da linguagem é descrever, revelar e também criar realidades. Todavia, a linguagem e o real são intercedidos ou intermediados por símbolos, imaginário, mito e poesia, que se configuram nos textos, documentos e monumentos. Percebe-se, por este ângulo, que a linguagem é fundamental para a compreensão das áreas de estudo da filosofia e da literatura. Isso porque, sua *ontologia quebrada* vai enfatizar esse aspecto da linguagem como elemento integrante da hermenêutica. Na busca de uma síntese sobre o método interpretativo de Paul Ricoeur, poderíamos pontuar que o mesmo visa a construção de uma hermenêutica crítica, através da idealização de um intrincado e intenso processo de

desmistificação do *sentido* das expressões humanas para que se caminhe na direção da restauração desse mesmo sentido. De acordo com Amaral:

A ontologia quebrada se estabelece através do que ele chamou de via longa, ou seja, a sua hermenêutica não visa a interpretação direta da experiência do ser, mas a interpretação indireta, realizadas por meio de suas expressões, por exemplo, por sua linguagem (AMARAL, 2008, p. 73, grifos do autor).

A ideia clássica da hermenêutica de interpretação se propunha a desvelar o conteúdo do texto. Por esta compreensão, cada vocábulo possuía um significado fixo oferecido pelo autor, motivado, na maioria dos casos, pelo sentido primeiro etimológico. Nessa acepção, a função precípua do hermeneuta se processava apenas com a intenção de identificar o sentido “certo” do autor. Contudo, a linguística provou a arbitrariedade dos signos separando as significações e suas bases concretas, os significantes.

Para Ricoeur, é na linguagem, primeiramente e constantemente, que se exprime toda e qualquer compreensão ôntica e ontológica². É mediante a linguagem, portanto, que o pensador francês busca o acesso à existência. Para tanto, ele, com sua *ontologia quebrada*, trilha o seguinte itinerário hermenêutico sobre a linguagem: do plano semântico ao plano reflexivo e deste, ao plano existencial, conforme assevera Amaral (2008).

Amaral (2008) afirma ainda que uma interpretação ao nível tão somente da semântica permanece “no ar”, pois que, a compreensão subjetiva dos diversos sentidos que uma expressão pode trazer, não garante a precisão para a sua elucidação. Ao lado da abordagem semântica, segundo o autor, é necessário realizar uma abordagem reflexiva, de modo que a elucidação da expressão culmine na sua realização existencial, conforme pontua Ricoeur:

[...] o sujeito que se interpreta, interpretando os signos, não é mais o Cogito: é um existente que descobre, pela exegese de sua vida, que é posto no ser antes mesmo que se ponha ou se possua. Dessa forma, a hermenêutica descobriria um modo de existir que permaneceria de ponta a ponta ser-interpretado. (1978, p. 13).

² O ôntico diz respeito ao *ente* e o ontológico diz respeito ao *ser*.

Segundo Ricoeur, o cogito não é mais detentor da interpretação, isso porque o conhecimento que se tem sobre si mesmo é duvidoso, o que não difere da dúvida que se tem sobre o conhecimento dos objetos e das coisas. Daí a necessária mediação através dos signos visando tornar possível a compreensão de si. Essa natureza de signo que mediatiza, é, para o hermenêuta francês, o universo dos símbolos, das expressões de duplo sentido ou múltiplo sentido, em que dizendo uma coisa dizemos outra, quando designamos um sentido indireto pelo sentido direto. O símbolo possui, assim, uma dupla intencionalidade.

No plano semântico, Ricoeur pontua que a busca de sentido é o elemento comum a toda e qualquer hermenêutica geral ou particular. É nesse plano que ele constata a constituição da “arquitetura do sentido”, ou seja, a manifestação do múltiplo sentido, cuja função é mostrar-se ocultando-se. É exatamente aí que paira a análise da linguagem, em que a semântica do mostrado-oculto e das expressões multívocas precisa passar pelo discernimento da hermenêutica. Por isso, o símbolo apela e exige um trabalho de interpretação e é aqui que se situa o campo e a tarefa da hermenêutica. O símbolo é, pois, uma relação de sentido a sentido, uma arquitetura de sentido e é uma forma de compreender o mundo e a si mesmo, conforme observa Ricoeur:

Comprendre le monde des signes, c'est le moyen de se comprendre ; l'univers symbolique est le milieu de l'auto-explication ; en effet, il n'y aurait plus de problème de sens si les signes n'étaient pas le moyen, le milieu, le médium, grâce à quoi un existant humain cherche à se situer, à se projeter, à se comprendre³ (RICOEUR, 1969, p. 260).

Aliás, sem o símbolo não seria possível o despertar do pensamento que nos faz pensar, analisar e compreender determinadas coisas, o discurso seria sem sentido, desprovido de significados, vazio, abstrato e vão. Na verdade, só se compreende de forma mediatizada. Assim sendo, segundo Ricoeur, o símbolo nos oferece algo que possibilita a reflexão filosófica. Amaral (2008) observa que para chegar ao plano reflexivo, Ricoeur faz algumas observações, de modo que fique claro que é necessário superar a absolutização da linguagem para que alcancemos de fato a dimensão existencial, como afirma Ricoeur: “Ora, essa hipótese da linguagem

³ "Compreender o mundo dos símbolos é a maneira de se compreender; o universo simbólico é o meio da auto explicação; na verdade, não haveria mais problema de significado se os símbolos não fossem o meio por meio do qual o humano procura se situar, se projetar, e se compreender" (tradução minha).

nega a intenção fundamental do signo, que é a de valer por..., portanto de ultrapassar-se e suprimir-se naquilo a que visa. A própria linguagem, enquanto meio significante, exige ser referida à existência” (RICOEUR, 1978, p. 18).

Nesse sentido, é necessário que se considere uma etapa intermediária entre o plano semântico e o plano existencial, a saber, o plano reflexivo, como afirma Amaral: “o plano reflexivo possibilita o encontro entre a compreensão dos signos e a compreensão de si do leitor/intérprete (AMARAL, 2008, p. 75). É nesse detalhe que reside a possibilidade de nos reconhecermos como existentes. Depois de restaurado o elo entre compreensão dos signos e a compreensão de si, o pensador francês resgata a dimensão da interpretação. Ora, isso leva-nos a considerar o problema relacionado à distância, pois quem lê ou interpreta o texto reconhece o seu sentido, conforme pontua Amaral: “com a superação dessa distância, o intérprete apropria-se do sentido do texto, ou seja, o texto torna-se um *outro seu*. Dessa forma, o intérprete exercita a alteridade pela compreensão do outro, passa a compreender melhor a si mesmo” (AMARAL, 2008, p.75). A hermenêutica, para Ricoeur, “é a compreensão de si mediante a compreensão do outro”. Isso porque sua filosofia parte de uma reflexão prática. Assim, a filosofia reflexiva de Ricoeur não é uma filosofia da reflexão abstrata, mas uma filosofia da reflexão concreta, como ele próprio afirma: “Telle est mon hypothèse de travail philosophique: je l’appelle la réflexion concrète, c’est-à-dire le Cogito médiatisé par tout l’univers des signes.”⁴ (RICOEUR, 1969, p. 260). Para Ricoeur, o cogito é mediatizado pelos signos, daí o plano reflexivo apresentado por ele recoloca a dimensão da existência, pois diz respeito ao esforço da tentativa de se compreender melhor o ser através das obras e de atos que são sempre *experiências* que culminaram em *expressões* dessa mesma existência, conforme diz Amaral: “O plano reflexivo resguarda a dimensão da crítica corretiva a essa má interpretação. No *plano existencial* é que nos deparamos com o engajamento do método original de Ricoeur, ou seja, com a sua hermenêutica original” (AMARAL, 2008, p. 77, grifo do autor).

Para Ricoeur, compreender é sempre compreender-se. Mas isso só é possível pela mediação do compreender o mundo, o ser, a vida. Não há assimilação direta do

⁴ “Tal é a minha hipótese de trabalho filosófico: eu a chamo de a reflexão concreta, ou seja, o Cogito mediatizado por todo o universo dos signos” (tradução minha).

si, o cogito cartesiano é uma certeza sem verdade. Vale observar que o sujeito se perde para poder encontrar-se, conforme afirma o pensador: “il faut perdre la conscience pour trouver le sujet”⁵ (RICOEUR, 1969, p. 172). Assim, sua interpretação não é uma interpretação vazia, abstrata, mas relacionada à existência humana. Segundo Amaral, “a hermenêutica de Ricoeur não se realiza a partir do próprio ser humano, mas a partir de suas marcas, de suas obras, de sua linguagem, e, em última instância, de seus textos” (AMARAL, 2008, p. 77). Desse modo, sua reflexão hermenêutica se configura de modo indireto, não a partir dos seres humanos, mas de suas expressões, por seus textos produzidos. Conforme autor citado, pode-se afirmar que a *ontologia quebrada* de Paul Ricoeur não se afasta da interpretação porque ambas formam um círculo hermenêutico em que o trabalho da interpretação é realizado ao mesmo tempo em que o ser é interpretado. Percebe-se com isso que a *ontologia quebrada* do hermeneuta francês não é uma ontologia triunfante, nem tampouco se constitui numa ciência, porque está sempre se submetendo ao risco de ela própria ser interpretada. E isso não demonstra debilidade; pelo contrário, Ricoeur afirma que qualquer “jogo de linguagem tem como fundamento uma experiência existencial específica” (RICOEUR, 1978, p. 24). Assim, a *ontologia quebrada* de Paul Ricoeur acontece *mais ali*, num futuro próximo, no qual se vislumbra a realidade, sem, no entanto, alcançá-la.

1.4 A AMPLIAÇÃO DA NOÇÃO DE TEXTO

Como observado, a hermenêutica de Ricoeur destaca-se na tradição hermenêutica ocidental, especialmente, pela originalidade que ele atribui à noção de *texto*. A partir desse sentido amplificado ao sentido tradicional de texto é que podemos, de fato, verificar as contribuições que a hermenêutica ricoeuriana trouxe à hermenêutica contemporânea.

Antes de Paul Ricoeur, observava-se no modo tradicional da hermenêutica a tentativa de buscar por meio do texto os sentimentos, a atmosfera, a postura do autor quando este produziu o texto. Segundo Amaral (2008), o objetivo era, mediante a interpretação, reviver a emoção vivenciada pelo autor do texto, para daí alcançar a sua exata compreensão.

⁵ “É necessário perder a consciência para encontrar o sujeito” (tradução minha).

Ricoeur vê nessa postura hermenêutica uma tarefa inglória e, acima de tudo, mistificadora. Para ele, a tarefa da hermenêutica não é resgatar o autor do contexto em que o texto foi escrito, mas, num primeiro momento, partir do texto presentificando-o, situando-o no seu novo contexto, que é o nosso. É necessário, assim, que, numa fase primeira da interpretação, levemos em conta a *estrutura* do texto e não o *evento* que diz respeito ao seu acontecimento original (AMARAL, 2008, p.78, grifos do autor).

Na concepção de Ricoeur, voltar às emoções passadas, bem como sentir o que o autor do texto sentiu ao produzir determinados textos, não só se constitui numa tarefa malograda, mas, sobretudo, impossível. Voltar ao passado e mergulhar naquilo que em épocas específicas motivou o autor do texto a produzir o que produziu, soa como algo folclórico, além de irreal. Como se revive a mesma emoção? Trata-se de algo estritamente subjetivo. Daí a preocupação de Ricoeur em abrir mão desse modo hermenêutico, visto ser malfadado a sua concretude.

Desse modo, Ricoeur propõe uma hermenêutica que se lance primeiramente a se fundar numa base linguística, como o mesmo afirma: “[...] não seria na *linguagem* que deveríamos buscar a indicação de que a compreensão é um modo de ser?” (RICOEUR, 1978, p. 13, grifo do autor). Fica claro que o pensador francês não se ocupa em resgatar os sentimentos que o autor dos textos teve à época de sua produção, mas na linguagem, conforme se observa a seguir: “É antes de tudo – e sempre – na linguagem que vem exprimir-se toda a compreensão ôntica ou ontológica. Portanto, não é vão procurarmos ao lado da semântica um *eixo* de referência para todo o conjunto do *campo hermenêutico*” (RICOEUR, 1978, p. 14, grifos do autor). Nas palavras de Amaral “o objeto da hermenêutica ricoeuriana será o texto num sentido ampliado, que tanto pode estar nos símbolos presentes nos sonhos e nos mitos, como nos símbolos sociais representados pela ideologia ou, ainda, nos textos literários” (AMARAL, 2008, p. 79). Ou seja, compreende-se nessa perspectiva o ôntico e o ontológico. O primeiro diz respeito ao ente, ao imanente, ao fenomênico em si, àquilo que aparece, que se mostra aos sentidos. O segundo diz respeito ao ser, ao que está por trás e além do fenomênico. O ontológico pressupõe sair do comum e buscar enxergar o que nem todo mundo vê. Por este modo de entendimento, Ricoeur se pronuncia do seguinte modo: “A interpretação, diremos, é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal” (RICOEUR, 1978, p. 15). Logo, o trabalho do pensamento, segundo Ricoeur, seria

decifrar o sentido oculto no sentido aparente. Ora, mas o que seria então decifrar? Uma das definições possíveis seria: ler ou compreender uma coisa obscura. Mas obscuro sugere algo difícil de entender, confuso. No entanto, segundo Ricoeur, esse seria o trabalho do pensamento que, através da linguagem, pode dar sentido ao mundo. Isso sugere que a linguagem é o cerne da hermenêutica, sendo aquilo que dá sentido, num processo que “mostra-se e oculta-se”. Neste sentido, faz-se necessário o uso da linguagem, da palavra para retomar ao mundo, como afirma Ricoeur:

É na linguagem que o cosmos, que o desejo, que o imaginário acedem à expressão. Sempre é necessária uma palavra para retomar o mundo e convertê-lo em hierofania. Da mesma forma, o sonho permanece fechado a todos, enquanto não for levado pelo relato ao plano da linguagem (RICOEUR, 1978, p. 15).

Desse modo, a linguagem estabelece uma estreita relação com a interpretação, cujo cenário se constitui em buscar traduzir “expressões de vida fixadas linguisticamente” (apud AMARAL, 2008, p.79). Segundo Ricoeur, “dentro do discurso escrito, a intenção do autor e o sentido do texto deixam de coincidir “[...] a carreira do texto escapa ao horizonte finito vivido pelo autor” (apud AMARAL, 2008, p. 80). A não propriedade exclusiva do texto por parte do autor faz com que o mesmo seja compreendido também pelo intérprete que lê. Desse modo, abre-se possibilidades ao universo interpretativo no sentido de recriar, de “reinventar” o mundo, o que faz brotar novos sentidos “a partir dos sentidos já fixados”. Noutros termos:

O texto escrito, ao estabelecer-se para a permanência, abre infinitas possibilidades de universalização espacial e temporal no que diz respeito ao alcance de seus destinatários. Ao contrário da limitação estabelecida entre parceiros pelo discurso falado, o texto escrito é capaz de atravessar fronteiras linguísticas inimagináveis (AMARAL, 2008, p. 80).

Nesse sentido, o discurso falado carrega suas próprias limitações, o que não acontece com o texto escrito, “que é capaz de atravessar fronteiras linguísticas inimagináveis”. Assim, afirma Amaral:

Ricoeur faz uma analogia entre o texto e a ação intencional. A ação intencional assim como o texto pode assumir uma forma fixa e esta forma fixa pode se converter em sentidos provocadores de ações efetivas. O mediador desse trânsito todo é a interpretação e suas reverberações (AMARAL, 2008, p. 80).

Essa atitude, segundo o pensador francês, vai trabalhar, além da autonomia do texto, a autonomia do sentido. Isso equivale a dizer que na dinâmica interpretativa deve-se levar em conta a autonomia de sentido, o que faz uma ação transcender o contexto social em que foi originada, até a possibilidade de ser reapropriada de forma diferenciada, em novos contextos sociais. Isso faz com que o sentido de um texto seja um sentido de uma ação aberta que espera ser sempre novamente determinado (AMARAL,2008).

1.5 COMPREENSÃO E A EXPLICAÇÃO

Após fazer essa breve análise da ampliação da noção de texto, faz-se necessário abordar outro aspecto de igual importância na hermenêutica de Paul Ricoeur, a saber a *compreensão e a explicação*. Para tanto, seria importante, inicialmente, atentar para aquilo que Ricoeur interroga: “[...] o que é compreender um discurso quando tal discurso é um texto ou uma obra literária? Como deciframos o discurso escrito?” (RICOEUR, 1987, p. 83). Segundo Amaral:

Uma das maiores contribuições de Ricoeur, a partir da amplificação que ele deu à noção de *texto*, foi a superação da dicotomia estabelecida pela hermenêutica tradicional entre as noções de *compreensão e explicação*. Ao invés da oposição posta entre esses termos, Ricoeur vai trabalhar com ambos numa perspectiva dialética (2008, p. 82, grifos do autor).

Ricoeur contribuiu para a superação da dicotomia existente em função da noção de ampliação de texto. Voltando ao que o pensador francês indagou: “o que é compreender um discurso quando tal discurso é um texto?” A respeito desse assunto ele nos esclarece a partir do seguinte fragmento:

[...] proponho descrever essa dialética, primeiro, como um movimento da compreensão para a explicação e, em seguida, como um movimento da explicação para a compreensão. Da primeira vez, a compreensão será uma captação ingênua do sentido do texto enquanto todo. Da segunda, será um modo sofisticado de compreensão apoiada em procedimentos explicativos. No princípio, a compreensão é uma conjectura. No final, satisfaz o conceito de apropriação [...] como a resposta de uma espécie de distanciamento associada à plena objetivação do texto. A explicação surgirá, pois, como a mediação entre dois estádios da compreensão (RICOEUR,1987, p. 86).

Sabe-se que a explicação pertence ao campo das ciências naturais, com procedimentos próprios, observações, verificando se suas hipóteses estão dentro

daquilo que foi anteriormente pensado, que obedecem a leis naturais, típico de generalizações empíricas. Esse modo de compreender o texto se mostra limitado tendo em vista o caráter objetivo. Por outro lado, quando se observa a compreensão, seu campo de atuação acontece dentro das ciências humanas, na qual se leva em conta as expressões e criações humanas, suas experiências, subjetividades e possibilidades de várias abordagens. Isso quer dizer que a compreensão, segundo Ricoeur, é para a leitura o que o evento é para a enunciação do discurso, e que a explicação é para a leitura o que a autonomia verbal textual é para o sentido objetivo do discurso (RICOEUR, 1987, p. 83). Segundo o pensador francês, quando explicamos algo para alguém, é para que esse alguém tenha a compreensão desse algo. E essa compreensão leva esse alguém a explicar a outrem. Desse modo, a compreensão é mediada por uma interpretação, o que se evidencia nos diálogos do dia a dia. Explicar e compreender não se dissociam. Quando não se compreende algo, pedimos para que aquele algo seja explicado. Ao ser explicado novamente o assunto, tal explicação permite-nos compreender melhor aquilo que até então não havíamos compreendido bem. Isso porque as palavras numa conversação, assim como os textos, possuem sentidos diversos, isso equivale a dizer que nenhuma interpretação se esgota, dado a multiplicidade de sentidos que o texto possibilita. Isso supera a dicotomia existente entre compreensão e explicação, como observa Amaral:

Para a superação dessa dicotomia apresentada pela hermenêutica tradicional, Ricoeur propõe uma via mediadora: a interpretação. Ricoeur visa com a interpretação superar a polaridade entre compreender e explicar, transformando-a numa dialética mediadora. Nesse sentido, a interpretação, apesar de ser, a princípio, uma particularidade da compreensão, não deve se restringir a aplicar-se apenas às “expressões escritas da vida”, mas deve buscar abarcar o todo do processo que envolve a explicação e a compreensão, instaurando, assim, aquilo que Ricoeur chamou de “a dinâmica da leitura interpretativa” (AMARAL, 2008, p. 83).

As múltiplas possibilidades que estão abertas no texto são inesgotáveis. Essa dialética mediadora tem o seu primeiro momento naquilo que, segundo Ricoeur, é a passagem da *conjetura à validação*. Neste sentido, o discurso colocado no texto escrito aponta diferenças entre o sentido original e as novas leituras feitas, conforme expressa Amaral: “o discurso efetivado no texto escrito faz com que o seu sentido original não mais coincida com as novas leituras que lhes são feitas” (2008, p. 84). Da produção inicial do texto, ao tempo em que o mesmo se mostra, há um espaço temporal que limita o que de fato o texto disse à sua época. Desse modo, o texto

passa a ser mudo na medida em que há apenas uma voz falando pelos dois personagens: a do leitor. Isso porque o autor já não está mais presente, e portanto, não pode mais falar por si. Por este modo de compreensão, há uma relação desigual, assimétrica entre o texto e o leitor. Esse processo mostra que a compreensão ainda permanece no contexto das conjeturas, pois “a intenção do autor ficou distante do nosso alcance”. Assim, quando se faz a interpretação somente ao nível das conjeturas, a interpretação fica passível a erros e mal-entendidos diversos, dado a distância temporal do contexto onde o autor estava. Segundo Ricoeur, “construir o sentido verbal de um texto é construí-lo como um todo” (RICOEUR, 1987, p. 88). Construir o sentido verbal de um texto é buscar sua validação, sendo o próximo passo a seguir:

A transição da conjetura para a validação do texto é possibilitada pela investigação do objeto específico da conjetura, qual seja, a construção de seu sentido verbal. Alcançado o primeiro momento da dinâmica da leitura interpretativa, ou seja, respondida a primeira questão de porque precisamos conjeturar a fim de compreender, é necessário, agora, questionar: o que se conjetura ao compreender? (AMARAL, 2008, p. 84).

Isso porque Ricoeur entende que um texto, enquanto uma obra de discurso “é mais que uma sequência linear de frases; é um processo cumulativo, holístico” (RICOEUR, 1987, p. 88), o que significa dizer que o texto, enquanto obra, possui uma plurivocidade textual que abre possibilidades para uma plurivocidade de construções de sentido. Desse modo, o caráter polissêmico do texto está sincronizado com suas partes, dada sua multiplicidade de sentidos, como já observado anteriormente. Essa leitura plural transcorre pelo todo em relação às suas partes, como afirma Ricoeur:

Concretamente, o todo aparece como uma hierarquia de tópicos primários e subordinados que, por assim dizer, não se encontram à mesma altura, de modo que fornece ao texto uma estrutura estereoscópica. Por conseguinte, a reconstrução da arquitetura do texto toma a forma de um processo circular, no sentido de que no reconhecimento das partes está implicada a pressuposição de uma espécie de todo. E, reciprocamente, é construindo os menores que construímos o todo (RICOEUR, 1987, p. 89).

Poder-se-ia indagar o que seria um texto na acepção de Paul Ricoeur. A isso ele mesmo responde: “Appelons texte tout discours fixé par l’écriture”⁶ (RICOEUR, 1970, p. 181). O texto, segundo Ricoeur, é independente das intenções subjetivas do

⁶ “Chamamos texto todo discurso definido por escrito” (tradução minha).

autor, o texto fala por si, o texto é autônomo. No processo da leitura o autor do texto está distante. Esse modo de analisar o texto vai na contramão daquilo expresso na hermenêutica de Dilthey e Schleiermacher, isso porque o texto passa a ganhar sua autonomia e o seu autor está morto, como afirma o próprio Ricoeur: “J’aime dire quelque fois que lire un livre c’est considérer son auteur comme déjà morte et le livre comme posthume”⁷ (RICOEUR, 1970, p. 183). Ou seja, para o hermeneuta francês, o autor do livro está morto, levando a considerar apenas o seu livro num determinado futuro. Daí a importância do sentido e da referência, como afirma Amaral:

Um primeiro aspecto a ser esclarecido em relação à referência é que esta se caracteriza como a plenitude da capacidade de um discurso escrito se exteriorizar para além de seu próprio domínio, o da linguagem. Isso ocorre, de acordo com a perspectiva ricoeuriana, pelo fato de o sentido impresso num texto não ser um atributo exclusivo da idealidade da intenção autoral, mas, sobretudo, pela realidade que a enunciação textual não cansa de evocar, a do contexto para quem ela se dirige pelo ato de leitura (AMARAL, 2008, p. 86).

Se por um lado sabemos que o autor do texto está morto, conforme afirma Ricoeur, o sentido é importante porque não se limita apenas à intenção do autor. Ora, mas o próprio Ricoeur também se recusa a se fechar apenas no universo do sentido, na idealidade do sentido, e estabelece a ligação do sentido à referência porque só assim se pode falar da verdade da obra e, por este ângulo, restabelece o valor ontológico da obra. Segundo Ricoeur, a linguagem tem uma função ontológica. As expressões escritas ou frases não dizem apenas alguma coisa, ou seja, a frase vai para além do seu sentido. Assim, a intenção precípua da linguagem é dizer algo sobre algo, com a devida referência, fazendo com que os dois conceitos sejam inseparáveis entre si. Se a frase eleva a problemática do referente ela levanta também a questão do sujeito que fala. Seguindo esse raciocínio, o objetivo maior da linguagem é dizer algo sobre algo, então a linguagem não é fundamento nem é objeto, mas é intercessão, é o *milieu*, o meio no qual e pelo qual o sujeito se põe a si mesmo e se mostra no mundo. Num texto o que há que interpretar é a sua proposta de mundo. Desse modo, a hermenêutica não busca as intenções psicológicas do autor veladas no texto, busca, sim, interpretar e mencionar o mundo que ele mostra, visto o texto

⁷ “Eu gosto dizer algumas vezes que ler um livro é considerar o seu autor como morto e o livro como póstumo” (tradução minha).

convidar a uma leitura e interpretações diversas, plurais, revelando a dinamicidade de sentido que existe nele. Amaral esclarece essa questão da seguinte maneira:

Uma das dificuldades primordiais da função referencial do texto escrito é a impossibilidade de um encontro contextual comum entre escritor e leitor. Embora as expressões grafadas numa obra possam ser lidas e interpretadas, a realidade a partir das quais elas foram forjadas não permitem mais a revivescência do ambiente e das situações que a originaram (AMARAL, 2008, p. 87).

Segundo Ricoeur, a ausência de um ambiente recíproco entre aquele que escreve a obra e aquele que a lê, apresenta implicações positivas e negativas. Por um lado, afirma o pensador francês, implica uma relação do referido à realidade. A linguagem tem um mundo, mas não todo mostrado, apenas designado, tornando-se uma abstração a realidade envolvente (RICOEUR, 1987, p. 92). Para Amaral, a abstração do mundo que nos envolve possibilitada pela realização do discurso escrito, suscita duas tomadas de decisões que se opõem no ato da leitura:

a) A permanência num estado de distanciamento completo entre a leitura da obra e o que ela poderia referenciar a situações reais, em relação ao autor e/ou ao leitor, e b) a refiguração de forma imaginativa das potências referenciais presentes no texto, no contexto em que a leitura da obra é realizada (AMARAL, 2008, p. 87).

De acordo Ricoeur (1987, p. 92), no primeiro momento compreende-se o texto como algo desprovido de mundo. No outro momento, criamos uma nova referência ostensiva. Ou seja, no ato de leitura o autor está ausente. É o que poderemos chamar de morte ou eclipse do autor. Seguindo esse raciocínio Ricoeur se pronuncia do seguinte modo: “[...] o texto é apenas um texto e a leitura habita-o apenas como um texto, graças à suspensão do seu sentido para nós e à postergação de toda a atualização por meio de um discurso contemporâneo (RICOEUR, 1987, p.95).

Essa complementariedade diz respeito ao fato de que o sentido de um texto não está por detrás do próprio texto, mas à sua frente. Já se sabe que a hermenêutica não busca as intenções psicológicas do autor, mas busca interpretar e explicitar o mundo que ele mostra. É que o texto convida a uma leitura e interpretações múltiplas, revelando o potencial de sentido que está inserido nele. O que importa, segundo

Ricoeur, “é compreender não a situação inicial do discurso, mas o que aponta para um mundo possível” (RICOEUR, 1997, p. 99) ou seja,

O sentido de um texto não está por detrás do texto, mas à sua frente. Não é algo de oculto, mas algo de descoberto. O que importa compreender não é a situação inicial do discurso, mas o que aponta para um mundo possível, graças à referência não ostensiva do texto. (RICOEUR, 1987, p. 99).

Ora, o que Ricoeur se propõe mostrar é a reciprocidade e complementaridade entre explicação e compreensão, ou seja, que há uma dialética da compreensão, pois que há uma compreensão que exige ser explicada para melhor ser compreendida, o que resulta no processo dialético. Segundo Amaral (2008), esses “horizontes potenciais” do texto têm a ver com o papel dos “sentidos segundos” que o texto potencializa por meio da linguagem metafórica e da linguagem simbólica. Sendo assim, o texto é afetado pelas linguagens e possibilita inúmeras leituras. Vale observar que o mais importante nesse processo que vai da compreensão à explicação e da explicação à compreensão não diz respeito a ambos os termos, “Ricoeur não abre mão é do percurso que leva uma à outra, pois acredita que só dessa maneira, a superação da dicotomia entre compreensão e explicação se efetiva” (AMARAL, 2008, p. 89).

Desse modo, quando Ricoeur coloca a dimensão da compreensão como o último momento de sua dinâmica interpretativa da leitura, quer justamente apontar não a palavra definitiva, mas a abertura a outras possibilidades, pois é na linguagem que o mundo e o humano se dizem, como o próprio Ricoeur afirma:

Tal é a referência produzida pela semântica de profundidade. O texto fala de um mundo possível e de um modo possível de alguém nele se orientar. As dimensões deste mundo são propriamente abertas e descortinadas pelo texto. O discurso é, para a linguagem escrita, o equivalente da referência ostensiva para a linguagem falada. Vai além da mera função de apontar e mostrar o que já existe e, neste sentido, transcende a função da referência ostensiva, ligada à linguagem falada. Aqui, mostrar é ao mesmo tempo criar um novo modo de ser (RICOEUR, 1987, p. 99).

O texto, para o hermenêuta francês, fala de um mundo possível, não somente de se orientar, mas de interagir de modo indefinido, totalmente aberto, possibilidades expostas àquele que se atreve a mergulhar na multiplicidade de sentidos e significados que o mesmo possibilita.

1.6 UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE A MORTE NA PERSPECTIVA DE PAUL RICOEUR

Quando observamos jovens de treze, catorze anos no auge do seu despertar para a realidade estudantil, com energias físicas de sobra, desistindo da vida frente às intempéries que ela mesma propõe, imaginamos uma geração que perdeu a perspectiva de sonhar com dias melhores, que perdeu a possibilidade de viver uma vida dinâmica, plena e desafiadora. Muitos desses jovens dão a impressão que se entregaram rapidamente ao suicídio, um tipo de morte cada vez mais em evidência nessa faixa etária. Jovens que lutam insistentemente consigo mesmos, seja na depressão, no medo, na angústia, na solidão, na dependência de álcool ou drogas, ou nas dúvidas, tão comuns neste período da vida. Fatores sociais como estresse, *bullying* escolar, pobreza, situações familiares violentas ou complexas, também podem levar os jovens ao suicídio. Segundo o psiquiatra americano Ari Kiew, as pessoas que estão pensando em suicidar-se o que “elas querem é não viver, se isto significa continuar a sofrer” (KIEW, 1982, p. 5). Entende-se com isso que esses jovens não querem morrer, mas viver. Essa limitação em lidar com a possibilidade da vida enfrenta barreiras antes os desafios já apontados, como a falta de estratégia para enfrentar seus principais dilemas existenciais. Desse modo, a existência, para esses jovens, parece ter perdido seu real significado, sua inteligibilidade, sua justificação.

Frente a essa problemática jovem, cabe aqui apresentar um homem idoso, filósofo já experimentado pelos dias, que mesmo vivenciando as mais duras experiências da vida consegue manter a vida ativa, com perspectivas animadoras sobre os labirintos das experiências no cotidiano. Paul Ricoeur luta com a esperança de sobreviver enquanto estava deitado na impossibilidade intelectual, onde muitos possivelmente desistiriam da vida sem a mínima insistência. A perseguição pela vida era tanto que, aos seus noventa anos se manifesta do seguinte modo: “existe a simples felicidade de ainda estar em vida e, mais que tudo, o amor à vida, compartilhado com aqueles que eu amo, enquanto ela me é dada” (RICOEUR, 2012, p. 94).

Tal otimismo frente às circunstâncias piores possíveis, leva-nos a compreender que Ricoeur pode contribuir nessa discussão do suicídio de jovens, uma vez que o referido filósofo durante seu exitoso percurso enfrenta situações que levaria qualquer pessoa a desistir da vida, como os sofrimento advindo da saúde de Simone

Ricoeur, sua esposa, que se extinguiu suavemente, vítima de uma doença degenerativa. Mas ele não esmoreceu um só minuto: “Mas a angústia que Paul experimentava era tamanha que precisava, ao contrário, para continuar vivo, multiplicar os encontros, as viagens, os compromissos de trabalhos” (RICOEUR, 2012, p. 92). Tal era o desafio considerável que o filósofo em momento algum passou a ideia de que a vida deve ser desistida por aqueles que vivenciam experiências negativas, como solidão, depressão, enfermidade, limitações físicas e angústias. Seus problemas, no entanto, não cessaram de acontecer. No verão de 2003 sua situação física ainda piora, quando “uma brusca alta da pressão lhe fez perder a visão de um olho, o que causou não apenas a dificuldade de ler que pode imaginar, mas também a perda do equilíbrio necessário para andar” (RICOEUR, 2012, p. 94).

Com as dificuldades batendo violentamente a porta da sua já angustiada existência, o esforço de tornar a vida possível (no capítulo 4 retomaremos essa discussão) frente às limitações impostas pela idade e pela dependência das pessoas não foram motivos para desanimar da luta pela vida, mesmo reconhecendo que havia a *angústia do nada*. E o sentimento de solidão de quem está indo embora, mas deixa uma mensagem firme diante da vida: “mas repetindo sempre depois da tormenta sua vontade de honrar a vida até a morte” (RICOEUR, 2012, p. 95). O livro *Vivo até morte* nos aponta uma das resistências mais brilhantes sobre a morte, sobre a possibilidade do suicídio. A esse respeito será retomado, no quarto capítulo, essa discussão, onde analisaremos também outra obra de Paul Ricoeur, *O si mesmo como outro*, no qual o filósofo trabalha uma ética que valoriza a vida em todas as suas frentes. Valorizar a vida talvez seria de grande valia para uma juventude que parece caminhar na contramão dessa proposta. Antes, porém, vamos analisar o fenômeno do suicídio interpretado a partir de textos que abordam o tema, desde aquilo que a *Organização Mundial da Saúde* (OMS) diz sobre a questão (dados mundiais e nacionais), passando pelas informações trazidas pelo site *Setembro Amarelo*, CVV – *Centro de Valorização da Vida*, em relação às suas campanhas de prevenção, parcerias e propostas de discussão sobre o assunto, até o levantamento de como o assunto é tratado na *internet*.

CAPÍTULO II – O FENÔMENO DO SUICÍDIO INTERPRETADO A PARTIR DE SEUS TEXTOS

Depois de pontuar no primeiro capítulo um pouco sobre o método do filósofo Paul Ricoeur e de introduzir a questão do suicídio e da morte, cabe, a partir de agora, analisar o fenômeno do suicídio a partir de textos que vão desde a Organização Mundial da Saúde até o site Setembro Amarelo. Essa análise será feita a partir da obra de Paul Ricoeur *Do texto à ação*, a qual contribui para uma análise hermenêutica desses textos. Antes, porém, necessário será fazer uma análise do suicídio a partir de alguns filósofos, principalmente entre os clássicos, ainda que não somente esses sirvam para introduzir a discussão proposta neste capítulo.

Já se sabe que antes mesmo da sociologia, da psiquiatria e da psicologia enquanto ciência, a filosofia já se debatia sobre o suicídio, por fazer parte da experiência existencial humana. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles já se debruçavam sobre o tema. Muito antes deles a mitologia já discutia o assunto, pois os heróis já praticavam o ato, inclusive Hércules, que se lançou numa pira ardente para escapar à dor que tanto lhe afligia o corpo e o espírito. Portanto, não se trata de um assunto novo. Segundo (Albert Camus - 1913 - 1960), só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. Começemos então a analisar o que disse Sócrates a respeito do tema.

Em *Fédon*, um dos diálogos de Platão em que é retratada a morte de Sócrates, há uma conversa entre este e alguns de seus discípulos sobre a morte voluntária. Em determinado momento do diálogo, Cebes o interpela: “Por que disseste, Sócrates, que não é permitido a ninguém empregar violência contra a si mesmo, se, ao mesmo tempo, afirmas que o filósofo deseja ir após de quem morre?” (PLATÃO, 2007, p. 22). Nesta parte do diálogo Cebes o interroga porque parece haver uma contradição entre uma fala de Sócrates que afirmava ser a filosofia um exercício de aprender a morrer. Sendo a filosofia um exercício de aprender a morrer, isso não significa, necessariamente, que Sócrates estaria chancelando a morte voluntária, conforme afirma Puente: “Ora, diante disso, os jovens que o ouvem supõem que isso devesse significar uma aprovação do ato de retirar-se voluntariamente da vida. Diante dessa incompreensão, Sócrates intervém explicando então o real significado do que queria dizer” (PUENTE, 2008, p.17). Cebes então continua fazendo suas colocações,

desta feita querendo saber as razões que levam Sócrates a dizer que não é permitido o suicídio ou a morte de si mesmo, conforme o texto platônico:

Qual o motivo, então, Sócrates, de dizerem que a ninguém é permitido suicidar-se? De fato, sobre o que me perguntaste, ouvi Filolau afirmar, quando estive entre nós, e também outras pessoas, que não devemos fazer isso. Porém nunca ouvi de ninguém maiores particularidades (PLATÃO, 2007, p. 23).

Para explicar tal situação, o velho Sócrates vai dizer que “os homens estão numa espécie de prisão, de cárcere da alma, e dela não podem nem se libertar nem se evadir da mesma” (PLATÃO, 2007, p. 24). Segundo o sábio de Atenas, os homens vivem numa prisão, da qual não podem forçar a saída e nem dela se evadir, conforme já observado. Isso porque, na visão de Sócrates, a vida e a morte pertencem aos deuses, só eles têm o direito de fazer cessá-las. Quando o indivíduo toma a decisão de não mais viver, isto é, quando busca o suicídio como resposta, interrompe o destino que foi reservado a ele. Ninguém tem esse direito. O destino precisa ser cumprido na vida de todos, inclusive na vida do próprio Sócrates. Só os deuses podem decidir sobre isso. Então se pode conceber, a partir do texto de Platão, que a morte de Sócrates não pudéssemos compreendê-la como suicídio, mas como um sinal dos deuses de que sua hora chegou e, neste caso, conforme afirma Puente, deixar a vida neste caso seria permitido: “Ora, a alusão de Sócrates é clara: a sua condenação à morte deve ser compreendida como um sinal necessário enviado por um deus e, neste caso, mas somente neste caso, deixar a vida seria permitido”(PUENTE, 2008, p.18).

Sendo assim, podemos afirmar que a morte de Sócrates, o momento quando este bebe o veneno como forma de punição pela suposta transgressão, não se pode compreender como sendo um suicídio. Neste caso específico, embora teria a possibilidade de recusar a tomar a cicuta, mas não o fez. E por que não o fez? Porque o destino estava traçado pelos deuses, e do destino ninguém pode escapar. Portanto, Sócrates não permitia a morte voluntária, pois segundo ele, interromperia o ciclo estabelecido pelos deuses.

Platão, por outro lado, aborda a ideia de suicídio no diálogo *Leis*, mais precisamente no Livro IX. Eis o texto, conforme tradução de Marcelo Marques:

O homem que mata aquilo que de todas as coisas lhe é mais familiar e, como se diz, mais amável, o que deve [ele] sofrer? Falo daquele que mata a si

mesmo, aquele que, com violência, priva-se da parte que recebeu do destino, sem ter sido ordenado pela justiça da cidade, sem ser forçado por uma grande dor inevitável que o atinja por acaso, sem que tenha parte em alguma vergonha sem saída e contrária à vida. [Falo daquele] que, por indolência e por uma covardia não viril, impõe a si mesmo uma pena injusta. Neste caso, o deus sabe o que se deve fazer com relação às determinações da lei que tratam das purificações das sepulturas. Os parentes mais próximos devem consultar os conselheiros e também as leis sobre essas coisas, para agir segundo o que é prescrito. Em primeiro lugar, as sepulturas dos que morrem assim [devem] ficar isoladas e ninguém deve ser enterrado junto; em segundo lugar, eles devem ser enterrados, sem glória, na fronteira das doze regiões anônimas e não cultivadas: as sepulturas ficarão sem lápides, ou seja, sem indicar seus nomes(2008. p 61).

Cabe pontuar, no texto, alguns detalhes que nos permitem compreender a morte de si na concepção platônica, a começar pelas punições reservadas aos suicidas; a questão do destino; os casos em que a morte de si é permitida; e as orientações destinadas aos familiares nos casos em que o suicídio é cometido. Começamos então afirmando que para Platão a vida é o que de mais familiar se tem e de mais amável. Tal concepção nos remete à ideia de que a vida é para ser vivida em todas as suas frentes. Platão leva tão a sério essa questão do suicídio que estabelece punições consideráveis, começando pelas sepulturas que deveriam ser isoladas das demais, além de que ninguém pudesse ser enterrado junto. Isso parece não ter muito sentido, principalmente para o morto, já que ele, possivelmente, não se importa mais com isso. Para os familiares que ficam após sua partida traz complicações severas, haja visto que a polis toda toma conhecimento a esse respeito, ficando a família sendo malvista pelas pessoas e trazendo inúmeros constrangimentos, a até mesmo sensações de culpa pela morte daquele que nem mais está aqui. Ora, o fato de a família sofrer com essas punições mostra que as mesmas fazem sentido tão somente para quem fica vivo, seus familiares: pais, filhos, esposa, irmãos, amigos e conhecidos. Então não se pode pensar numa punição simples, dado as consequências que a mesma deixa para seus descendentes. O defunto está lá, no submundo, mas os que ficaram, esses, sim, são os verdadeiros punidos com a decisão suicida. Aliás, a própria palavra “defunto”, em latim, diz respeito àquele que deixou de cumprir sua missão, é aquele que não exerce mais o seu *functio*, e já está em outra. Na verdade, para ser mais objetivo e preciso, as punições na concepção platônica, servem tão somente para os vivos, para aqueles que ainda estão por aqui. De qualquer forma, isso não deixa de ser uma maneira de educar as pessoas para que enfrentem a vida, já que se fizerem a opção por desistir, deixarão muitas

complicações aos familiares, e tão somente a eles, já que o morto não responde mais por si nessa existência. Outro detalhe que vale pontuar ainda neste particular e claramente exposto no texto ora citado, é que essas punições seriam para aqueles que desistiram da vida por *lassidão e covardia*. Isso implica reconhecer que Platão não admitia a morte de si por essas duas situações sem que o suicida fosse penalizado, aliás, como já dissemos, a própria família, já que o morto não responde mais por si nesta dimensão.

O texto destaca que o suicídio não é permitido devido a questão do destino, pois segundo Platão, ninguém tem o direito de interromper o ciclo que fora estabelecido pelos deuses. O raciocínio platônico é de fácil compreensão: se ninguém pediu para nascer, não cabe a este indivíduo pedir para morrer. Evadir-se violentamente do corpo sem antes deixar de cumprir o ciclo que fora desenhado para ser cumprido, se constituiria numa atitude inaceitável, e sujeita às penas anteriormente colocadas. O raciocínio platônico é parecido com o de Plotino, onde ele fala num texto chamado *Sobre a saída* a problemática da alma em deixar o corpo:

Não expulse a alma do corpo a fim de que ela não saia de modo abrupto do mesmo, porque neste caso ela se libertará levando algo para que efetivamente se libere. O liberar-se nesse caso é um mero mudar para outro lugar, antes que a alma permaneça no corpo e espere o corpo separar-se totalmente dela, então ela não precisa trocar de lugar, pois já está totalmente fora do corpo. Como, pois, se separa o corpo da alma? Quando nada mais da alma permanecer nele, será impossível ao corpo coligar-se a ela, pois a própria harmonia, por cuja posse possuía a alma, não existe mais. O que ocorre se certas artimanhas forem usadas por alguém a fim de libertar-se de seu corpo? Ocorre que ele agiu com violência e que ele próprio partiu, mas não que ele deixou o corpo se afastar; quando ele libera o corpo, ele não o fará sem paixões, mas com angústia, dor e cólera. É preciso não agir desse modo (PUENTE, 2008, p.63-64).

Percebe-se que Plotino segue com as mesmas observações de Platão, pois ao indivíduo não é permitido evadir-se do corpo, sem que o ciclo temporal seja completo. Isso porque quem expulsa a alma do corpo, segundo o mesmo filósofo, age com violência e não o fez sem paixões, mas com angústia, dor e cólera. E a orientação de Plotino é para que o indivíduo não aja assim, porque isso não caracteriza a vida do sábio, que espera o ciclo temporal se completar. Na visão de Plotino, quando alguém decide tirar a própria vida o faz na certeza de que coisas desagradáveis o espera, já que o suicídio parte de uma angústia ou uma dor insuportável. E isso estende-se logo após a saída do corpo. Então tanto Platão quanto Plotino, a partir dos textos

apresentados, não recomendam a morte de si, já que a mesma implica numa violência brutal e, no primeiro caso, as punições para os que se evadem são certas (sepulturas isoladas das demais, além de que ninguém possa ser enterrado junto); e, no segundo caso, as dores e paixões seguem o suicida logo após a alma ser expulsa do corpo, como ocorre no caso de suicídio.

Vejamos agora o que diz Aristóteles a respeito do tema. Em *A ética a Nicômaco* o filósofo traz o assunto à discussão no livro V. Ele começa dizendo que:

Se um homem pode ou não tratar injustamente a si mesmo, fica suficientemente claro pelo que ficou dito atrás. Com efeito (a), uma classe de atos justos são os atos que estão em consonância com alguma virtude e que são prescritos pela lei: por exemplo, a lei não permite expressamente o suicídio, e o que a lei não permite expressamente, ela o proíbe (ARISTÓTELES, 2005, p.126).

Aristóteles não percebia no suicídio um ato injusto contra quem o pratica, mas também não o legitima, pois, segundo ele, o suicídio não estaria expressamente na lei, e como tal, deve ser proibido. A questão aqui é que o filósofo deixa claro que quem decide matar a si mesmo não deve ser penalizado por tal prática, pois partiu de um ato voluntário e não pode ser injusto com relação a si, como afirma Puente: “Para Aristóteles, um indivíduo que voluntariamente decida se matar não pode ser injusto consigo mesmo, pois deliberou acerca de seu ato e não é possível sofrer uma injustiça voluntariamente”(PUENTE, 2008, p.19). Diferente de Sócrates e Platão quando afirmam que o homem não tem o direito de interromper seu destino, o Estagirita o proíbe por outra razão: a cidade. Ou seja, para Aristóteles o indivíduo que decide matar a si mesmo comete injustiça não contra si próprio, mas contra a cidade. Segundo ele, o que pesa aqui não a vida do indivíduo para a família, para os amigos e parentes, mas para o Estado, conforme ele mesmo se manifesta:

Portanto, ele age injustamente. Mas para com quem? Certamente que para com o Estado, e não para consigo mesmo. Porque ele sofre voluntariamente, e ninguém é voluntariamente tratado com injustiça. Por essa mesma razão, o Estado pune o suicida, infligindo-lhe uma certa perda de direitos civis, pois que ele trata o Estado injustamente (ARISTÓTELES, 2005, p. 126).

Para Aristóteles, a cidade fica mais fraca, perde um “contribuinte”, perde um defensor dos direitos coletivos, perde um reivindicador dos anseios populares. A punição, para ele, seria a desonra, deixando seus corpos insepultos. Aristóteles não

aprova a morte de si por amores, dores e pobreza, conforme afirma Puente: “o homem que se degola o faz por causa da ira, agindo, por conseguinte, contra a reta razão e, por isso mesmo, contra a lei. Morrer para fugir da pobreza, dos amores ou das dores não é sinal de coragem, mas antes, de debilidade (PUENTE, 2008, p. 19-20). Percebe-se que o filósofo Aristóteles não aprova a ideia da morte de si, ou seja, o suicídio, embora as razões que levam a evitá-lo diferem um pouco de seus antecessores, Platão e Sócrates. Os três clássicos caminham na perspectiva da valorização da vida, buscando evitar o suicídio e sinalizando as punições para aqueles que desistirem do enfrentamento cotidiano.

Feita essas observações introdutórias sobre o pensamento dos clássicos a respeito do suicídio, cabe agora analisar os materiais disponíveis na Internet, principalmente àqueles relacionados aos sites *CVV – Centro de Valorização da Vida* e o site *Setembro Amarelo*, ambos trabalham com a prevenção do suicídio, além de pontuar algumas informações disponíveis no *MS – Ministério da Saúde*. Lembrando que faremos a análise a partir da noção de texto em Paul Ricoeur, ou seja, algo aberto, sem verdades conclusivas. Existem várias matérias educativos a respeito do suicídio nesses sites citados, mas levarei em consideração apenas aqueles que têm uma relação direta com o público jovem, já que a ideia aqui é discutir o suicídio dentro dessa perspectiva. Inicialmente, vamos conhecer um pouco a história desses sites e em seguida começar a discussão propriamente dita dos materiais. Segundo o próprio site do *CVV – Centro de Valorização da Vida* está registrada as seguintes informações:

O CVV — Centro de Valorização da Vida, fundado em São Paulo, em 1962, é uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de Utilidade Pública Federal, desde 1973. Presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo e anonimato.

A instituição é associada ao Befrienders Worldwide, que congrega entidades congêneres de todo o mundo, e participou da força tarefa que elaborou a Política Nacional de Prevenção do Suicídio, do Ministério da Saúde, com quem mantém, desde 2015, um termo de cooperação para a implantação de uma linha gratuita nacional de prevenção do suicídio.

A linha 188 começou a funcionar no Rio Grande do Sul e, em setembro de 2017, iniciou sua expansão para todo o Brasil, que será concluída em 30/06/2018, com a integração de todos os estados.

Os contatos com o CVV são feitos pelos telefones 188 (24 horas e sem custo de ligação), pessoalmente (nos 93 postos de atendimento) ou pelo site www.cvv.org.br, por chat e e-mail. Nestes canais, são realizados mais de 2 milhões de atendimentos anuais, por aproximadamente 2.400 voluntários, localizados em 19 estados mais o Distrito Federal.

Além dos atendimentos, o CVV desenvolve, em todo o país, outras atividades relacionadas a apoio emocional, com ações abertas à comunidade que estimulam o autoconhecimento e melhor convivência em grupo e consigo mesmo. A instituição também mantém o Hospital Francisca Julia que atende pessoas com transtornos mentais e dependência química em São José dos Campos-SP (fonte: www.cvv.org.br).

O CVV é um dos principais sites de informações a respeito de prevenção do suicídio que temos no Brasil. Como o próprio enunciado diz que o mesmo se tornou utilidade pública desde 1973, portanto, já atua há quase cinquenta anos. O CVV presta serviço voluntário e gratuito, oferecendo apoio emocional para quem está atravessando momentos de dúvidas no que diz respeito ao suicídio, sob total sigilo e anonimato. É associado ao *Befrienders Worldwide*, que é uma instituição de caridade que ajuda pessoas em todo o mundo que são tentadas ao suicídio ou desespero. O CVV atua em todo território nacional através do número 188, que mais na frente estarei comentando de maneira mais específica, e também pelos postos de atendimento, ao todo 93, espalhados pelo Brasil, além de e-mail e o próprio site, que se constituem uma ferramenta indispensável na prevenção do suicídio. O CVV mantém um hospital cujo objetivo maior é oferecer tratamento a pessoas com transtornos mentais e dependência química. Localizado na cidade de São José dos Campos – SP, o hospital desenvolve um trabalho importante na ajuda de pessoas com depressão, oferecendo apoio emocional a pacientes que estejam atravessando alguma crise existencial. Isso faz do hospital uma referência na prestação de serviços disponível à comunidade de São José dos Campos.

Outro site que se destaca na luta contra o suicídio é o *Setembro Amarelo*. Como o próprio site informa:

Setembro Amarelo é uma campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio, com o objetivo direto de alertar a população a respeito da realidade do suicídio no Brasil e no mundo e suas formas de prevenção. Ocorre no mês de setembro, desde 2005, por meio de identificação de locais públicos e particulares com a cor amarela e ampla divulgação de informações. Iniciado no Brasil pelo CVV (Centro de Valorização da Vida), CFM (Conselho Federal de Medicina) e ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria), o Setembro Amarelo realizou as primeiras atividades em 2015, concentradas em Brasília. Mundialmente, o IASP – Associação Internacional para Prevenção do Suicídio estimula a divulgação da causa, vinculado ao dia 10 do mesmo mês no qual se comemora o Dia Mundial de Prevenção do Suicídio (fonte: <http://www.setembroamarelo.org.br>)

Como o próprio site informa, o *Setembro Amarelo* é uma campanha iniciada no Brasil pelo CVV – *Centro de Valorização da Vida*, CFM - *Conselho Federal de Medicina* e ABP - *Associação Brasileira de Psiquiatria*. A campanha, dentre outros objetivos, visa alertar a população a respeito da realidade do suicídio no Brasil e no mundo e suas formas de prevenções, fazendo campanhas de conscientização, especificamente no dia 10 de setembro, data em que se comemora o *Dia Mundial de Prevenção do Suicídio*. Ditas essas informações preliminares a respeito dos dois sites que acreditamos mais se destacam na prevenção do suicídio no Brasil e entre jovens, cabe agora analisar os materiais que o CVV e *Setembro Amarelo* divulgam em seus respectivos sites. Dos materiais que são divulgados não falaremos sobre todos eles, mas especificamente daqueles mais relacionados ao público jovem. O primeiro que iremos analisar recebe o título de: ***Falando Abertamente sobre Suicídio***⁸ - folheto voltado para jovens e adolescentes e que foi elaborado pelo CVV - *Centro de Valorização da Vida*. Segundo Paul Ricoeur, “aquilo de que eu, finalmente, me aproprio, é uma proposta do mundo” (RICOUER, 1991, p.124). Neste sentido, vale ressaltar aqui que as informações contidas nesses folhetos explicativos são uma proposta de mundo, um mundo que pode ser possível.

O folheto é dividido em quatorze tópicos, antecedido por uma introdução que fala sobre o *Momento de derrubar tabus*. Neste primeiro momento do folheto há informações sobre um estudo feito pela UNICAMP – *Universidade Estadual de Campinas* mostrando que 17% dos brasileiros, em algum momento, pensam seriamente em dar um fim à própria vida e, desses, 4,8% chegaram a elaborar um plano para isso. Esses comportamentos suicidas, no entanto, podem ser evitados com a educação, que é uma medida preventiva para esses casos concretos. E aí o folheto continua ainda nessa parte introdutória, que a educação vai servir para derrubar *tabus* e o compartilhar de informações ligadas ao tema do suicídio. E aqui é importante fazer algumas observações no sentido de que o folheto, que é específico para jovens, inova e traz contribuições relevantes para a conscientização de que o suicídio não é uma boa escolha. Quando a escola se envolve nessa discussão, melhor para quebrar *tabus* que ainda insistem em povoar a mente de muitos jovens. É feita uma comparação mostrando que doenças sexualmente transmissíveis ou câncer foram enfrentadas com maiores sucessos na medida em que essas doenças foram mais conhecidas da

⁸ anexo I

população. De igual modo, no que diz respeito ao suicídio, quando jovens tomam conhecimento de suas principais causas e suas formas de prevenção os índices tendem a diminuir, exatamente porque foram quebrados *preconceitos* e *tabus* a respeito do tema. Além dos dados já citados nessa parte introdutória, ainda se encontram dados relativos ao suicídio no Brasil, onde de modo bem visível e posto na parte superior do folheto, mostra que 32 brasileiros se suicidam por dia. Acreditamos que essa informação destacada e específica sobre a realidade do suicídio traga um efeito espantoso para aquele que ler o material, pois está logo no início e pode causar surpresa na vida do adolescente e do jovem, mostrando que o problema do suicídio é grave e precisa ser enfrentado com a educação, quebrando os tabus e trazendo informações confiáveis a respeito desses dados que podem ser reduzidos na medida em que conhecemos melhor as causas que geram esses números.

Como dito anteriormente, o folheto é dividido em 14 tópicos em forma de perguntas e respostas, todas elas numa linguagem de fácil compreensão, já que o público destinatário da mensagem são jovens e adolescentes. Vejamos então: **1. como podemos definir o suicídio?** A resposta começa afirmando que o suicídio é um gesto de autodestruição, realização do desejo de morrer ou de dar fim a própria vida. Por ser destinado a jovens, a definição é simples e precisa, já que não se discute a questão etimológica e mesmo a questão filosófica do termo. E coloca o ato de matar a si mesmo como uma escolha e uma ação que traz graves consequências sociais. E aqui faz-se necessário tecer alguns questionamentos para melhorar a nossa compreensão a respeito daquilo que a resposta mostra como ato de definição do suicídio. Sendo escolha o ato de suicidar-se, como afirmou o próprio Aristóteles no livro *V*, da *Ética a Nicômaco*, se assemelha um pouco à fala do filósofo, isso porque traz graves implicações sociais. Ora, segundo Ricoeur, “o texto é a mediação pela qual nós nos compreendemos a nós mesmos” (RICOEUR, 1991, p. 123). O texto do folheto leva-nos a uma compreensão de nós mesmos no que diz respeito ao suicídio, isso devido à sua mediação, conforme já pontuado. No caso de Aristóteles, como observado anteriormente, a cidade perde quando alguém decide pôr fim à vida, ainda que aja deliberadamente sobre isso. E aí julgamos que o folheto poderia ampliar um pouco mais sobre essas *implicações sociais*. No caso de Aristóteles está muito claro: o indivíduo não pode sofrer uma injustiça voluntariamente, mas é injusto com relação à cidade, à polis. Ora, a resposta dada a essa primeira pergunta parece um pouco

vaga porque não mostra inicialmente essas implicações sociais. Neste primeiro questionamento ainda são mostrados dados referentes ao suicídio no mundo, afirmando que a cada 40 segundos uma pessoa se mata. E continua fazendo uma estimativa alarmante de que entre 10 a 20 milhões de pessoas tentam o suicídio a cada ano, pontuando que 6 a 10 pessoas são diretamente impactadas, sofrendo sérias consequências de serem reparadas. Aqui podemos identificar a resposta que estávamos buscando, ou seja, as implicações sociais do suicídio: as pessoas próximas ao morto sofrem muito com a atitude de desistência da vida: pais, filhos, esposas, amigos e parentes são aqueles que mais sofrem com a morte “voluntária”. Os dados apresentados aqui nesta primeira pergunta têm sua relevância, na medida em que mostra números alarmantes, que poderão trazer um impacto na vida do jovem e do adolescente. A cada 40 segundos uma pessoa se mata, e podendo ser essa pessoa jovem ou adolescente não deixa de trazer uma certa preocupação a esse leitor, pois mostra que o problema é por demais sério e assustador e, como tal, a escola tem o dever de suscitar, entre seus alunos, essa discussão.

2. o que leva uma pessoa a se matar? Aqui são apresentadas algumas das razões que levam os jovens a cometerem o suicídio, dentre elas as cobranças sociais (escola, família, clube etc.), culpa, remorso, depressão, ansiedade, medo, fracasso e humilhação. É evidente que quando o jovem ou adolescente ler essa informação pode haver uma identificação de sua vida com essas causas apresentadas, pois são sentimentos comuns na vida deles, a começar pela culpa, que caracteriza a personalidade de muitos deles. Esta proposta de mundo que o aluno percebe no texto, está revelado diante dele, conforme afirma Ricoeur: “a proposta de mundo não está atrás do texto, como estaria uma intenção encoberta, mas diante dele como aquilo que a obra desenvolve, descobre, revela” (RICOEUR, 1991, p.124). A informação dessa segunda pergunta é bem sucinta, mas objetiva e clara, na medida em que aponta aquilo que a OMS – Organização Mundial da Saúde coloca em seu relatório como sendo algumas das possíveis causas do suicídio. Ainda que não seja completa a resposta, mas esta esclarece de modo preciso que, na juventude, são as principais causas de suicídio entre jovens. Ou seja, a proposta de mundo que o folheto desvela está diante do leitor, no caso, o jovem, cabendo a ele analisar seu conteúdo e fazer a análise se aceita ou não essa proposta de prevenção.

3. como se sente quem quer se matar? Aqui neste ponto é apresentado ao jovem e adolescente uma das características psicológicas de alguém com intenção de se matar. Afirma que o jovem no momento em que tem ideias suicidas, a pessoa combina dois ou mais sentimentos conflituosos, esse momento é chamado de *ambivalência*. Aqui vale registrar que o termo ambivalência não seria apropriado, pois não é um vocábulo comum aos jovens, e dificilmente procuraria mais informações a respeito, já que o momento é de um certo desânimo em decorrência da fragilidade psicológica a que o jovem que pensa em suicídio se encontra. Mas ao mesmo tempo em que o termo parece escapar do vocabulário jovial, o folheto, nesta terceira pergunta, tenta explicar o que seria essa ambivalência. Mais uma vez o CVV- Centro de Valorização da Vida se utiliza de uma informação que consta da OMS – organização Mundial da Saúde (2000). Faz-se necessário, porém, esclarecer a terminologia para se compreender melhor a dimensão do vocábulo. Segundo a OMS (2000):

Ambivalência é atitude interna característica das pessoas que pensam em ou que tentam o suicídio. Quase sempre querem ao mesmo tempo alcançar a morte, mas também viver. O predomínio do desejo de vida sobre o desejo de morte é o fator que possibilita a prevenção do suicídio. Muitas pessoas em risco de suicídio estão com problemas em suas vidas e ficam nesta luta interna entre os desejos de viver e de acabar com a dor psíquica. Se for dado apoio emocional e o desejo de viver aumentar, o risco de suicídio diminuirá.

É isso que o folheto tenta responder com a pergunta de *como se sente o jovem que quer se matar*. Aqui o sentimento de viver se mistura com o de morrer. É mais ou menos parecido com uma regra de três inversamente proporcional: quando uma grandeza aumenta, a outra diminui na mesma proporção. Contextualizando melhor: quando a vontade de viver aumenta, o desejo de morrer diminui. Ora, quando o jovem se encontra nessa situação, na verdade, segundo consta do folheto, sente a necessidade de alcançar a paz, descanso ou pôr fim imediato aos tormentos que lhes perturbam. Na verdade, o que ele quer é parar de sofrer. Isso é ambivalência, esse sentimento que faz com que o jovem queira desaparecer, se insolar, ficar vivenciando sua solidão, solidão essa que pode levar à sua morte. Então esse ponto esclarece, ao meu ver, de modo parcial o conceito de ambivalência, – atitude interna que tem o jovem (ou qualquer pessoa) que pensa em tirar a própria vida. Nesse ponto julgamos que faltou ao folheto apontar algumas possíveis ações para que o jovem saiba como aumentar a vontade de viver. Se a vontade de se matar diminui quando a vontade de

viver aumenta, seria necessário apontar o que fazer para aumentar essa potência, e isso a resposta não mostra. Não significa, no entanto, que essa terceira questão não tenha sua utilidade prática, haja vista que esclarece o sentimento de dúvida com relação à morte e mostra a condição real daqueles que pensam em suicídio. Isso, por si só, traz uma significativa vantagem, porque o jovem se vê naquela situação específica e tenta, a partir da interpretação feita, superar esse medo, enfrentar a dor e desistir da ideia de matar a si mesmo. Na verdade, essa interpretação do texto é uma forma de o jovem explicar o modo de ser no mundo, conforme Ricoeur: “interpretar é explicitar o modo de ser-no-mundo exposto diante do texto” (RICOEUR, 1991, p. 121). Então pode-se dizer, sem maiores problemas, que a pergunta tem a sua importância e a resposta dada tem a sua validade, a partir da interpretação feita.

4. o sentimento e o impulso suicidas são normais? A resposta dada a essa questão é breve e prática. Começa afirmando que o pensar em suicídio faz parte da natureza humana, e é estimulada pela possibilidade de escolha. Mas uma vez aqui o folheto entra na dimensão de escolha, já apontada por Aristóteles e na primeira pergunta do material foco da análise. Mostra que o impulso é uma reação natural, porém mais comum em pessoas que estão emocionalmente fragilizadas. Por ser breve a resposta dada à pergunta, nos parece que a mesma deveria aprofundar um pouco mais no esclarecimento do ato impulsivo. Isso porque esse ato impulsivo é uma das outras características psicológicas de alguém que está pensando em tirar a própria vida. Conforme definição da OMS (2000), o ato impulsivo se caracteriza do seguinte modo:

O suicídio pode ser também um ato impulsivo. Como qualquer outro impulso, o impulso de cometer suicídio pode ser transitório e durar alguns minutos ou horas. Normalmente, é desencadeado por eventos negativos do dia a dia. Acalmando tal crise e ganhando tempo, o profissional da saúde pode ajudar a diminuir o risco suicida.

Segundo o texto citado, o suicídio como ato impulsivo, como qualquer outro, pode ser transitório e durar alguns minutos ou horas. Essa informação o folheto não especifica, daí ficando um vácuo na resposta apresentada. E seria de grande valia essas informações da brevidade dos impulsos, pois o jovem teria um amplo entendimento de que, por mais complexos que sejam esses impulsos, os mesmos não duram por muito tempo. Essa consciência da brevidade dos impulsos é importantíssima para a vida do jovem, que muitas das vezes desconhece essa

realidade. Essa compreensão da realidade passa, necessariamente, pela disposição de conhecer a si mesmo no texto, conforme se manifesta o filósofo francês: “compreender é compreender-se diante do texto” (RICOEUR, 1991, p.124). Tendo a devida compreensão da situação que gerou o impulso, o jovem tende a não seguir em frente. Nesse ponto específico falta um aprofundamento na elucidação conceitual do impulso, pois tendo uma compreensão melhor desses impulsos, pode-se evitar o suicídio.

5. quem se mata mais: homens ou mulheres? A informação aqui é apenas em termos de curiosidades sobre qual dos sexos se mata mais, homens ou mulheres. Segundo o folheto, apesar de as mulheres tentarem mais, os homens terminam se matando mais. Ainda são apresentadas informações sobre grupos de pessoas onde o índice de suicídio é mais acentuado, entre esses grupos estão os homossexuais, bissexuais e transexuais. Esses dados mostram que esse público são discriminados e sofrem preconceitos diversos por assumirem sua postura, e isso desencadeia grandes problemas na vida de cada um deles, muitas das vezes para fugir do preconceito estabelecido pela sociedade buscam a fuga no suicídio, ainda que equivocadamente. O alerta é necessário porque a maioria dos jovens e adolescente desses grupos discriminados estão na escola e como tal a escola tem que assumir o seu papel na condução dessa discussão visando conscientizar os demais alunos de que o preconceito mata e traz seus prejuízos. Essa abordagem feita nessa quinta pergunta é de relevância e nos ajuda a compreender melhor a situação desse público que vive angustiado devido às discriminações que sofrem.

6. o suicídio está vinculado a alguma doença mental? Esse tópico tenta esclarecer ao jovem de que o suicídio está relacionado a alguns transtornos mentais. Esses transtornos geram uma crise de duração maior ou menor e que variam de jovem para jovem. Depressão, seja na forma simples ou na forma bipolar (aquela alternada com períodos de mania - euforia); dependência química, que inclui álcool e drogas; e, esquizofrenia, são os principais transtornos que essa pergunta revela. Um detalhe interessante nesse tópico é que a busca por ajuda pode levar o jovem a escapar do suicídio, mesmo que esses transtornos sejam graves e críticos, haverá sempre uma saída caso a pessoa busque a ajuda necessária e aceitem essa ajuda. Esse ponto é importante devido ao fato de que quem tenta o suicídio, na verdade está pedindo ajuda, seja a parente ou a amigos.

7. pessoas que ameaçam se matar podem desistir da ideia?

A resposta é breve e precisa: sim. Se um jovem ameaça se matar, ele pode desistir da ideia. Isso acontece porque é normal pedir ajuda em momentos de crises, ao colocar para fora seus sentimentos, ideias e valores, alterando, assim, seu estado interior. É evidente que talvez qualquer pessoa comum, como o próprio manual coloca, que esteja à disposição para ouvir alguém com a intenção de se matar poderá fazer com que esse jovem desista da ideia. Só que não fica só por aí, essa ajuda pode vir de pessoas ligadas à organização de voluntários, como o próprio CVV, que se dedica à prevenção do suicídio, como já pontuado no início dessa abordagem. E aqui vale ainda observar que esse apoio pode e deve vir também de profissionais específicos, fazendo com que o jovem desista da ideia de morte de si.

8. as pessoas que tentam suicídio pedem socorro? Essa pergunta aqui tem uma certa relação com a pergunta de número 3: **como se sente quem quer se matar?** Aqui aparece também o estado de ambivalência, situação já analisada naquela pergunta. Cabe acrescentar que é normal em momentos de crises, quando o suicídio parece ser a única alternativa a pessoa pedir ajuda. Então poderíamos responder à questão de modo objetivo: sim. As pessoas pedem socorro quando estão com a ideia de se matar na cabeça. Nesse momento é que entra a pessoa comum ou mesmo o profissional da saúde que ouvirá a essa pessoa e tentará compreender seus sentimentos e pensamentos suicidas. E aqui vale destacar que compreender os sentimentos é perceber os sinais que esse jovem mostra. Isso faz com que a vontade de viver desse jovem ou adolescente venha a aumentar. Daí aquela regra de três inversamente proporcional de que falei no tópico 3: se a vontade de viver aumenta, a vontade de morrer diminui. Apenas escutando essa pessoa e tentando entender o que está por trás de seus pensamentos poderá fazer com que esse jovem desista da ideia do suicídio. Então esse tópico é de suma importância para os leitores, uma vez que se o indivíduo que se encontrar nessa situação poderá procurar um amigo, amiga ou qualquer outra pessoa que saiba que vai lhe ouvir. Quando assim acontece uma vida poderá ser poupada.

9. quem está por perto pode ajudar? Como? Sim! Bem objetiva a resposta. Essa pergunta é muito parecida com a anterior, com um diferencial apenas: não se deve criticar a pessoa em hipótese alguma. Isso porque, o folheto comenta que, o jovem que está crise suicida é natural que esse jovem se sinta isolado e sozinho. Daí

a importância do “ombro amigo”, alguém disposto a ouvi-lo, sem tecer comentários sobre as razões que o levaram a esse estado crítico. Quando isso acontece, o jovem sente vontade para desabafar, contar um pouco das suas angústias, seus sofrimentos e suas dúvidas no que diz respeito ao problema que passa. Essa abertura do ouvir tem um impacto positivo na vida dele, fazendo com que chegue mesmo a desistir do suicídio. Nesse tópico fica claro a colocação do folheto: o importante é estar preparado para ouvir, respeitando o momento e a forma de pensar desse jovem ou adolescente.

10. como o suicídio é visto pela sociedade? Essa questão discute a problemática do suicídio a partir daquilo que a sociedade percebe. Já se sabe, como dito anteriormente, que o tema ainda se constitui num tabu, cercado de preconceitos diversos, inclusive o religioso. Além do mais, a sociedade tende a ver o suicida como alguém fracassado, que não deu certo na vida. O folheto coloca também a natureza humana que, segundo ele, tem medo da morte. A morte é tabu por ser ela mesma. Quando o assunto é suicídio, esse tabu ganha mais destaque por ser o suicídio uma morte provocada pela própria pessoa, e isso traz mais angústias e medos. A religião tem seu papel na legitimação desse tabu, uma vez que a maioria tende a condenar o suicídio em suas práticas doutrinárias. Então, de modo geral, podemos dizer que o suicídio ainda é visto com maus olhos pela sociedade, devido aos preconceitos, sejam eles religiosos ou não. Isso fica muito claro no folheto. Nesse sentido a escola tem o papel de desenvolver ações, trabalhando esses assuntos para melhor esclarecer sobre um tema que é cada vez mais recorrente na sociedade. Essa foi uma das razões que me fez desenvolver um projeto de intervenção que trabalha esses assuntos na escola.

11. o mundo atual tem influência no número de suicídios? Essa questão afirma que o suicídio cresce não somente por questões demográficas e populacionais, mas também por problemas sociais e esses problemas sociais estimulam a autodestruição. Essa informação coloca como a sociedade lida com diversas agressões, competições, o que gera insegurança nas pessoas. Essa insegurança leva a muitos a contraírem determinados transtornos emocionais, ocasionando a ideia de suicídio na mente dessas pessoas. A questão aponta ainda uma alternativa para escapar dessa insegurança e, conseqüentemente, desses transtornos mentais, emocionais: o sentimento humanitário. Nesse sentido, o projeto de intervenção dessa pesquisa contempla muito bem esse ponto, na medida em que desenvolvemos na

escola o projeto social Caldo da Amizade⁹, a partir do qual os alunos, sob nossa coordenação, desenvolvem ações sociais na comunidade onde a escola está inserida. Essa dica seguida por nós tem tido seus resultados positivos, na medida em que muitos dos alunos se sentiram valorizados ajudando, por exemplo, moradores de rua.

12. quais as estatísticas sobre suicídio no Brasil? A intenção da pergunta aqui é apenas trazer alguns dados sobre o suicídio no Brasil. A média brasileira, segundo informações que constam do folheto, é de 6 a 7 mortes por 100 mil habitantes, o que o coloca abaixo da média mundial, de 13 a 14 mortes por 100 mil habitantes. Esses dados reforçam a necessidade de encarar o problema de modo claro e objetivo, já que a média mundial apresenta uma estabilização, a média brasileira está em ascensão, o que preocupa a todos nós. Esse aumento em casos de suicídios pode ser um reflexo claro de que precisamos avançar nessa discussão, fomentando o debate, quebrando os tabus e desenvolvendo ações que visem à superação do medo e dos preconceitos. O jovem, ao ler essa informação, percebe a gravidade do problema e muito mais, percebe que as estatísticas onde incidem o maior número de casos está na sua própria faixa etária, ou seja, de 15 a 29 anos. Isso porque ele interpreta no texto, uma proposta de mundo, de um mundo possível e ligado a ele, conforme se observa:

“O que se deve, de facto, interpretar num texto é uma proposta de mundo, de um mundo tal que eu possa habitar e nele projectar um dos meus possíveis mais próprios. É aquilo a que eu chamo o mundo do texto, o mundo próprio a este texto único (RICOUER, 1991, p. 122).

O jovem, ao perceber no texto sua proposta de mundo, identifica como sendo relevante para sua vida, porque a idade mostrada nas estatísticas corresponde a mesma idade desse jovem no Ensino Médio, logo se ver na proposta de mundo do texto

13. o suicídio pode ser prevenido? A resposta dada essa pergunta nos remete às estatísticas da OMS – Organização Mundial da Saúde (2000) que afirma que 90% dos suicídios podem ser evitados. Isso equivale a dizer que 90 em cada 100 casos de suicídio podem ser evitados. Esse número é importante porque mostra que a solução existe desde de que a pessoa procure a ajuda necessária. Essa ajuda pode

⁹ Lançamos até um livro onde os alunos relatam suas experiências nesse projeto.

vir de pessoas comuns, de voluntários ou profissionais. E aí o folheto faz sua própria divulgação na medida em que apresenta o CVV, com sua rede de voluntários em todos os estados há mais de 50 anos. Logo após a última pergunta falaremos mais especificamente sobre as ações do CVV. Então nesse momento do folheto o jovem que está com pensamentos suicidas percebe que seu caso tem jeito e a busca por ajuda pode lhe conferir uma nova oportunidade, com a possibilidade real de descartar a morte de si.

14. quem oferece ajuda para pessoas com intenção de se matar? Esta última pergunta retoma basicamente a ideia da anterior, mas com uma leve diferença. E aqui aproveitamos para falar mais especificamente das ações do CVV. Antes, porém, vamos logo ao teor das respostas dada pelo folheto. A primeira coisa que ele coloca é o CVV como referência na ajuda das pessoas que estão passando por crises emocionais e que desejam desistir da vida. Para começar o grupo de voluntários que atua na prevenção do suicídio é composto de pessoas altamente preparadas e que recebe uma espécie de formação para atender a esse público. Além da formação dada pelo Centro de Valorização da Vida, existem outros programas de saúde pública que atendem no Brasil. No caso do CVV o atendimento é diversificado, que vai de chats a atendimento pessoal. Com um grupo de mais de 2000 voluntários, o CVV se constitui numa das mais conhecidas referências de prevenção à doença que conhecemos no Brasil. **O disque suicídio (188) – uma ferramenta extraordinária na prevenção ao suicídio.** Essa talvez seja a ferramenta mais valiosa do CVV. Inicialmente o número estava disponível em apenas alguns estados, mas desde de 30 de junho de 2018 funciona no Brasil todo.

Mas em que consiste o *Disque Suicídio*? Na verdade, para ser voluntário do CVV é necessário fazer um curso, curso esse que habilita os interessados a realizarem todos os procedimentos necessários para que o público alvo das ações seja bem atendido. Com a abrangência do número 188 houve uma democratização de acesso a esse recurso, que tem ajudado a vida de muitas pessoas espalhadas pelo Brasil afora. A Anatel concedeu uma autorização (o ato de autorização nº 9.623 de setembro de 2017) para o CVV fazer um calendário a partir do qual o serviço fosse expandido nos seguintes estados:

FASES	ESTADOS	DATA DE FUNCIONAMENTO
-------	---------	-----------------------

1	9	30/09/2017
2	7	09/12/2017
3	7	30/03/2018
4	4	30/06/2018

Fonte: CVV – Centro de Valorização da Vida

Os primeiros estados que receberam os serviços foram: Acre, Amapá, Mato Grosso do Sul, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima e Santa Catarina. Na segunda fase os serviços foram ampliados para os estados de: Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Tocantins e Amazonas. Na sequência a ajuda foi disponibilizada nos seguintes estados: Alagoas, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. E por fim, o serviço se expandiu para todo o Brasil: Bahia, Maranhão, Pará e Paraná. O Maranhão foi um dos últimos estados a receber o serviço de ajuda às pessoas que estão pensando em suicídio ou que estão carecendo de apoio emocional. Então esse foi o calendário a partir do qual a Anatel - Agência Nacional de Telecomunicações - estabeleceu o cronograma de ampliação dos serviços. Voltando ao Maranhão, o estado onde o pesquisador se encontra, o serviço ainda é pouco conhecido do público em geral. Em Imperatriz, especificamente no mês de setembro, o projeto Valorização da Vida, que é a parte prática dessa pesquisa, conseguiu um stand para fazer a apresentação do projeto na *FECOIMP, Feira de Comércio de Imperatriz*, conforme imagens:



Alunos e o professor pesquisador numa ação na FECOIMP/2018/fonte: pesquisador



Público visitando o stand do projeto Valorização da vida/FECOOIMP/2018 - fonte: pesquisador

Mostramos o projeto ao organizador da feira e ele achou pertinente sua exposição, até porque sendo uma feira onde as pessoas se destinariam com finalidades econômicas há uma relação próxima dos casos de suicídios quando os negócios não estão bem. Inicialmente avaliamos que o stand não receberia muitas visitas em função de ser uma feira de negócios. Para surpresa nossa, a primeira noite de apresentação as pessoas se interessaram muito pelo assunto, inclusive sobre a existência do número 188, totalmente desconhecido do público. Mesmo já com alguns meses de funcionamento no Maranhão as pessoas o desconheciam totalmente, e ficavam surpresas quando os alunos falavam a respeito. Então o 188 é um modo diferente de ouvir as pessoas que estão pensando em suicidar-se. O recurso tem suas vantagens, algumas das quais citaremos: a pessoa que liga buscando ajuda é mantida sob total sigilo. As informações são confidenciais e, com isso, a pessoa se sente à vontade para expor o seu problema. Outro ponto interessante do serviço 188 é que funciona 24 horas por dia, feriado ou não. Além de que, a ajuda deixa as pessoas mais à vontade para falar de suas angústias, uma vez que elas não sabem com quem estão falando, e a pessoa que está ouvindo não vai reprová-la, muito menos condená-la, julgando-a, condenando-a, atitudes comuns na sociedade. A pessoa liga na certeza de que alguém irá ouvi-la sem tecer juízos de valor. Neste sentido há uma confiança na relação de fala e escuta, pois se não fosse desse modo muitas pessoas não teriam

a coragem ou força suficiente para desabafar. E nesse ponto o *Disque Suicídio* se diferencia das demais ajudas, pois deixa a pessoa livre, fala o tempo que achar necessário e, no geral, desiste da ideia do suicídio. Então esse recurso do *Centro de Valorização da Vida* é uma das conquistas mais importante que temos hoje no Brasil quando o assunto é ajudar pessoas em crises ou pensando no suicídio. Claro que a informação preventiva que o CVV disponibiliza, seja através dos folhetos, seja através da própria internet, deve ser mais divulgada, uma vez, como dito antes, ainda é um recurso muito desconhecido das pessoas. Acrescentando a isso é que, no discurso escrito, o texto está posto a quem quer e que saiba ler, conforme pontua Ricoeur: “Diferentemente da situação dialogal, em que o frente a frente é determinado pela própria situação de discurso, o discurso escrito chama a si um público que se estende virtualmente a quem quer que saiba ler”(RICOEUR, 1991, p. 119). Além do número 188, o CVV também dispõe de ajuda através de chat, e-mail e endereço fixo, espalhados pelo Brasil.

Feitas essas análises preliminares, ainda que resumidas, sobre o Centro de Valorização da Vida, sobre as perguntas e suas respectivas respostas que são destinadas ao público jovem, vale lembrar que o folheto consegue atingir seu objetivo, com linguagem fácil e bem ilustrada, é um recurso que é entregue principalmente nas escolas.

Agora, analisemos outro folheto que consta do site CVV. O primeiro analisado recebe o título de: *Falando abertamente sobre o suicídio*, elaborado pelo CVV. O segundo recebe o título de: *Prevenção Suicídio: Manual dirigido ao público em geral*¹⁰, elaborado pelo Ministério da Saúde. Como o título diz, o manual é destinado ao público geral, ou seja, qualquer pessoa que necessite de informações a respeito do suicídio. É bem verdade que o público a que é destinado essa mensagem e quem vai fazer a leitura e a interpretação, pode dar ao escrito múltiplos sentidos, conforme pontua Ricoeur: “para o hermeneuta, é o texto que tem um sentido múltiplo” (RICOEUR, 1978, p. 65). Na primeira página tem o seguinte subtítulo: **Suicídio. Saber, agir e prevenir**. No primeiro momento, para explicar a problemática do suicídio, é mostrado o seguinte quadro, reproduzido parcialmente aqui, em seguida farei a análise:

¹⁰ anexo II

Entendendo o suicídio	Pedindo ajuda	Verdades sobre o suicídio	Mitos sobre suicídio
<p>O suicídio é um fenômeno complexo que pode afetar indivíduos de diferentes origens, classes sociais, idades, orientações sexuais e identidade de gênero. mas o suicídio pode ser prevenido. Saber reconhecer os sinais de alertas em si mesmo ou em alguém próximo a você pode ser o primeiro e mais importante passo.</p> <p>Se você está pensando em tirar sua própria vida ou conhece alguém que esteja tendo tais pensamentos, saiba que você não está sozinho. Muitas pessoas já passaram por isso e encontraram uma forma de superar esse sofrimento.</p>	<p>Pensamentos e sentimentos de querer acabar com a própria vida podem ser insuportáveis e pode ser muito difícil saber o que fazer e como superar esses sentimentos, mas existe ajuda disponível. É muito importante conversar com alguém e que você confie. Não hesite em pedir ajuda, você pode precisar de alguém que te acompanhe e te auxilie a entrar em contato com os serviços de suporte.</p>	<p>Em geral, os suicídios são premeditados, e as pessoas dão sinais de suas intenções.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer os sinais de alerta e oferecer apoio ajudam a prevenir o suicídio. • A expressão do desejo suicida nunca deve ser interpretada como simples ameaça ou chantagem emocional. • Perguntar sobre a intenção de suicídio não aumenta nas pessoas o desejo de cometer o suicídio. • Nem todos os suicídios estão associados a outros casos de suicídio na família. 	<p>A pessoa que tem a intenção de tirar a própria vida não avisa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O suicídio não pode ser prevenido. • Pessoas que falam sobre suicídio só querem chamar a atenção. • A pessoa que supera uma crise de suicídio ou sobrevive a uma tentativa está fora de perigo. • Falar sobre suicídio pode estimular sua realização. • O suicídio é hereditário.
<p>Se você está pensando em tirar a própria vida ou conhece alguém que esteja tendo tais pensamentos, saiba que você não está sozinho. Muitas pessoas já passaram por isso e encontraram uma forma de superar esse sofrimento.</p>	<p>Quando você pede ajuda, você tem o direito de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser respeitado e levado a sério; • Ter o seu sofrimento levado em consideração; • Falar em privacidade com as pessoas sobre você mesmo e sua situação; • Ser escutado; • Ser encorajado a se recuperar. 		

Fonte: CVV – Centro de Valorização da Vida

Começamos então a analisar essa primeira parte do folheto e em seguida analisaremos a outra. Como se percebe, as informações aqui são mais genéricas e

práticas. Não trazem dados estatísticos como o folheto elaborado pelo CVV, mas a objetividade pode ser facilmente identificada. Nessa primeira parte, o material que é distribuído ao público geral está dividido em três partes: *entendendo o suicídio*; *pedindo ajuda* e *verdades e mitos sobre o suicídio*. No primeiro tópico, o folheto tenta mostrar a complexidade que é o fenômeno do suicídio. Isso termina por desmistificar a ideia popular que frequentemente circula entre os pais dos jovens e adolescente: de que o suicídio é “frescura”. O Ministério da Saúde coloca aqui como sendo algo complexo e o que é pior: afeta a todas as camadas sociais, ou seja, não existe essa coisa de ser pobre ou rico, hétero ou homo, negro ou branco, não importa, ele pode atingir a qualquer um e esse fato merece uma atenção especial por parte de todos, inclusive do governo. Seja qual for o leitor desse folheto vai se identificar em um dos grupos, seja social ou outros quaisquer, e isso faz com que perceba que não está sozinho, todos podem cometer o ato. Isso pode ficar claro quando o leitor fizer a leitura, conforme afirma Ricoeur: “numa palavra o texto deve poder, tanto do ponto de vista sociológico como psicológico, descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa situação nova: é o que faz, precisamente, o acto de ler” (RICOUER, 1991, p. 119). Primeiramente vai fazer a descontextualização da mensagem a ele destinada no folheto, em seguida fará a recontextualização, isto é, através da leitura atenta da mensagem exposta no folheto. Daí um esforço deve ser feito no sentido da sua prevenção, pois se por um lado todos estão sujeitos a suicidar-se, todos podem ser prevenidos, e isso termina encorajando o leitor. Primeiro ele se encaixa dentro de uma realidade maior, se identificando com um determinado grupo, seja social ou não, depois ele compreende também que seu problema tem solução, pode ser evitado, e isso pode ter seu lado positivo na medida que poderá encontrar meios para sair da situação que se encontra, no caso a ideia do suicídio. Para ser prevenido, no entanto, é necessário conhecer os sinais de alerta, tanto na pessoa que sofre ou identificar em amigos ou conhecidos próximos. Aqui não são mostrados os sinais de alertas que uma pessoa possa ter para receber ajuda de que tanto precisa. Depois desse tópico *entendendo o suicídio*, analisaremos o tópico seguinte dessa primeira parte: *pedindo ajuda*. Aqui reforça a ideia de complexidade que é o tema, primeiramente porque pensamentos e sentimentos de querer matar a si mesmo terminam sendo insuportáveis, na medida que muitos não saberiam como agir numa situação dessa. Nesse sentido vem uma dica já reforçada pelo folheto do CVV de que nesses momentos de incertezas deve-se conversar com alguém da confiança da

pessoa. Não se pode duvidar de que a pessoa com sentimentos de querer morrer deve procurar ajuda o mais rápido possível, mesmo que seja um amigo próximo, que poderá está encaminhando para um tratamento mais específico. Essa busca de ajuda não pode ter dúvidas, inclusive, na ausência de amigos, pode ser os serviços de suportes ou de apoio ou ainda de voluntários, como o CVV.

Essa ajuda quando é solicitada a algum amigo ou centros de apoio é preciso saber que o solicitando tem alguns direitos que precisam ser reconhecidos por parte de quem ajuda. Isso tem sua importância porque deve-se evitar fazer juízos de valor sobre a condição fragilizada da pessoa que busca ajuda. Ser respeitada e levada a sério, ter seu sofrimento levado em consideração, falar em privacidade com as pessoas sobre você mesmo e sua situação, e ser encorajado a se recuperar são alguns dos direitos que o folheto coloca como essenciais na superação dos pensamentos suicidas. Ser levado a sério significa reconhecer que a pessoa de fato está precisando de ajuda, e em matéria de suicídio ninguém deve brincar, por mais que pareça algo distante da realidade. A privacidade se destaca por ser uma segurança para quem busca a ajuda. Aliás, nesse campo de privacidade o Centro de Valorização da Vida, através do número 188, se destaca de modo exemplar, uma vez que é guardado todo o sigilo da pessoa, mantendo sua privacidade intacta, o que desenvolve confiança no solicitante. Quem busca ajuda quer ser escutado sem ser contrariado. Escutar com paciência se constitui em dever por parte de quem oferece a ajuda, sem emitir opiniões que possa constranger a pessoa, por isso essa escuta é de fundamental importância para que a pessoa em crise passa sair de tal situação e reencontrar sua vida, ser encorajado a se recuperar. O último tópico da primeira parte do folheto trata sobre *verdades e mitos sobre o suicídio*, conforme quadro a seguir:

VERDADES SOBRE O SUCÍDIO	MITOS SOBRE O SUICÍDIO
Em geral, os suicídios são premeditados, e as pessoas dão sinais de suas intenções.	A pessoa que tem a intenção de tirar a própria vida não avisa.
Reconhecer os sinais de alerta e oferecer apoio ajudam a prevenir o suicídio.	O suicídio não pode ser prevenido.
A expressão do desejo suicida nunca deve ser interpretada como simples ameaça ou chantagem emocional.	Pessoas que falam sobre suicídio só querem chamar a atenção.

Perguntar sobre a intenção de suicídio não aumenta nas pessoas o desejo de cometer o suicídio.	A pessoa que supera uma crise de suicídio ou sobrevive a uma tentativa está fora de perigo.
Nem todos os suicídios estão associados a outros casos de suicídio na família.	Falar sobre suicídio pode estimular sua realização. O suicídio é hereditário.

Fonte: CVV – Centro de Valorização da Vida

No campo das verdades há afirmações de que o suicídio é um fenômeno premeditado, no geral as pessoas manifestam sinais. Esses sinais, que mais na frente analisaremos, poderão identificar pessoas com características suicidas. De modo bem simplificado ninguém que está pensando em tirar a própria vida vai fazê-lo sem deixar rastros de que quer fazer isso. Há sinais que acompanham essa pessoa e amigos ou conhecidos devem ficar atentos quando identificarem esses sinais. Essa identificação contribuirá para que a ajuda seja oferecida em tempo hábil, até porque não deve se entender o desejo de morte como uma simples ameaça ou chantagem, pois uma palavra dita pode indicar que aquela pessoa está precisando de ajuda. Essa verdade ajuda a quebrar preconceitos oriundos do senso comum, cujas pessoas desinformadas tendem a julgar as pessoas com ideais suicidas como chantagem ou mesmo ameaça para se conseguir algo, os pais de jovens e adolescentes, muitas das vezes, se manifestam desse modo. Não é chantagem. No campo das crises e dos pensamentos que diminuem a potência da vida, tudo deve ser levado em consideração, por mais banal que seja. Uma outra verdade que precisa ser analisada é sobre a questão que paira no senso comum de que quando se fala sobre o suicídio as pessoas aumentam a vontade de praticar o ato. Não é verdade. Falar sobre o assunto ajuda na prevenção. Esse seria umas das razões que faz do tema um tabu, achar que não se deve falar a respeito, com medo de alguém vir a cometer o ato só pelo fato de se comentar sobre ele. Também precisa ser esclarecido que os casos de suicídio em famílias não garantem, necessariamente, que os demais membros da família praticarão o ato. Nesse folheto que está sendo analisado, de autoria do Ministério da Saúde, está descartado essa possibilidade, ou seja, não há nenhuma relação daqueles que se mataram pelo fato de pertencerem a famílias que no passado morreram com o mesmo tipo de morte. Esse detalhe é importante porque evita equívocos, principalmente do público geral, a quem o folheto é destinado, no que diz respeito a essa visão distorcida do suicídio. Como o material foi desenvolvido pelo

Ministério da Saúde recebe toda a fundamentação de estudos feitos nesse sentido. Então essa informação pode ajudar em muito a vida daqueles que se enquadrariam nesse item, fazendo com que não atribua a sua vida o resultado de outras decisões do passado, como de familiares que fizeram a opção pela desistência da vida. Neste sentido, quem decide viver ou não viver é a pessoa que está passando pela situação de risco, ela tem a última palavra e atitude, inclusive buscando ajuda necessária em vez de ficar atribuindo culpa ao passado.

No que diz respeito aos mitos que circundam a temática do suicídio são vários e todos precisam ser entendidos para se evitar ações erradas, que venham prejudicar a vida daqueles que se encontram em situação de desespero. A primeira coisa que se precisa esclarecer é: a pessoa que tem a intenção de tirar a própria vida não avisa. Esse é um dos mitos que precisa ser encarado de maneira séria e firme, uma vez que todos que pensam em tirar a própria vida terminam deixando sinais de que não estão em seus melhores dias – são os sinais de alerta, que mais na frente iremos mostrar. A pessoa avisa sim, quando está com a intenção de suicidar-se, seja por meio de cartas, de avisos na internet, de frases ou outro comportamento que indique uma anormalidade do padrão vivenciado por aquela pessoa. Além do mais, o suicídio, assim como qualquer outra doença, pode ser prevenido com ações afirmativas, reconhecendo-as como uma grave ameaça à saúde pública. Outro mito que é difundido entre o público geral é que uma vez superada a crise de suicídio esta jamais se repetirá. Não é verdade. É preciso vigilância constante para que a pessoa que uma vez foi acometida com a ideia de morte de si volte a ter uma recaída. A recaída pode acontecer enquanto houver vida. Não há nenhuma garantia de que alguém possa está imune a essa recaída. Ter consciência disso favorece uma educação constante para prevenir novas tentativas de suicídio. Mesmo não sendo um fato hereditário, mas é preciso estar atento à saúde mental e mantê-la equilibrada, reforçando a cada dia que, se não houver cuidado por parte da pessoa, a ideia pode voltar novamente. vejamos agora alguns sinais de alerta que podem identificar alguém com a intenção de matar a si mesmo. Esse pequeno resumo foi tirado do folheto que é distribuído para o público geral, organizado pelo Ministério da Saúde, como dito anteriormente. Vejamos, então.

ALGUNS SINAIS DE ALERTAS

Atenção	Preocupação com sua própria morte ou falta de esperança.	Expressão de ideias ou de intenções suicidas.	Se isolam ainda mais	Outros fatores.
<p>Não há uma “receita” para detectar seguramente uma crise suicida em uma pessoa próxima. Entretanto, um indivíduo em sofrimento pode dar certos sinais que devem chamar a atenção de seus familiares e amigos próximos, sobretudo se muitos desses sinais se manifestam ao mesmo tempo.</p>	<p>As pessoas sob risco de suicídio costumam falar sobre morte e suicídio mais do que o comum, confessam se sentir sem esperanças, culpadas, com falta de autoestima e têm visão negativa de sua vida e futuro. Essas ideias podem estar expressas de forma escrita, verbalmente ou por meio de desenhos. Alguns indivíduos começam a formular um testamento ou fazer seguro de vida.</p>	<p>Fiquem atentos para os comentários abaixo. Pode parecer óbvio, mas muitas vezes são ignorados.</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Vou desaparecer”. • “Vou deixar vocês em paz”. • “Eu queria poder dormir e nunca mais acordar”. • “É inútil tentar fazer algo para mudar, eu só quero me matar”. 	<p>As pessoas com pensamentos suicidas podem se isolar, não atendendo a telefonemas, interagindo menos nas redes sociais, ficando em casa ou fechadas em seus quartos, reduzindo ou cancelando todas as atividades sociais, principalmente aquelas que costumavam e gostavam de fazer.</p>	<p>Sabe-se que outros fatores, como a exposição ao agrotóxico, perda de emprego, crises políticas e econômicas, discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, agressões psicológicas e/ou físicas, sofrimento no trabalho, diminuição ou ausência de autocuidado, podem ser fatores que vulnerabilizam, ainda que não possam ser considerados como determinantes para o suicídio. Sendo assim, devem ser levados em consideração se o indivíduo apresenta outros sinais de alerta para o suicídio.</p>

<p>O aparecimento ou agravamento de problemas de conduta ou de manifestações verbais durante pelo menos duas semanas também devem ser levados em consideração.</p>				
<p>Esses indicadores não devem ser interpretados como ameaças nem como chantagens emocionais, mas sim como avisos de alerta para um risco real. Por isso, é muito importante ser compreensivo, além de estar disposto a conversar e escutar a pessoa sobre o porquê de tal comportamento, criando um ambiente tranquilo, sem julgar a pessoa afetada.</p>				
<p>Conversar abertamente com a pessoa sobre seus pensamentos suicidas não a influenciará a completá-los. Ao falar sobre esse assunto com ela,</p>				

<p>você pode descobrir como ajudá-la a suportar sentimentos, muitas vezes angustiantes, que ela está experimentando e incentivá-la a procurar apoio profissional.</p>				
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--

Fonte: CVV – Centro de Valorização da Vida

Já sabemos que um dos mitos mais recorrentes quando o assunto é suicídio é o de que a pessoa com intenção de tirar a própria vida não deixa sinais àqueles que estão próximos. Deixa sinais sim, e esses sinais podem ser determinantes na hora de ajudar alguém e até mesmo salvar a vida da pessoa. Claro que esses sinais de alertas não devem ser compreendidos isoladamente. Há outras situações que precisam ser entendidas e a partir daí analisar o conjunto, que poderá indicar ou não alguém com a intenção de suicidar-se. Isso significa dizer que não há como saber de maneira 100% segura que esses sinais garantam uma boa abordagem. E aí para sair desse dilema o folheto vai trazer uma informação preciosa no que diz respeito a essa possível precisão na hora de identificar a intenção de alguém de pôr fim à vida, como por exemplo: o aparecimento ou agravamento de problemas de conduta ou de manifestações verbais durante pelo menos duas semanas. Outro indicativo que deve ser levado em consideração sobre os sinais de alertas e que as pessoas em risco de suicídio costumemente falam de morte e suicídio mais do que o comum, somado a isso sentem culpa e falta de autoestima no cotidiano, sem perspectivas futurísticas. Temos então algumas frases que somadas aos 4Ds¹¹ podem indicar um sinal de alerta e todo cuidado deve dedicado no sentido de evitar possíveis males a essas pessoas. São elas: *Vou desaparecer; Vou deixar vocês em paz; Eu queria poder dormir e nunca mais acordar; É inútil tentar fazer algo para mudar, eu só quero me matar.* lembremos que essas frases devem receber maior atenção quando associada aos 4Ds, ou seja, se a pessoa se sente deprimida, depressiva, desamparada e sem nenhuma esperança, então deve-se inclusive, acompanhar mais de perto os movimentos dessa

¹¹ 4 Ds são termos utilizados no material do Ministério da Saúde: depressão, desesperança, desamparo e desespero.

pessoa, a fim de evitar possíveis danos à sua saúde. É bom lembrar que algumas dessas frases as usamos no dia a dia sem nenhuma relação com o suicídio, por isso é importante reconhecer os 4Ds para evitar leituras equivocadas da realidade. Sabendo de que muitas das pessoas em risco de suicídio buscam o isolamento, se fechando em seus quartos, evitando fazer coisas que antes gostavam de fazer devem receber uma atenção especial, haja vista que nessas condições e com as frases de alertas é possível que essas pessoas estejam de fato maquinando sua própria morte. Nesse ponto o folheto é preciso em sua colocação. Ao destacar essas frases de alertas, bem como algumas das características sociais dessas pessoas, suas mudanças de hábitos, comportamentos, rotinas e outros eventos relacionados à sua vida diária, mostra que o fenômeno do suicídio deve ser rastreado de perto para evitar que essas pessoas tomem direções não desejáveis, que venham a afetar sua vida e mesmo pô-la em risco de morte. Ainda é preciso compreender que determinadas categorias que se expõe aos agrotóxicos, crises políticas e econômicas, discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, podem contribuir para que essas pessoas façam a opção pelo suicídio, ainda que isso não seja determinante. Então essa seria a primeira parte do material organizado pelo Ministério da Saúde destinado ao público geral. Analisaremos agora a última parte com a finalidade de entender a proposta que está sendo posta nesse folheto. Na verdade, a última parte diz respeito apenas a questões do que se deve ou não dizer a alguém que está sob o risco de suicidar-se. Vamos fazer um quadro resumido para exemplificar melhor as informações contidas, lembrando que o folheto estará nos anexos dessa pesquisa.

Diante de uma pessoa sob risco de suicídio, o que se deve fazer:	Diante de uma pessoa sob risco de suicídio, o que não se deve fazer:
Encontre um momento apropriado e um lugar calmo para falar sobre suicídio com essa pessoa. Deixe-a saber que você está lá para ouvir, ouça-a com a mente aberta e ofereça seu apoio.	Condenar/ julgar: “Isso é covardia”. “É loucura”. “É fraqueza”.
Incentive a pessoa a procurar ajuda de um profissional, como um médico, profissional de saúde mental, conselheiro ou assistente social. Ofereça-se para acompanhá-la a uma consulta.	Banalizar: “É por isso que quer morrer? Já passei por coisas bem piores e não me matei”.
Se você acha que essa pessoa está em perigo imediato, não a deixe sozinha. Procure ajuda de profissionais de serviços de	Opinar:

emergência, um serviço telefônico de atendimentos a crises, um profissional de saúde, ou consulte algum familiar dessa pessoa.	“Você quer chamar a atenção”. “Te falta Deus”. “Isso é falta de vergonha na cara”.
Se a pessoa que com quem você está preocupado (a) vive com você, assegure-se de que ele (a) não tenha acesso a meios para provocar a própria morte (por exemplo, pesticidas, armas de fogo ou medicamentos) em casa.	Dar sermão: “Tantas pessoas com problemas mais sérios que o seu, siga em frente”.
Fique em contato para acompanhar como a pessoa está passando e o que está fazendo.	Frases de incentivo: “Levanta a cabeça, deixa disso”. “Pense positivo”. “A vida é boa”.

Fonte: CVV – Centro de Valorização da Vida

Esta última parte do folheto traz informações importantes no que diz respeito a procedimentos que aqueles que se propõem a ajudar uma pessoa sob o risco de suicídio devem levar em consideração. A primeira ação a fazer diante de uma pessoa que está sob risco de suicídio é demonstrar que está interessada em ouvi-la. Para tanto, isso tem que ficar claro de modo que a pessoa que está sofrendo perceba que de fato a pessoa está interessada em seu problema. É interessante observar o significado verbal, textual e psicológico, já que têm significados diferentes, conforme afirma Ricoeur: “significação verbal, quer dizer, textual, e significação mental, quer dizer, psicológica, têm, doravante, destinos diferentes” (RICOEUR, 1991, p.118). Isso reforça a ideia de que lugar para ouvir essa pessoa é importante, de preferência num lugar calmo, onde ela possa se sentir à vontade para expor seus dilemas. Já sabemos que qualquer pessoa pode ajudar alguém sob risco de suicídio, mas há momentos e situações em que a melhor coisa a fazer é encaminhar a pessoa para o profissional da área da saúde, seja mental ou não. Deve haver um incentivo nesse sentido, pois na maioria dos casos a pessoa não tem forças necessárias para ter essa atitude, daí a importância de se oferecer para acompanhá-la numa consulta, por exemplo. Alguém que está num estado depressivo, com baixa estima, abalado/a e se sentido fragilizado/a, dificilmente terá forças para ir ao psicólogo, psiquiatra ou outro profissional da área qualquer. Claro que às vezes se percebe que a pessoa corre um certo perigo imediato e alguns procedimentos devem ser tomados imediatamente, ou

seja, deve-se encaminhar a pessoa ao serviço de emergência telefônico, um familiar da pessoa, é o que orienta o folheto. Essa iniciativa tem a sua relevância porque dependendo da demora na prestação de ajuda ou encaminhamento para o profissional da área, a pessoa pode cometer o ato do suicídio. Desse modo, se justifica a rapidez com que essa situação tem que ser encarada, pois sua demora pode levar a morte. O material é claro nesse particular, uma vez que o mesmo orienta que se a pessoa que está passando por situações que sugerem a desistência da vida e mora com você, neste caso alguns cuidados devem ser priorizados, como: evitar pesticida, armas de fogo, medicamentos ou cordas, tudo isso para evitar que essa pessoa se utilize de uma dessas ferramentas e ponha fim à sua vida. Então percebe-se que não é tão fácil assim esconder esses materiais de alguém, ainda mais se tratando de pessoas adultas. Então podemos sintetizar aquilo que se deve fazer quando percebemos uma pessoa em situação de risco de suicídio: encontrar um lugar ideal para ouvi-la e deixar saber que você está interessada em ajudá-la; incentivar a pessoa a procurar ajuda de um profissional, que pode médico, profissional da saúde mental ou assistente social; procurar serviços de emergências, que pode ser telefônico; evitar acesso a meios que possa comprometer a sua vida, como armas de fogo, facas, medicamentos entre outros e; ficar em contato com essa pessoa, saber como está passando, isso pode evitar que ela tome decisões precipitadas, decisões essas que poderiam ser evitadas. De modo geral, podemos afirmar que esse material distribuído ao público pelo Ministério da Saúde se diferencia do folheto elaborado pelo CVV, principalmente porque o segundo tem alcance específico, no caso adolescentes e jovens, além de que o material do CVV é mais completo e traz dados importantes para o leitor. Mas se deve reconhecer o mérito do material do MS, uma vez que ele se propõe a esclarecer tudo aquilo que público geral precisa saber sobre o suicídio: saber, agir e pensar. Quando se sabe o que é o suicídio, conhece suas possíveis causas, sua complexidade, e age no sentido de preveni-lo, então o ciclo tende a se completar. Até aqui analisamos dois materiais de prevenção ao suicídio que estão disponíveis no site do Centro de Valorização da Vida, o primeiro, como dito antes, é voltado para o público jovem. No projeto de intervenção dessa pesquisa utilizamos esse material e divulgamos nas escolas, shoppings e eventos destinados a jovens e adolescentes (estão em seus anexos as fotos). O material teve uma aceitação muito boa devido à sua objetividade, ele fala direto, com informações valiosíssimas, mostrando que o fenômeno do suicídio não deve ser encarado como tabu, mas não

deve ser encarado como “frescura”, termo bem comum na sociedade. O folheto do MS, por outro lado, é bem mais genérico, mas traz detalhes de ações que devem ser desenvolvidas por aqueles que tem a potencialidade de ajudar alguém: saber, agir e prevenir. Existem ainda outros materiais que constam do site do CVV, materiais esses que servem de base para determinados profissionais, seja da saúde, seja da imprensa. Devido o foco da pesquisa se direcionar ao público jovem não pontuaremos sobre esses materiais, mas farei menção a algumas ações do Ministério da Saúde no que diz respeito às políticas de prevenção que existem hoje, ou seja, a base legal que fundamenta, inclusive esse folheto do Ministério da Saúde.

Portaria nº 1876, de 14 de agosto de 2006

Podemos afirmar que essa portaria foi um marco decisivo na implementação das ações do MS no sentido de sua prevenção. Ela “Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão” (PORTARIA, 2006). Neste mesmo ano foi elaborado o Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. Esse dispositivo legal já percebia o aumento em casos de suicídio na faixa etária jovem, principalmente entre os anos de 15 a 29. Chamamos a atenção ao início da portaria, quando diz: “Considerando o impacto e os danos causados pelo suicídio e as tentativas nos indivíduos, nas famílias, nos locais de trabalho, nas escolas e em outras instituições” (PORTARIA, 2006). Vê-se que o dispositivo legal se volta para um problema já conhecido pelos efeitos devastadores na sociedade. E aqui cabe destacar o problema do suicídio nas escolas registrado pela portaria. A escola recebeu destaque porque não se pode pensar em políticas públicas e deixá-la de fora, haja vista que o aumento nos casos de suicídio veio, predominantemente, do público que está nas escolas. Outro ponto importante que se percebe ainda no início da portaria, é considerar a necessidade de promover estudos e pesquisas na área de prevenção do suicídio. A partir dessa realidade, resolve: “Art. 1º Instituir as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão”. Nesse artigo fica claro que as políticas de prevenção do suicídio devem ser trabalhadas nas três esferas de gestão, a saber, União, estados e município. Essa articulação se justifica porque os esforços conjuntos tendem a ser mais eficazes e as ações desenvolvidas mais efetivas. No artigo segundo, além das Diretrizes Nacionais para prevenção do suicídio

sejam organizadas de forma articulada entre o Ministério da Saúde, as Secretárias de Estados, as Secretárias Municipais de Saúde, as instituições acadêmicas ganham destaque também. Então pode-se dizer que tanto as escolas quanto as universidades são contempladas por esta portaria. Tudo isso visando a promoção da qualidade de vida das pessoas.

Temos ainda a *portaria de nº 3088 de 23 de dezembro de 2011*, cujo objetivo foi instituir a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Essa portaria se destaca pela sua abrangência na prevenção do suicídio no Sistema de Saúde (SUS), já que usuários de drogas, alcoólatras, entre outros grupos, segundo o próprio relatório do Ministério da Saúde (já observado anteriormente), têm uma relação muito próxima com os casos de suicídios. Segundo o relatório do MS (2006):

A dependência do álcool está associada a vários transtornos psiquiátricos, sendo responsável por uma boa parte das internações psiquiátricas. Também está relacionada a faltas no trabalho e à diminuição da capacidade laboral. O álcool aumenta a impulsividade e, com isso, o risco de suicídio.

A partir dessa portaria os dependentes de álcool e drogas podem ser atendidos no Sistema Único de Saúde. A situação dos dependentes de drogas e álcool não poderia se prolongar mais sem a devida atenção por parte dos SUS, já que esses dependentes têm sua impulsividade aumentada, podendo ser induzidos ao suicídio. Todos os pontos da RAPS (Rede de Atenção Psicossocial), prevê a articulação desde Atenção Básica: Equipe de Saúde da família (ESF), Unidade Básicas de Saúde (UBS), Centro de Convivência, Consultório na Rua, Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) até a Atenção Hospitalar e serviços de urgência e emergência (UPA 24h, SAMU 192), sob a coordenação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Então percebe-se que a portaria tem uma importância considerável na medida que os serviços de prevenção do suicídio receberam uma ampliação considerável. A portaria nº 1271, de 06 de junho de 2014, define a Lista Nacional de Notificações Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, torna as tentativas de suicídio e o suicídio agravos de notificação compulsória imediata em todo o território nacional. O que indica a necessidade de acionamento imediato da rede de atenção e proteção para a adoção

de medidas adequadas a cada caso de tentativas de suicídio. Lembrando que o anexo de número 46, parte b, faz menção ao suicídio, que é descrito como uma espécie de violência: “Violência: sexual e tentativa de suicídio”. Portanto, é um avanço importante na prevenção do suicídio essa portaria.

Vejamos então algumas outras ações do Ministério da Saúde a esse respeito. A partir de 2015 o Ministério da Saúde estabeleceu uma parceria com o Centro de Valorização da Vida (CVV) visando o apoio emocional, por meio de ligações telefônicas, de serviço de prevenção do suicídio, sendo o serviço ampliado em 2017 com a gratuidade das ligações num Acordo de Cooperação Técnica. Isso em todo território nacional, como já observado no tópico anterior. Quando foi em setembro de 2017, o MS lançou o *Boletim Epidemiológico Setembro 2017* e a *Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil 2017-2020*, ainda em vigor. O objetivo geral dessa Agenda:

Ampliar e fortalecer as ações de promoção da saúde, vigilância, prevenção e atenção integral relacionadas ao suicídio, com vistas à redução de tentativas e mortes por suicídio, considerando os determinantes sociais da saúde e as especificidades de populações e grupos sociais em situação de maior vulnerabilidade a esse fenômeno e os municípios e grupos de municípios com alta concentração de suicídio, no período de 2017 a 2020 (MS, 2017).

Alguns dos objetivos específicos:

Sensibilizar e mobilizar o campo da saúde e demais setores governamentais (educação, justiça, assistência social, cultura, trabalho e emprego, previdência, agricultura e outros) das gestões federal, estadual e municipal, bem como a sociedade civil, para atuar sobre os determinantes sociais relacionados ao fenômeno do suicídio, especialmente os socioeconômicos, ambientais, de trabalho e ocupação, étnico-raciais, de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, e outros;
Fomentar e apoiar os arranjos intersetoriais nos níveis municipal e estadual, que envolvam as áreas de saúde, assistência social, educação, justiça e trabalho, incluindo a sociedade civil nas ações de cuidado e prevenção do suicídio (MS, 2017).

Como se percebe, a Agenda se propõe a ampliar e fortalecer ações de prevenção ao suicídio, visando a redução dos números de casos. Neste sentido, as áreas de saúde, assistência social, educação, justiça e trabalho, além da sociedade civil devem receber o apoio dessa portaria. Só que faltava algo para gerir todas essas ações, foi aí que em 18 de dezembro de 2017 veio a portaria de nº 3479, que Institui

Comitê para a elaboração e operacionalização do Plano Nacional de Prevenção do Suicídio no Brasil. Segundo a portaria, logo no início:

Considerando o suicídio como um fenômeno complexo e multifacetado que afeta toda a sociedade e pode ser prevenido, reconhecido pela Organização Mundial de Saúde como um grave problema de saúde pública de relevância mundial, resolve:

No seu artigo primeiro versa do seguinte modo: “fica instituído, no âmbito do Ministério da Saúde, o Comitê do Plano Nacional de Prevenção do Suicídio no Brasil” (Portaria nº 3.479, 2017). Aqui temos a base legal da criação do Comitê, que representou um avanço na efetivação das ações que visam à prevenção do suicídio. Só que faltava algo para que essas ações tivessem sua aplicabilidade prática, no caso concreto, faltava o incentivo financeiro, e isso foi resolvido pela publicação da portaria de nº 3491, de 18 de dezembro de 2017, que:

Institui incentivo financeiro de custeio para desenvolvimento de projetos de promoção da saúde, vigilância e atenção integral à saúde direcionados para prevenção do suicídio no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde (SUS), a onerarem o orçamento de 2017 (Portaria 3491, 2017).

Aqui, com esta portaria, os recursos foram abertos para as ações desenvolvidas pelo SUS tivessem sua aplicabilidade. No entanto, os recursos não foram distribuídos para o todo o Território Nacional, mas apenas para os estados onde os números de suicídios são maiores, conforme quadro resumido abaixo:

UF	Município	IBGE	Tipo de entidade	CNPG	Ação	Valor da proposta
AM	Manaus	270000	Fundo Estadual de Saúde	06.023.708/0001-44	Prevenção do Suicídio no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial	R\$ 220.000,00
MS	Campo Grande	500000	Fundo Estadual de Saúde	03.517.102/0001-77	Prevenção do Suicídio no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial	R\$ 250.000,00
PI	Teresina	220000	Fundo Estadual de Saúde	06.206.659/0001-85	Prevenção do Suicídio no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial	R\$ 250.000,00
RR	Boa Vista	140000	Fundo Estadual de Saúde	05.370.016/0001-00	Prevenção do Suicídio no âmbito da Rede	R\$ 220.000,00

					de Atenção Psicossocial	
RS	Porto Alegre	430000	Fundo Estadual de Saúde	87.182.846/0001-78	Prevenção do Suicídio no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial	R\$ 250.000,00
SC	Florianópolis	420000	Fundo Estadual de Saúde	80.673.411/0001-87	Prevenção do Suicídio no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial	R\$ 250.000,00

Fonte: Ministério da Saúde

Por este demonstrativo os estados que mais receberam recurso foram: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Piauí e Mato Grosso do Sul, por serem os estados onde o índice de suicídios é mais elevado. Amazonas, embora ocupando o 10º lugar no ranking, recebeu em função de altas taxas de suicídio da população indígena, daí a justificativa para tal inclusão. De modo resumido essas são algumas das ações do Ministério da Saúde no tocante à prevenção do suicídio. Podemos afirmar, sem menores dúvidas, que do ponto de vista legal estamos bem estruturados. Até 2020 serão feitos novos levantamentos para se saber se houve diminuição nos números de suicídio ou não, já que a meta é reduzir em até 10% o número de casos. Isso porque, segundo o próprio MS, no Brasil os números são preocupantes, onde cerca de 11 MIL tiram a própria vida por ano, em média. É quarta maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. É a terceira maior causa de mortes entre homens de 15 a 29 anos e nas mulheres é a oitava maior causa de mortes entre 15 a 29 anos. Então são esses números que precisam ser reduzidos com as ações e campanhas de prevenção do suicídio do MS e demais parceiros, como o Centro de Valorização da Vida, já analisado no tópico anterior. Segundo a OMS – Organização Mundial da Saúde, no mundo cerca de 800 mil pessoas se matam todos os anos, é a segunda maior causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos. Então percebe-se claramente que no contexto mundial quanto no contexto local, os números de suicídio na faixa etária jovem, ou seja, de 15 a 29 anos, tem um número bastante elevado. Daí a preocupação do MS e do CVV no sentido de difundir informações seguras no que diz respeito ao suicídio no Brasil, alertando as pessoas de que pode ser evitado, como qualquer outra doença.

CAPÍTULO III – EXERCÍCIO DE HERMENÊUTICA SOBRE NARRATIVAS DE JOVENS SUICIDAS

Neste capítulo analisaremos algumas cartas e/ou bilhetes de jovens suicidas que deixaram na Internet ou redes sociais após cometer o suicídio. Sobre essas cartas ou bilhetes serão feitas uma leitura hermenêutica a partir da noção de duas obras de Paul Ricoeur, *O conflito das interpretações* e *Do texto a ação*. O esforço, a partir da dialética entre compreender-explicar-compreender ricoeuriana, é o analisar os aspectos que vão do plano semântico, ao plano existencial, com vistas a alcançar o plano reflexivo, sobre as motivações suicidas no referido ciclo de vida, procurando identificar similaridades, divergências e convergências entre uma narrativa e outra, considerando as narrativas como ações simbólica e metaforicamente mediatizadas. Desse modo, a análise aqui caminhará neste sentido, levando em conta esta compreensão.

É sabido que antes de Paul Ricoeur, conforme pontuado no primeiro capítulo, observava a hermenêutica tradicional a tentativa de buscar por meio do texto os sentimentos, a atmosfera, a postura do autor quando este produziu o texto. A finalidade era, mediante a interpretação, reviver a emoção vivenciada pelo autor do texto, para daí alcançar a sua exata compreensão. Na concepção de Ricoeur, voltar às emoções passadas, bem como sentir o que o autor do texto sentiu ao produzir determinado texto, não só se constitui numa tarefa malograda, mas, sobretudo, impossível. Voltar ao passado e mergulhar naquilo que em épocas específicas motivou o autor do texto a produzir o que produziu, soa como algo folclórico, além de irreal. Como se revive a mesma emoção? Trata-se de algo estritamente subjetivo. Daí a preocupação de Ricoeur em abrir mão desse modo hermenêutico, visto ser malfadado a sua concretude. Desse modo, a partir da compreensão do autor citado, a intenção aqui não é tentar entender os pensamentos suicidas, bem como as motivações a partir das cartas deixadas, isso porque quem se suicidou não está mais entre nós e nem fala mais por si, além do texto não pertencer mais ao seu autor, conforme Amaral:

Uma vez escrito, o texto não pertence mais ao seu autor. O texto passa a ser propriedade do intérprete que o lê, pois o texto escrito vai além da circunscrição do discurso falado, estabelecido através de um diálogo, já que, fixado linguisticamente, abre-se ao universo interpretativo da reinvenção do

mundo, libertando, assim, novos sentidos a partir dos sentidos já fixados (AMARAL, 2008, p. 80).

Assim, cabe aqui fazer as interpretações dessas cartas a partir desse entendimento, lembrando que o texto não pertence mais ao seu autor, conforme afirma Ricoeur. Nesse sentido, faremos aqui a análise de algumas cartas que foram deixadas por jovens suicidas, mesmo sabendo que existe uma quantia significativa dessas cartas que não serão analisadas aqui. Já sabemos, conforme pontuado no capítulo anterior, que o número de jovens que têm feito a opção pela desistência da vida tem preocupado o Ministério da Saúde, pois os números são expressivos. Já sabemos também, conforme o mesmo capítulo, que a faixa etária de 15 a 29¹² tem um dos maiores registros dessa modalidade de morte, portanto, se constituindo num grande desafio para todos.

Começamos aqui analisando uma carta deixada por uma maranhense da cidade de Monção, há aproximadamente 241 quilômetros de São Luís e 430 quilômetros de Imperatriz, Maranhão. Todas as informações aqui foram confirmadas para evitar possíveis equívocos. A informação saiu na mídia com o seguinte tema: *Jovem se suicida no Maranhão e deixou carta acusando o “pai” de tê-la abusado sexualmente* (blog do Luiz Cardoso). Tivemos a oportunidade de conversar com o blogueiro Luiz Cardoso perguntando sobre a veracidade das informações divulgadas na internet, que me confirmou dizendo que conversou com a própria mãe da vítima, que revelou o ocorrido e teria mostrado a referida carta. Portanto, a esse respeito podemos dizer que há um certo grau de verdade do escrito deixado. Conforme registrado no blog e confirmado pelo blogueiro, o suicídio ocorreu em 14 de abril de 2017, na cidade de Monção, conforme dito anteriormente. Thalia Meireles, 14 anos, deixou uma carta após cometer o ato. Segundo informações apuradas pelo blogueiro, Meireles teria sido vítima de abuso sexual do “pai” (padrasto). Vamos, então, fazer a análise por parte e depois tentar compreender e explicar, a partir hermenêutica citada. A carta é um pouca extensa e há vários erros de grafia, mas fiz a opção pela sua originalidade, sem as correções. Vejamos então em sua íntegra o que a jovem deixou para os pais e a comunidade:

¹² Fonte: Sistema de Informação sobre Mortalidade, 2017

Eu sei que a decisão que eu tomei foi totalmente desqualificada e imoral. Quem diabos é para tirar a própria vida?

Mas eu posso dizer uma coisa: Pra que serve o livre arbítrio?

A vida é minha, a essência é minha. Respeitem.

As pessoas passam a vida inteira julgando tudo que vêem. Jogam palavras que não voltam, olhares que machucam, rejeitam, maltratam, usam. Isso dói, tá legal? O ser humano vai guardando isso dentro de si até formar uma grande bola prestes a explodir. Você pode ver uma pessoa sorrindo, parecendo feliz, mas não se engane, sempre há coisas além. Por isso somos cegos. Nunca vemos além.

Aquela menina sentada de cabeça baixa tá precisando de ajuda. Mas o que as pessoas fazem? “Fulana está na bad”.

Que sociedade maldita. Como se tristeza fosse algo irrelevante, que não precisa de atenção. Idiotas. Quando é tarde eles se perguntam o que tinha de errado.

Pais que não vêem seus filhos se cortando, se drogando, se destruindo. Escolas que não vêem o bullying debaixo do seu nariz.

Pais que estrupam os filhos, mães que humilham, irmãos que rejeitam.

Malditos. Malditos.

Tudo isso acima faz a mente humana enlouquecer, sabia? Ela definha, fica angustiada e cheia de coisas inexplicáveis, pensamentos perigosos. Você vê no jornal aquele jovem que matou inúmeros estudantes e julga. Já parou pra pensar o que levou ele fazer aquilo? Será que não foi a hipocrisia e idiotice da sociedade?

Essa sociedade que nos coloca em um lugar durante anos, em total humilhação e depois quer escolher um futuro pra nós.

Ninguém nunca vê. Até que é tarde.

Eu não queria morrer. Eu penso que tenho um futuro pela frente. Eu sei que tenho.

Tnho mais amigos para fazer, mais músicas para escutar, mais pessoas para namorar, mais shows para ir. Tanta coisa.

Mas sabe o que eu e outras milhões de pessoas pensam sobre isso?

“Eu não tenho força de vontade para continuar. Eu não sou forte, eu não consigo seguir em frente sem derrubar mais uma lagrima”.

Sejam mais gentis, por favor. Amem mais, ajudem mais, vêem mais, peguem na mão de pessoas que estão se afogando. Dê sua mão.

Dê um sorriso.

Eu tenho inúmeros motivos para ter feito o que fiz.

Meu próprio pai me abusou e foi por isso que eu morri por dentro. Eu fui morrendo durante dois anos. Fui vendo minha morte sem poder fazer nada a respeito.

Quantos cortes eu não fiz?

Eu até apelei a drogas, o que não resultou em nada.

Meu pai iniciou a destruição.

Minha mãe me tirou minha rotina e passou a assistir tudo em total inconsciência. Eu sei que ela via, mas quem disse que ela percebia?

Ela era uma mãe tão atenciosa, o que aconteceu? Porque ela ficou tão alheia? Porque ela demonstra amar mais a meu irmão? Porque ela não me ama? Porque ela não me abraça e me beija assim como ela faz com meu irmão?

Porque ela me humilha por causa de um erro tão pequeno?

Porque ela não pergunta como foi meu dia na escola? Porque ela não quer saber o motivo de eu estar tanto tempo trancada no quarto? Porque ela não pergunta o motivo de eu usar tanta blusa de manga comprida?

Ela tá deixando eu morrer sem fazer nada. E eu não quero as lágrimas de meus pais. Eu sentiria nojo delas. Eu sentiria nojo porque eu passei a odiar meu pai e odiar minha nova mãe. Porque eu ainda amo aquela mãe que me abraçava e me beijava. É como se ela não me amasse mais porque fui usada pelo meu pai, como se ela sentisse nojo de mim.

Sim, ela sabe do abuso, mas jogou pra debaixo do tapete. Assim como aquela maldita escola em que eu passei os piores momentos da minha vida.

Eu já tentei suicídio outras vezes. E isso é horrível, porque eu já sei a sensação.

Pensar em suicídio é uma coisa, mas planejar e ir no ponto é outra.

Dá aquele aperto no peito, aquela sensação de frio na barriga. “O que acontecerá depois disso?” Eu não acredito em deus, eu creio que depois disso não há nada.

Mas enfim, fazer isso é difícil. Eu sou muito covarde.

Eu irei deixar muita coisa no mundo e o mundo irá perder muita coisa. Eu sou diferente. Eu sou uma daquelas pessoas que os outros precisam .

As vezes acho que sou hipócrita porque eu vejo pessoas depressivas e vou ajudar, dar conselhos, tirar a pessoa daquela situação. Mas eu não faço isso comigo. Porque não dá mais.

Droga, eu queria tanto ficar aqui. Porque ninguém me ajudou antes?

Ontem vi pessoas dizendo que a série 13 reasons why influenciava jovens a se suicidarem. Mas eu não acho isso.

Eu estava planejando tirar minha vida a meses e essa série só fez eu parar e pensar: Estou prestes a fazer algo muito idiota”.

Sim, eu tinha desistido de tirar minha vida por causa de uma série, mas depois algo mudou. Eu voltei com a decisão .

Então eu digo: Eu não me matei porque uma série me influenciou, não pensem nisso .

Eu me matei porque eu não aguentava mais existir assim. Eu já estava morta, o que mais eu serviria nesse mundo? Uma garota totalmente sem essência, sem nada por dentro. Já imaginou um oceano no meio da tempestade? O céu escuro? É assim dentro de mim. Mas tudo silencioso. Tudo muito destruído e silencioso. Tudo muito angustiante e doloroso.

É difícil acordar de manhã e pensar:

“Mais um dia em que irei ter lembranças más” “Mais um dia ao lado de pessoas que não me amam, que me odeiam” “Mais um dia sentindo uma imensa vontade de chorar em todos os momentos” “Mais um dia desejando morrer”

Então eu quero pedir que sejam mais tolerantes. Depressão não é frescura.

Não neguem ajuda a aqueles que estão angustiados, no fundo do poço.

E quando forem se lembrar de mim, pensem em uma Thalia verdadeira. Aquela feliz que vocês viam era total mentira.

Adeus

Thalia Mendes Meireles.

Eu sei que a decisão que eu tomei foi totalmente desqualificada e imoral. Quem diabos é para tirar a própria vida?

Mas eu posso dizer uma coisa: Pra que serve o livre arbítrio?

A vida é minha, a essência é minha. Respeitem.

Ela começa sua narrativa admitindo que a decisão que vai tomar não é uma das melhores, portanto, mostra ter consciência de que o suicídio não seria a solução adequada para o seu problema. A questão é: se sabe que não seria a melhor decisão, e que esta decisão não resolveria nada, por que então resolveu tirar a própria vida? A esse respeito o psiquiatra americano Ari Kiev se manifesta do seguinte modo: “se você tem coragem para tentar se matar, por que não aplicar esta coragem para viver a vida

como você gostaria? (KIEV, 1982, p.12). E aqui entra um ponto importante nessa abordagem: para encontrar coragem para viver a vida que gostaria, ela precisaria de ajuda. Neste sentido o psiquiatra cita alguns casos que acompanhou de pessoas que tinham essa vontade de suicidar-se, e a partir das opções por ele mostradas para o paciente, como fazer o que gosta, o mesmo passou a reagir positivamente, substituindo a vontade de morrer por viver. Só que no caso da Thalia parece que a ajuda não chegou na hora certa, nem mesmo amigas que poderiam ajudá-la a superar as angústias apareceram. Neste Caso, fica mais difícil a superação do problema. E ela segue achando que tirar a própria vida é algo estranho, na medida em que faz a seguinte pergunta: “quem diabos é para tirar a própria vida?”. Em seguida ela fala sobre o livre-arbítrio: “mas eu posso dizer uma coisa: Pra que serve o livre arbítrio?”. Na cabeça da jovem há dúvidas consideráveis, isso porque seu texto parece demonstrar uma autonomia em reação à sua verdadeira intenção, conforme afirma Ricoeur: “acima de tudo, a escrita torna o texto autónomo em relação à intenção do autor” (RICOEUR, 1991, p.118). Isso se comprova devido ao fato de que aquilo que o texto aparenta dizer pode não se ajustar com aquilo que a jovem quis dizer, daí a dúvida expressa na escrita. Na cabeça da jovem, o livre-arbítrio teria essa finalidade, ou seja, a capacidade de a pessoa decidir por si, sem a interferência de alguém. Mas esse livre-arbítrio não pode ser canalizado para a vida? Poderia, sim! Mas mais uma vez faltou a ajuda necessária para que a jovem tivesse essa compreensão. Por que podemos decidir só pela morte nesses casos de sofrimentos? Ora, se nos casos de sofrimento a pessoa só pode decidir por aquilo que o mesmo pede, então não pode ser uma escolha livre, porque o sofrimento estaria lhe empurrando para tal decisão. Agora se escolhe a vida estaria exercendo a livre escolha, pois a decisão seria na direção contrária aos sofrimentos. Ela advoga ter livre-arbítrio, mas só decide para o lado que está sendo mais posto em evidência, no caso o suicídio, a desistência da vida. E isso, como se sabe, corrompe o livre-arbítrio, que não pode ser contaminado por nada. E ela continua:

As pessoas passam a vida inteira julgando tudo que veem. Jogam palavras que não voltam, olhares que machucam, rejeitam, maltratam, usam. Isso dói, tá legal? O ser humano vai guardando isso dentro de si até formar uma grande bola prestes a explodir. Você pode ver uma pessoa sorrindo, parecendo feliz,

mas não se engane, sempre há coisas além. Por isso somos cegos. Nunca vemos além.

Aqui ela faz um desabafo sobre aquilo que as pessoas pensam e fazem. A ideia demonstra que está falando de si, como se estivesse sendo rejeitada pela própria família. Se sentida maltratada, daí a justificativa para os abusos que teria sofrido por parte do “pai”, já que cita a palavra “usam”, que parece demonstrar que alguém estaria abusando sexualmente. E confessa: “isso dói”. Ela passa a ideia de que todas essas situações eram por ela guardadas, silenciadas. É como se não tivesse ninguém para ouvi-la. Isso tem um aspecto muito negativo na medida em que jovens que sofrem desse tipo de violação não se sentem confortáveis para denunciar o agressor. E tudo indica que a mãe não sabia dos sofrimentos da filha, já que disse que as pessoas “são cegas” e não percebem nada disso. Demonstra certa felicidade, alegria, mas por dentro estão tristes e carregam suas dores, suas mágoas, suas decepções, seus dissabores. Ela parece ter vivenciado todas essas coisas sem que ninguém desconfiasse, porque o rosto, as vezes sorridente, esconde a tristeza do coração.

Aquela menina sentada de cabeça baixa tá precisando de ajuda. Mas o que as pessoas fazem? “Fulana está na bad”.

Que sociedade maldita. Como se tristeza fosse algo irrelevante, que não precisa de atenção. Idiotas. Quando é tarde eles se perguntam o que tinha de errado.

Pais que não vêem seus filhos se cortando, se drogando, se destruindo. Escolas que não vêem o bullying debaixo do seu nariz.

Pais que estropam os filhos, mães que humilham, irmãos que rejeitam.

Malditos. Malditos.

A narrativa seguinte ela confirma que de fato as pessoas ignoram o sofrimento uma das outras. Desconhece que “aquela menina sentada de cabeça baixa está precisando de ajuda”. Aqui vale pontuar que o texto escrito carrega múltiplos sentidos, pois fala sobre drogas, automutilação, bullying, estupros, e sugere que os pais viam tudo isso e permitem. Mas será se viam mesmo? Ou tem outro sentido? A esse respeito Ricoeur nos ajuda a compreender melhor esse ponto da carta:

Para o hermenêuta, é o texto que tem um sentido múltiplo; o problema do sentido múltiplo apenas se coloca para ele se se toma em consideração um tal conjunto, onde estão articulados acontecimentos, personagens, instituições, realidades naturais ou históricas (RICOEUR, 1978, p. 65).

Ela envolve várias situações no discurso escrito, fazendo com que brote não poucos sentidos, inclusive de que toda essa sua ideia possa corresponder com a realidade dos fatos. Essa seria a comunicação dela com a sociedade, porém, em vão, pois segundo ela, as pessoas não ajudam quem está precisando e quando se dão conta percebem que já é tarde para tomar qualquer atitude. E desabafa: “maldita sociedade”! A partir desse momento se dirige especificamente aos pais, que permanecem insensíveis aos sofrimentos e angústias de seus filhos, ignorando as dores e perturbações. Filhos que mergulham nas drogas sem que os pais percebam. Tudo isso, segundo ela, acontece “debaixo do nariz deles”. Mas não fica só por aí. Em seu desabafo não poderia deixar de fora a escola, já que, como aluna, percebe as discriminações e bullying que ainda permeiam o espaço escolar. Nesse ponto ela expõe o “calcanhar de Aquiles” do Ensino Médio. E aí não precisa esforço para perceber o quanto isso contamina a sala de aula. Porque às vezes tudo isso que a Thalia relatou acontece mesmo “debaixo do nariz” da coordenação, de professores e alunos. Só que de modo silencioso, e até difícil, muitas das vezes, identificar os casos concretos. É nítida a insatisfação dela com relação a escola, pois ela própria se acha vítima da instituição. E aqui cabe observar o distanciamento entre a época que escreveu a carta e o tempo atual, momento em que a análise é feita. A esse respeito Ricoeur diz o seguinte:

Toda a interpretação se propõe vencer um afastamento, uma distância, entre a época cultural passada à qual pertence o texto e o próprio intérprete. Ao superar esta distância, ao tornar-se contemporâneo do texto, o exegeta pode apropriar-se do sentido: de estranho ele quer torná-lo próprio, isto é, fazê-lo seu; é portanto o engrandecimento da própria compreensão de si mesmo que ele persegue através da compreensão do outro (RICOEUR, 1978, p. 18).

Ao tornar o texto contemporâneo, como observa Ricoeur, o texto torna-se nosso, fazendo com que a compreensão de si persiga a compreensão do outro, no caso aqui da jovem Thalia. Ao reconhecer que a escola se manifesta de maneira duvidosa sobre os caso de bullying que lá acontecem, a garota parece ter lá suas razões, inclusive essas razões a levaram ao suicídio. Tomemos como realidade a situação de muitas escolas aqui no Estado do Maranhão, além da superlotação, ainda

há problemas que nem todas elas têm um corpo pedagógico completo, ou seja, falta coordenadora, psicopedagoga entre outras profissionais da educação. Fechando essa parte ela parece se dirigir especificamente para a família dela, principalmente os pais. Só que ela usa o termo pai no plural, para dizer que “pais estupram os filhos”. Ora, isso acena ideia de que a mesma está fazendo ali uma denúncia do próprio “pai” (padrasto), já que foi acusado de abusá-la sexualmente. O interessante perceber aqui é que ela pôs essas ideias no papel, mas não teve coragem de expô-las para terceiros, conselho tutelar ou mesmo a polícia, que poderia agir antes mesmo dela cometer o suicídio. Talvez não sentiu confiança ou segurança, e mesmo pode ter ficado com medo de represálias, guardando no silêncio de seu coração todo o medo e sofrimento, não restando outra alternativa, na visão dela, a não ser fugir da vida, fugir das pessoas com quem dividia o mesmo espaço. Sua desistência de contar tudo o que sabia mostra o perfil de muitos adolescentes, que sofrem no silêncio, sem que ninguém os escute, ou melhor, sem que ninguém saiba. A tudo isso ela disse: “malditos, malditos”!

Tudo isso acima faz a mente humana enlouquecer, sabia? Ela definha, fica angustiada e cheia de coisas inexplicáveis, pensamentos perigosos. Você vê no jornal aquele jovem que matou inúmeros estudantes e julga. Já parou pra pensar o que levou ele fazer aquilo? Será que não foi a hipocrisia e idiotice da sociedade?

Essa sociedade que nos coloca em um lugar durante anos, em total humilhação e depois quer escolher um futuro pra nós.

Ninguém nunca vê. Até que é tarde.

Nessa parte da carta ela faz um desabafo contra a sociedade, a quem atribui as mazelas humanas. Segundo ela, se as pessoas matam umas às outras é porque teriam “boas” razões para isso, já que a sociedade é a responsável por nos colocar em um lugar que não gostaríamos. Qual o sentido escondido nessa assertiva? “É por isso que a filosofia permanece uma hermenêutica, isto é, uma leitura do sentido escondido no texto do sentido aparente”, afirma o filósofo francês (RICOEUR, 1978, p. 24). Tanto pode ser entendido o sentido escondido em suas palavras, que ela chega a justificar a morte dos outros estudantes, ou seja, dela mesma, já que faz parte da categoria citada. Nessa parte até justifica outros assassinatos que ocorreram entre estudantes que, na concepção dela, seria consequência de uma sociedade hipócrita,

que não percebe o sofrimento de ninguém. Percebe-se nesse ponto da carta que a jovem carrega muitas mágoas, mágoas do “pai”, da mãe, da escola e da sociedade. Nada escapa à sua fúria. E aqui cabe registrar que lhe faltou ajuda para reorientar os seus pensamentos. Tudo que ela percebia era aquilo que ela queria ver. Neste sentido, não havendo alguém como psicólogo, psiquiatra ou mesmo qualquer outro profissional, seus pensamentos caem na chamada “visão de túnel”, ou seja, a confirmação apenas daquilo que gostaria de ver. Conforme o Manual de Prevenção ao Suicídio dirigido a profissionais das equipes de saúde mental do Ministério da Saúde. Esta visão de túnel é uma das características psicológicas de pessoas com pensamentos suicidas: rigidez/contrição, conforme se diz o enunciado:

O estado cognitivo de quem apresenta comportamento suicida é, geralmente, de constrição. A consciência da pessoa passa a funcionar de forma dicotômica: tudo ou nada. Os pensamentos, os sentimentos e as ações estão constrictos, quer dizer, constantemente pensam sobre suicídio como única solução e não são capazes de perceber outras maneiras de sair do problema. Pensam de forma rígida e drástica: “O único caminho é a morte”; “Não há mais nada o que fazer”; “A única coisa que poderia fazer era me matar”. Análoga a esta condição é a “visão em túnel”, que representa o estreitamento das opções disponíveis de muitos indivíduos em vias de se matar (Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental)

Percebe-se que a garota alimentava essa característica psicológica, uma vez que direcionava sua visão contra a sociedade, pai, mãe e escola e não conseguia observar nada além daquilo que queria ver.

Eu não queria morrer. Eu penso que tenho um futuro pela frente. Eu sei que tenho.

Tnho mais amigos para fazer, mais músicas para escutar, mais pessoas para namorar, mais shows para ir. Tanta coisa.

Mas sabe o que eu e outras milhões de pessoas pensam sobre isso?

Aqui ela reconhece que não quer morrer, admite ter um futuro pela frente, amigos para fazer, músicas para escutar e muito mais. O fato de ela não querer morrer, isso nos remete a uma outra característica psicológica das pessoas em risco de suicídio, ou seja, a “ambivalência”. Segundo o Manual citado anteriormente, essa característica se manifesta do seguinte modo:

Atitude interna característica das pessoas que pensam em ou que tentam o suicídio. Quase sempre querem ao mesmo tempo alcançar a morte, mas também viver. O predomínio do desejo de vida sobre o desejo de morte é o fator que possibilita a prevenção do suicídio. Muitas pessoas em risco de suicídio estão com problemas em suas vidas e ficam nesta luta interna entre os desejos de viver e de acabar com a dor psíquica. Se for dado apoio emocional e o desejo de viver aumentar, o risco de suicídio diminuirá (Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental).

Querer morrer e viver ao mesmo tempo demonstra esse estado psicológico, prevalecendo a vontade de viver, o suicídio não acontece. Novamente faltou a ajuda necessária para que Thalia mudasse de posição, como não apareceu, o desejo de morrer prevaleceu.

Eu não tenho força de vontade para continuar. Eu não sou forte, eu não consigo seguir em frente sem derrubar mais uma lágrima”.

Sejam mais gentis, por favor. Amem mais, ajudem mais, vêem mais, peguem na mão de pessoas que estão se afogando. Dê sua mão.

Dê um sorriso.

Eu tenho inúmeros motivos para ter feito o que fiz.

E se acha incapaz de continuar, sem forças e totalmente entregue à meta que tem em mente. Reconhece sua fragilidade e seguir em frente não está em seus planos. As lágrimas serão suas companhias até a desistência total da vida. E faz um apelo: “sejam gentis”. E como se tivesse mandando um recado aos que ficariam, ou mesmo a própria família, que segundo ela, não percebia seu sofrimento. Se entende, a partir dessa parte da carta, que a jovem se sentia abandonada em meio a família, amigos e escola. Nesse sentido, ela apresenta sua proposta de mundo, se apropria dela e justifica aquilo que iria fazer, conforme Ricoeur: “aquilo de que eu, finalmente, me aproprio, é uma proposta do mundo” (RICOEUR, 1991, p. 124). Ao apropriar-se de sua proposta de mundo, no caso a possibilidade do suicídio, todos pareciam ignorar suas reivindicações. Tudo indica que ela vivia com a mãe e o padrasto, a quem chamava de “pai”. Sem sentir confiança nas pessoas que estavam próximas e distantes, sem um ambiente familiar que lhe trouxesse uma certa segurança emocional, Thalia só conseguia ver pela frente a desistência da vida como meio de deixar uma mensagem clara para a sociedade, incluindo as pessoas mais próximas, como “pai” e mãe. Mesmo convivendo com essas pessoas, Thalia parece tomar um distanciamento delas, preferindo desabafar numa carta que mais na frente

as pessoas teriam conhecimento. Essa atitude, talvez, refletisse que a jovem não suportava mais a vida que tocava, banalizada por aqueles que viviam ao seu lado.

Meu próprio pai me abusou e foi por isso que eu morri por dentro. Eu fui morrendo durante dois anos. Fui vendo minha morte sem poder fazer nada a respeito.

Quantos cortes eu não fiz?

Eu até apelei a drogas, o que não resultou em nada.

Meu pai iniciou a destruição.

Minha mãe me tirou minha rotina e passou a assistir tudo em total inconsciência. Eu sei que ela via, mas quem disse que ela percebia?

Aqui ela acusa o “pai” de ser o responsável pela desgraça a que está vivenciando. Assassinou-a por dentro, fez com que perdesse todas as perspectivas positivas da vida. A ideia é que ela já vinha sofrendo de abuso sexual há anos, pelo menos é o que parece, a partir da sua própria escrita. E diante dos abusos que sofria não pôde fazer absolutamente nada, ou por medo de ser castigada, ou por medo de não ser acreditada em suas narrativas, ou porque não sentia confiança nas pessoas que deveriam ouvi-la, ou ainda não havia ninguém com quem pudesse desabafar. Como ninguém a ouvia, utilizou-se da automutilação, possivelmente um modo de lidar com as dores emocionais que sofria. E fez não poucas vezes. Os cortes no corpo poderiam indicar que a dor emocional era intensa e possivelmente seria uma forma de camuflar a realidade dura que vivia, principalmente a emoção. Porque a dor física se torna mais fácil de gerenciar, um corte, por exemplo, faz-se o curativo, põe o medicamento e é mais fácil e prático para administrar, mas a dor emocional não é tão simples assim, talvez essa fosse a razão porque se automutilava: para fugir das dores emocionais, já insuportáveis. Em seguida ela de fato culpa o “pai” por iniciar todo o sofrimento na vida dela, apontando que tudo começou com o padrasto, a quem chamava de “pai”. E faz uma revelação estarrecedora: a mãe sabia de tudo o que se passava, mesmo dos abusos a que era submetida. E aqui cabe interpretar esse “tudo”. Mas eis que o próprio sentido literal se oferece como um texto para compreender, como uma letra para interpretar (RICOEUR, 1978, p.375). Não se sabe exatamente as razões pelas quais a mãe ficara em silêncio, talvez por manter a relação com o

marido estável, ou ainda agradá-lo, o que levava Thalia ao desespero. Sabendo que a própria mãe observava tudo de perto, e possivelmente a única que teria todas as condições para denunciar os abusos, se cala e deixa o padrasto fazer o que bem queria com a jovem, já debilitada e sem qualquer possibilidade de viver dias melhores. O problema maior é que a Thalia sabia que a mãe tinha consciência de tudo: “Eu sei que ela via”. Ora, o fato de a filha saber que a mãe sabia que a própria filha era abusada pelo esposo sem tomar nenhuma providência, levava a garota a loucura, como ela mesma se pronunciou: “Ela ta deixando eu morrer sem fazer nada”. E reclamava da mãe por humilhá-la sem grandes motivos, aliás, sem motivos justificáveis, na visão dela. Isso minava sua confiança na mãe, daí, quem sabe, uma das razões por não confiar nela: a humilhação. E admite não querer, com a sua partida, as lágrimas da mãe e do “pai”, conforme ela mesma diz:

E eu não quero as lágrimas de meus pais. Eu sentiria nojo delas. Eu sentiria nojo porque eu passei a odiar meu pai e odiar minha nova mãe. Porque eu ainda amo aquela mãe que me abraçava e me beijava. É como se ela não me amasse mais porque fui usada pelo meu pai, como se ela sentisse nojo de mim.

Sim, ela sabe do abuso, mas jogou pra debaixo do tapete. Assim como aquela maldita escola em que eu passei os piores momentos da minha vida.

Eu ja tentei suicídio outras vezes. E isso e é horrível, porque eu já sei a sensação.

A revolta era tão intensa que sentia até nojo das lágrimas, na verdade o nojo era do padrasto e da mãe. Não era só nojo, ela os odiava de tal modo que não admitiria, em hipótese alguma, as lágrimas derramadas em volta de seu próprio velório. Essa interpretação está muito clara no texto. “aquilo que ele (exegeta) quer compreender, é aquilo que o texto diz” (RICOEUR, 1978, p.375). E aí sente saudades de uma época que parecia ter se perdido no tempo, quando a mãe ainda era carinhosa com ela. Talvez quando morava com o pai verdadeiro. E a Thalia admite que o fato de ser usada pelo “pai” teria despertado na mãe um sentimento de desprezo por ela, como se a mesma fosse culpada por tal atmosfera. Talvez na cabeça da mãe havia a ideia de que a garota seria responsável pelo abuso que sofria, mas se sabe, pelo texto, que esse pensamento não passava de devaneio da mãe, já que a menina se sentia nos piores dos mundos, vivendo como forasteira na própria casa. Em seguida ela faz um desabafo assustador: tanta a mãe quanto a escola onde estudava sabiam

do que estava acontecendo. E isso é preocupante, já que afirma que a escola, espaço destinado a produção de conhecimento, seria o lugar propício para que medidas preventivas fossem tomadas. Não se sabe até onde a escola tinha conhecimento desses abusos que sofria, se a escola que ela se refere é somente os alunos, seus amigos e amigas ou se é a direção, o que talvez seria pouco provável. Mas de qualquer forma, mesmo sabendo apenas suas amigas da escola, esse tipo de assunto não se camufla por muito tempo, visto que os alunos tendem a divulgar entre si, entre grupos e, conseqüentemente, todos saberiam o que estaria acontecendo, mesmo a direção e professores. Se aconteceu assim, seria o pior quadro possível, mas a fala da jovem chama nossa atenção na medida em que afirma ter passado os piores momentos da sua vida na escola. Talvez aqui ela responsabiliza a escola enquanto instituição. Isso é preocupante e reforça a relevância dessa pesquisa, já que a parte prática, já observado anteriormente, se propõe a trabalhar com essa problemática, quebrando tabus, inserindo os alunos num ambiente participativo, aberto, democrático e envolvendo em ações sociais na escola e na comunidade, visando a valorização da vida desses alunos. Então quando uma aluna diz que a escola é um dos piores lugares para se estar, é porque já se chegou numa situação insuportável, onde esse espaço só desperta desprazer e insatisfação, inclusive emocional, que foi o ponto que se destacou na vida da Thalia. Sem receber apoio da família, pai e mãe; da escola, dos amigos e amigas, não restou outra alternativa para a jovem a não ser recorrer ao suicídio. E isso não aconteceu apenas uma vez, conforme ela mesma disse. Já havia tentado outras vezes o suicídio e tinha total consciência de que não era a melhor escolha que deveria fazer, e de que a experiência foi horrível. Portanto, já sabia da experiência ruim que foi tentar desistir da vida, ela mesma confessa:

E isso é horrível.

Pensar em suicídio é uma coisa, mas planejar e ir no ponto é outra.

Dá aquele aperto no peito, aquela sensação de frio na barriga. “O que acontecerá depois disso?” Eu não acredito em deus, eu creio que depois disso não há nada.

Mas enfim, fazer isso é difícil. Eu sou muito covarde.

Eu irei deixar muita coisa no mundo e o mundo ira perder muita coisa. Eu sou diferente. Eu sou uma daquelas pessoas que os outros precisam.

Neste ponto da carta ela faz uma diferença entre pensar sobre o suicídio e executá-lo. Na visão dela há uma distância entre ambos os termos. Primeiro se pensa, depois se busca a “melhor” estratégia. O método pelo qual irá tirar a própria vida vai depender, muitas das vezes, da oportunidade que terá. Daí umas das orientações do folheto que já analisamos no capítulo anterior é que, nesse intervalo entre o pensamento e a ação, pode-se evitar a concretização do ato. Sendo assim, é importante que a ajuda chegue a tempo, além de retirar de próximo da pessoa objetos que possam levar a execução do suicídio, como facas, revolveres, venenos e comprimidos. E manter um grau de vigilância constante, não deixando a pessoa só, pois isso seria de suma importância para a preservação da vida. E ela descreve a sensação: *aperto no peito, frio na barriga*. E ela estava decidida mesma a tirar a própria vida. Segundo o psiquiatra Ari Kiew:

O suicídio frequentemente requer coragem e determinação consideráveis. Envolve uma confluência de energia em direção a um alvo, com a implicação de que o suicida, longe de desistir de uma escolha, realmente faça uma opção definitiva, embora destrutiva (KIEW, 1982. p. 12).

Embora o ato em si demonstre coragem, como afirma o psiquiatra, ela não se percebia desse modo, pelo contrário, se achava uma covarde, conforme afirma: “Eu sou muito covarde”. Ela alimenta a ideia de que sua partida deixará saudade no mundo e que pessoas sentirão sua falta. Há, na verdade, uma combinação de sentimentos que vai do narcisismo ao desprezo total. Uma confusão. Ao mesmo tempo que afirma que pessoas sentirão a sua falta afirma ser uma hipócrita, conforme segue:

As vezes acho que sou hipócrita porque eu vejo pessoas depressivas e vou ajudar, dar conselhos, tirar a pessoa daquela situação. Mas eu não faço isso comigo. Porque não dá mais.

Droga, eu queria tanto ficar aqui. Porque ninguém me ajudou antes?

Ontem vi pessoas dizendo que a série 13 reasons why influencia jovens a se suicidarem. Mas eu não acho isso.

Eu estava planejando tirar minha vida a meses e essa serie só fez eu parar e pensar: Estou prestes a fazer algo muito idiota.

Essa hipocrisia, segundo ela, é decorrente da mesma ter se colocado para ajudar pessoas depressivas sendo ela uma das tais. Claramente se percebe incapaz

de ajudar a si mesma. Isso reflete de fato que ela era depressiva, já que a depressão suicida é uma carga não desejada, conforme se segue:

O primeiro fator a lembrar da depressão crônica ou suicida é que é uma aflição – uma carga não desejada – e que o indivíduo não pode descartar-se dela como uma peça de roupa. Paciência e terapia podem curar a aflição; raiva frustrada, não (KIEW, 1982. p. 24).

A situação da Thalia não era nada confortável, visto que não tinha segurança familiar, o padrasto a abusou sexualmente, a mãe parecia saber de tudo, a escola também parecia saber de tudo, seus amigos, amigas e pessoas próximas sabiam e, no entanto, não fizeram nada. Isso certamente a abalou emocionalmente desencadeando a depressão. E ela faz um comentário sobre a série que foi muito comentada nas redes sociais: 13 Reasons Why¹³. Afirma que a série não a influenciou em nada, pelo contrário, a incentivou a pensar mais sobre a problemática do suicídio e ganhar tempo, para então decidir se tiraria a própria vida ou não. E confirma novamente que já planejava tirar a própria vida há meses, esperando o momento certo. E reconhece: “está preste a fazer algo idiota”. Então podemos admitir que Thalia sabia que não estava fazendo a melhor escolha, porque achava tudo aquilo como sendo sem sentido, “idiota”, usando suas próprias palavras. Seria esse o pensamento de todo suicida? Não se sabe exatamente!

Sim, eu tinha desistido de tirar minha vida por causa de uma série, mas depois algo mudou. Eu voltei com a decisão .

Então eu digo: Eu não me matei porque uma serie me influenciou, não pensem nisso .

Eu me matei porque eu não aguentava mais existir assim. Eu ja estava morta, o que mais eu serviria nesse mundo? Uma garota totalmente sem essência, sem nada por dentro. Já imaginou um oceano no meio da tempestade? O céu escuro? É assim dentro de mim. Mas tudo silencioso. Tudo muito destruído e silencioso. Tudo muito angustiante e doloroso.

¹³ 13 Reasons Why é uma série de televisão americana baseada no livro Thirteen Reasons Why (2007), de Jay Asher, e adaptado por Brian Yorkey para a Netflix. A série gira em torno de uma estudante que se mata após uma série de falhas culminantes, provocadas por indivíduos selecionados dentro de sua escola. Uma caixa de fitas cassetes gravados por Hannah antes de se suicidar relata treze motivos pelas quais ela tirou sua própria vida (fonte: Wikipédia).

Em seguida ela confirma que a série a ajudou a prolongar seus dias e faz uma defesa enfática da mesma, talvez por ser um espaço onde as discussões pudessem acontecer sem interferências, sem censura, sem os tabus que circundam o tema do suicídio. Quem sabe teria visto na série característica que se aproximavam das suas, já que elenca algumas situações parecidas com as que vivenciou, seja em sua casa, seja na escola. E ela rechaça a ideia de que teria se matado por assistir a série – isso, na visão dela, não é verdade. Claro que essa escrita pode ter vários sentidos, conforme afirma Ricoeur:

Um texto pode ter vários sentidos, por exemplo, um sentido histórico e um sentido espiritual, é preciso recorrer a uma noção de significação muito mais complexa do que a dos signos ditos unívocos que uma lógica da argumentação requer. Enfim, o próprio trabalho da interpretação revela um desígnio profundo, o de vencer uma distância, um afastamento cultural, de tornar o leitor igual a um texto tornado estranho, e, assim, de incorporar o seu sentido à compreensão presente que um homem pode ter de si mesmo (RICOEUR, 1978, p. 6).

Por que que ela enfatizou tanto a negação da influência da série em sua vida? Não seria uma confirmação de que de fato a série a influenciou? Não se sabe exatamente, mas pode ter alguma relação. A justificativa para sua morte vem em seguida. Segundo a menina, ela se matou porque não aguentava mais levar a vida que levava. Havia se cansado de tudo e de todos. Sem apoio em casa, na escola e entre os amigos, não restaria outra opção a não ser a desistência da vida. E nesse ponto ela demonstra uma coragem que não consegue observar nela mesma, já que se considerava uma “covarde”, além de se achar sem essência e totalmente destruída.

É difícil acordar de manhã e pensar:

“Mais um dia em que irei ter lembranças más” “Mais um dia ao lado de pessoas que não me amam, que me odeiam” “Mais um dia sentindo uma imensa vontade de chorar em todos os momentos” “Mais um dia desejando morrer”

Então eu quero pedir que sejam mais tolerantes. Depressão não é frescura.

E reconhece: “é difícil acordar de manhã e pensar”. Em seguida ela cita uma frase combatendo o jargão muito difundido pelo senso comum: “depressão é frescura”.

Para ela, “depressão não é frescura”. Esse modo de encarar a depressão como frescura parece que a própria casa onde habitava alimentava, a ponto de fazer a citação. Quem sabe essa ideia foi ouvida muitas vezes da própria mãe, que fingia não ver os sofrimentos da filha frente aos abusos cometidos pelo padrasto. Ou mesmo do próprio padrasto para camuflar seus maus tratos a garota. O que se pode deduzir é que essas palavras não saíram do vácuo, há uma ligação entre aquilo que fala e aquilo que ouvia em casa, ou mesmo na escola, já que alimentava os piores sentimentos contra a instituição, que deveria dar-lhe todo apoio, inclusive denunciando o agressor. E diante disso tudo faz um apelo à tolerância, sinalizando que estava sendo mal compreendida por aqueles que deveriam compreendê-la.

Não neguem ajuda a aqueles que estão angustiados, no fundo do poço.

*E quando forem se lembrar de mim, pensem em uma Thalia verdadeira.
Aquela feliz que vocês viam era total mentira.”*

Adeus

Thalia Mendes Meireles.

No desfecho da carta ela faz um apelo emocional para aqueles que estão angustiados: “não negue ajuda aos que estão no fundo do poço”. É como se ela estivesse falando de si, como se tivesse se sentindo no fundo do poço, angustiada pelos abusos que sofria do próprio “pai”, ou ainda angustiada ao perceber a passividade da mãe frente aos sucessivos abusos sexuais que sofrera durante anos, como ela mesma retrata. O final da carta está um pouco confuso, haja vista que ela entende que vão lembrar dela, mas de uma Thalia verdadeira, ou seja, a verdadeira Thalia era essa do fundo do poço, da angústia, da solidão, da tristeza profunda, do desespero, da tristeza e das sucessivas frustrações com a mãe e o “pai”, a quem acusava por abusos sexuais. E a Thalia feliz era aquela que fingia está tudo bem, sorria para todos, levava uma vida de aparência e parecia que sempre se mostrava bem, mas se escondia suas maiores frustrações no seu íntimo. Isso mostra o quão é difícil conhecer a mente humana, pois esta consegue viver um longo período fingindo estar tudo bem, andando normalmente, indo à escola normalmente, mas atravessando seus piores dias. Thalia se despede de todos com um simples adeus, de alguém que não encontrou a ajuda necessária para superar suas tribulações,

superar suas angústias, vencer o medo e enfrentar a vida, pois desistiu da mesma muito cedo.

O que se pode compreender dessa longa carta, deixada por uma jovem que tinha tudo pela frente, como ela mesma afirma: “um futuro”, mas que não teve a oportunidade de encontrar o auxílio necessário? Faltaram em seu trajeto as pessoas certas, aquelas que poderiam encaminhá-la para os profissionais competentes, que poderiam dar a ela uma nova oportunidade, uma nova chance de tocar a vida, enfrentar os desafios, vencer a solidão, a depressão. Essa é a realidade de muitas pequenas cidades do Maranhão, que ainda não dispõem de projetos que objetivam trabalhar com esse público, com essa faixa etária, já que a mesma representa um alto percentual de suicídio, conforme mostrado no capítulo anterior. Talvez se o fato acontecesse em 2018 a história seria outra, uma vez que a partir de junho do ano citado, o serviço do CVV – Centro de Valorização da Vida, começou a atuar em todos os estados, com o *Disk 188*, um serviço essencial e que poderia ter salvado a vida da jovem que sonhava com um futuro brilhante. Faremos agora a análise de mais duas cartas e, no final, faremos alguns comentários, estabelecendo uma comparação a partir das suas narrativas.

Segundo Paul Ricoeur:

O que se deve, de facto, interpretar num texto é uma proposta de mundo, de um mundo tal que eu possa habitar e nele projectar um dos meus possíveis mais próprios. É aquilo a que eu chamo o mundo do texto, o mundo próprio a este texto único (RICOEUR, 1991, p. 122).

Por este entendimento, faremos a análise textual visando essa compreensão do texto como proposta de mundo. Caminhemos então para a nossa segunda carta. A reportagem que noticia a morte da jovem é datada de 17 de maio de 2018 e traz o seguinte título: “Tragédia: Fim de namoro provoca o suicídio de casal de jovens”. A tragédia aconteceu na cidade maranhense de Matões, aproximadamente 460km de São Luís. Segundo a reportagem, o que teria motivado o suicídio seria o fim de suposto namoro entre um jovem de 23 anos, conhecido por Danielson da Silva Brito, e a adolescente de 16 anos, conhecida pelo prenome de Pandora. Os dois se utilizaram do método de enforcamento, embora em dias diferentes. O jovem foi no dia 14/05/2018, segunda-feira, e a adolescente no dia 15, terça-feira. Antes de entrar na discussão da carta, é importante esclarecer alguns detalhes importantes. Primeiro é

registrar que essa carta é bem diferente da primeira, tanto no que diz respeito as motivações quanto aos personagens. Na primeira, o suicídio não está relacionado com o “amor”, no segundo, sim, pelo menos o suicídio do jovem. Pela reportagem já se compreende que o que teria levado o jovem a tirar a própria vida foi o fim do namoro. Mas a questão é a seguinte: pouca coisa se sabe sobre as razões do fim do relacionamento. Nem na carta deixada pela jovem, nem outras informações deixadas por familiares. Mesmo não havendo nada escrito para se chegar as causas do fim do namoro, pode-se sugerir algumas premissas que talvez poderiam identificar o seu fim. A primeira é visível e logo se percebe na leitura da reportagem: ele tinha 23 anos e ela 16, ou seja, ele era maior de idade e ela menor, portanto, poderia ser uma das razões pelas quais o relacionamento veio ao fim. Tendo alcançado a maioridade, talvez não assumisse publicamente o namoro com a adolescente menor, pois é uma relação que pode não ter sido aceita pela família da moça. E ainda o fato de estar namorando com uma menor, poderia, a qualquer momento, ser denunciado. Ou ainda, caso a família da moça não estivesse sabendo do suposto namoro, ela temeria a descoberta a qualquer momento. Ora, pela reportagem foi ela quem rompeu com o relacionamento, portanto, não partiu dele e muito menos o medo de ser denunciado. Agora podemos entender que se a menina namorava sem os pais saberem, justificaria a separação, uma vez que ela teria medo de ser descoberta pelo pai e levar as punições que ninguém saberia quais.

Ou ainda poderia ter terminado o namoro por influência de suas colegas, que afirmavam ser o rapaz muito velho para ela, isso pode ter lá sua verdade porque agradece às suas colegas um dia antes do suicídio, conforme será pontuado mais na frente. Um outro ponto importante que poderia confirmar que ela terminou o namoro e não ele, é que a mesma foi hostilizada pelos amigos do rapaz, conforme informações deixadas pela comunidade. Feitas essas observações preliminares, cabe agora analisar o teor da carta, lembrando que a mesma é curta, se comparada com a primeira. Transcrevo para cá o referido documento deixado pela adolescente antes de tirar a própria vida, depois faremos a análise:

Pois se ninguém confia em mim pois então tá!

Adeus.

Gosto muito de vocês.

Gosto muito de vocês meus amigos.

O que eu mais queria era o apoio de meus pais, mas nenhum me....

Pois então tá bom!

Fui!!!

Até nunca mais para todos vocês ...coração..

Adeus as minha duas amigas que me ajudaram muito ontem... gosto muito de...

Adeus!

Aqui é possível compreendê-la sem, no entanto, deformar a sua ideia, conforme pontua Ricoeur: “é possível compreender um autor por ele próprio sem, por isso, nem o deformar, nem o repetir” (RICOEUR, 1978, p. 161). E aqui cabe indicar que ela não se sentia a responsável direta pela morte do ex-namorado. E por que não? Porque ela começa sua carta afirmando que ninguém acredita nela. Ora, acredita em quê? Na sua versão sobre a morte do namorado, pois os amigos do rapaz, segundo informações prestadas pela reportagem, a acusavam de a mesma ser a responsável direta pela morte do rapaz, exatamente por ter terminado o namoro. E aí vale destacar o seguinte: se assim aconteceu, de que ela teria sido a responsável pela morte do namorado, isso sugere um grau de imaturidade muito grande por parte do moço, já que o mesmo era maior de idade (23 anos) e ela, menor. A menos que o rapaz estivesse perdidamente apaixonado, como no romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Johann Wolfgang Goethe (1749-1832). No romance conta-se uma tríade amorosa entre: Carlota, Alberto e o jovem Werther. Alguns consideram a obra muito importante da literatura alemã. Quando Werther conheceu Carlota, segundo o romance, esta já conhecia Alberto. Werther vive uma paixão intensa por Carlota, a ponto de concebê-la como a razão de seu viver. Não faria nenhum sentido tocar a vida se não acompanhado por sua amada. Só que a mulher alvo de seu amor já havia sido prometida a outro homem, Alberto. O jovem Werther se aproxima então de Alberto visando ficar perto de Carlota, e consegue. Alberto e Carlota têm seu amor correspondido. Só que Carlota parece dá sinais de que gosta de Werther, o que o deixa mais empolgado com a possibilidade de um dia, quem sabe, ter em seus braços alguém que tanto ama.

Mas o destino é traiçoeiro, já dizem alguns. Em um dado momento Werther descobre que Carlota se casou com Alberto, distanciando cada vez mais o seu sonho

da realidade amorosa. Mas ele insiste, e não desiste. E se torna amigo de Alberto. Alberto amava Carlota e esta o amava também, mas Werther está perdidamente apaixonado por ela, a ponto de se aproximar de Alberto com interesse, mas termina sendo amigo de verdade. Depois de muito se esforçar pelo amor não correspondido, e vendo frustradas todas as tentativas, vivendo um amor não correspondido, chega um momento que Werther pede uma arma ao amigo Alberto, e este pensa que o companheiro desiludido vai caçar, só que não: Werther pega a arma e se mata, pondo fim ao sofrimento amoroso não correspondido. No caso de Werther, o que levou a se matar foi colocar em Carlota todas as suas possibilidades amorosas, como se só existisse ela no mundo, e ainda comprometida. Werther fez de Carlota o alvo único da sua vida, sem compreender que apenas fazia parte. Talvez esse erro muitos ainda insistem, inclusive o rapaz, que viu suas chances de namoro se esvaírem, decidiu pôr fim a própria vida, só que com outro método: enforcamento.

Não se sabe, exatamente, se a garota já tinha outro pretendente, como no caso de Werther. O que se pode deduzir é que houve razões pelas quais o namoro não foi possível mais continuar e, como no exemplo citado no romance, o jovem se sentiu incapaz de prosseguir na vida sem a pessoa amada. E é muito parecido mesmo, não com relação a menina, porque esta morreu não por amor, mas o rapaz, que percebeu a impossibilidade de continuar a relação. Não se sabe o motivo da menina ter terminado, o certo é que foi uma atitude muito consciente, por parte dela, porque ela não voltou atrás. Ninguém sabe precisar exatamente o tempo que ele ficou sem a garota, o que poderia ter aumentado suas chances de desistir da vida, vendo todo esforço sendo perdido, como no caso de Werther. E não restou outra saída para o rapaz a não ser o suicídio. Só que a moça não se sentia culpada pela morte, como já dito, mas ela recorreu pelo fato de as pessoas não acreditarem na narrativa dela, traduzido nas seguintes palavras: *Pois se ninguém confia em mim pois então tá!* Em seguida diz um *adeus*. Só que usa o *adeus* três vezes na curta mensagem. E aí vale a pena fazer algumas observações sobre a palavra *adeus* que ela utiliza nos três momentos. Sabemos que a palavra *adeus*, segundo a gramática portuguesa, pode ser tanto substantivo masculino ou interjeição. No início ela cita *adeus* com o sentido de substantivo, que indica sinal, palavra ou gesto que assinala a partida de alguém, só que ela não se mata ainda. Continua sua narrativa. No final da carta ela pontua outro *adeus*, esse com o sentido de interjeição, ou seja, até nunca mais, sem volta.

Ela afirma que gosta muito dos amigos, gostam tanto que repete a frase duas vezes, na primeira afirma “gosto muito de vocês, e na segunda “gosto muito de vocês meus amigos. O interessante disso tudo é que a mesma tinha alguém que gostava, não o namorado, porque dele ela não diz nada, mas dos seus amigos. Não se sabe se amigos da escola, do bairro ou mesmo das redes sociais. Na sequência ela desabafa sobre o apoio que deveria receber dos pais, e reclama por essa falta. Não se sabe se esta reclamação foi em função de os pais não terem aceitado o namoro, caso soubessem ou porque se sentia sozinha, mesmo no ambiente familiar. Como não recebeu o apoio dos pais, ela então conclui: “pois tá bom então!”. No caso de *Pandora* o que teria levado a cometer o suicídio foram dois fatores: o primeiro foi o não apoio dos pais, e ela deixa muito claro isso nas poucas palavras que deixa. Não se sabe se o não apoio dos pais era decorrente da não aprovação de seu namoro ou se simplesmente por não achar as reivindicações dela justas, muito comum na faixa etária que ela estava. Mas seja qual for a situação, o apoio dos pais poderia ser determinante para evitar que a moça desistisse da vida. Uma conversa amiga entre mãe e filha ou entre pai e filha poderia resultar no prolongamento da sua jovem vida. Mas isso não ocorreu. O outro fator que poderia ter levado ela a suicidar-se foi a acusação que os amigos do rapaz faziam a ela. Eles afirmavam, segundo reportagem, que ele teria se matado porque ela rompeu o namoro. E todos ficavam acusando de ser a responsável direto pelo suicídio do rapaz. A pressão foi tanta que a moça não teve estrutura emocional para lidar com as acusações, o que poderia ter levado a cometer o suicídio. Só que esse detalhe é relativo, uma vez que se ela tivesse o apoio dos pais nessas horas, a acusação dos amigos não teria muito efeito, visto que os responsáveis por ela tomariam qualquer medida no sentido de protegê-la, o que não aconteceu. E no final da carta ela se despede das duas amigas que a ajudaram no dia anterior ao suicídio. Que ajuda foi essa? A reportagem diz que num descuido da irmã, ela cometeu o suicídio. Isso sugere que a família poderia saber dos problemas da menina, pois parecia que sua irmã a vigiava. O que não se sabe é se a carta foi escrita no dia do suicídio ou antes. Ou ainda se as pessoas de casa teriam conhecimento da mesma, daí a justificativa para a irmã ficar vigiando. Claro que a vigilância por parte da irmã não evitou o suicídio de Pandora, se mostrou ineficiente, talvez até esconderam objetos cortantes de perto dela, como orienta o material de prevenção do Ministério da Saúde, mas ela se utilizou do método de enforcamento, como já observado. Na foto parece que ela se enforcou com pedaços de pano ou

mesmo lençol, já que a irmã possivelmente a teria deixado no quarto e não teria observado nenhum perigo por perto. Depois de se despedir de suas amigas, ela dá um *adeus*, um *adeus* para nunca mais voltar.

Analisemos agora a terceira e última carta, após essa análise faremos um cotejo entre as mesmas e tentar estabelecer algumas relações entre elas, como similaridades e divergências. Bruna Andressa Borges morava em Rio Branco, capital do Acre. Cursava o terceiro período de ciências sociais na Universidade Federal do mesmo estado, segundo informações disponíveis na internet. Andressa se diferencia das demais mortes porque a mesma transmitiu, pelo *Instagram*, seu próprio suicídio. E aqui cabe problematizar no sentido de sendo a morte transmitida pela Internet, mesmo assim não foi possível ninguém chegar a tempo, isso porque, segundo o corpo de bombeiros, o endereço que passaram não correspondia mais com o atual, conforme explica o major do Corpo de Bombeiros Cláudio Falcão:

A princípio, os amigos ligaram para que nós pudéssemos contê-la, mas passaram o endereço errado, que era onde ela morava antes de ter se mudado para a vila. E nesse local, ninguém sabia informar onde ela estava morando agora. Infelizmente, não chegamos a tempo de conter devido a esse desencontro (Cláudio Falcão).

A não atualização do endereço foi determinante para a morte da universitária, pois a maioria dos amigos pensava que ainda morava no endereço anterior. Esses amigos, dos quais ela compartilhava sua vida, não souberam informar o novo endereço, daí pode-se deduzir que esses amigos eram apenas virtuais, ou ainda ela não tinha feito novos amigos no novo endereço. Seja como for, todos ficaram ansiosos para evitar a tragédia, o que infelizmente não aconteceu, apesar de quase 300 pessoas observarem ela tirar a própria vida. Além de transmitir sua própria morte, Andressa deixou uma carta e vamos a ela.

Já fui abandonada e julgada pela pessoa que achei que seria minha melhor amiga, a pessoa que amei me humilhou e riu da minha cara, me chamou de ridícula. Talvez eu seja, mas não pretendo continuar perguntando para saber, escreveu.

O ser humano é a pior arma que o mundo criou [...] Eu quero viver, mas quero ser livre e feliz, porém, parece que não dá pra ser feliz tendo que agradar a todos e a si mesmo. Peço desculpas aos poucos que me restaram

e que tanto me aconselharam, simplesmente não consigo”, continuou. Em seguida, Bruna perguntou: Já viram alguém morrer ao vivo?.

Ela começa sua narrativa afirmando ser abandonada e julgada pela pessoa que seria sua melhor amiga. E aqui não sei exatamente se essa amiga era da universidade ou não. Mas o motivo principal da sua morte teria sido o desprezo, segundo ela, da sua melhor amiga. Vamos tomar como base que a amiga fosse da universidade. Quem foi ou é universitário sabe das confusões que existem nesse ambiente, principalmente envolvendo namorados, namoradas, amigos e amigas. Muita fofoca, intriga, briga entre parceiros e muito mais. Só que a carta não fala desses detalhes, mas indica, possivelmente, que a sua melhor amiga teria, talvez, um caso amoroso com seu namorado, a quem muito amava: *a pessoa que amei me humilhou e riu da minha cara, me chamou de ridícula*. Segundo Ricoeur, “o texto não fala não de si próprio mas do acontecimento” (RICOEUR, 1978, p. 378). Aqui a gente pode entender que a sua amiga teria um caso com seu namorado, até a chamou de ridícula. Isso feriu profundamente o seu coração e sua autoestima, já que a situação partiu de duas pessoas que ela amava de verdade.

O interessante é que ela parece reconhecer de fato que é uma ridícula, mas não gostaria de ficar perguntando para saber. E aí ela demonstra se compreender diante do próprio texto: “compreender é compreender-se diante do texto” (RICOEUR, 1991, p.124). O ponto de partida para desistir da vida foi exatamente o relacionamento dela com sua amiga e possivelmente com seu namorado, expressa nas entrelinhas da sua carta. Claro que a narrativa pode permitir que ela esteja falando apenas da amiga, mas tudo indica que a sua amiga teria feito algo que contrariasse seu relacionamento tanto com o namorado quanto com sua amiga. Só que uma das pessoas a chamou de ridícula, e tudo indica que foi o namorado, por achar, quem sabe, que estaria “perdendo a cabeça” pelo fato de ter ficado com a amiga dela. E aí ela desabafa: *“não pretendo continuar perguntando para saber. Saber o quê? Que é ridícula?*

Em seguida ela faz uma declaração dizendo que “o ser humano é a pior arma que mundo criou”. Aqui reside um enigma. Ninguém sabe de quem está falando. Se dela mesma, se da amiga ou mesmo do suposto namorado. O mais importante é que ela deseja viver, quer viver. Isso nos remete ao material de prevenção do CVV – Centro de Valorização da Vida, que afirma que as pessoas que pedem socorro quando

estão pensando em suicidar-se, o que desejam na verdade é viver. E isso aconteceu com a Bruna, uma vez que ela teria pedido ajuda em dias anteriores à sua morte. Neste caso, a ajuda não foi suficiente ou não foi na proporção de suas angústias, haja vista que ela fez a opção pela desistência da vida, ou seja, o desejo de morrer foi mais forte do que o de viver. Em seguida a jovem parece alimentar uma contradição difícil de ser superada, isso na visão dela: *parece que não dá pra ser feliz tendo que agradar a todos e a si mesmo*. É evidente que isso é impossível. Ora, mas como uma jovem universitária alimenta uma concepção dessas? E aqui nessa parte do discurso ela alimenta aquela característica psicológica das pessoas em risco de suicídio, já discutido no capítulo anterior. E qual seria então essa característica? A consciência dela passa a funcionar de forma dicotômica: tudo ou nada. Ou seja, para ela não há como ser feliz tendo que agradar a todos e a si mesmo. Ora, mas pode-se agradar alguns e a si mesmo, ou ainda pode-se viver sem ter que agradar ninguém. Mas ela não pensou dessa forma. E neste sentido ela tem lá suas razões. Primeiro que o ambiente universitário é um ambiente onde as pessoas têm uma certa necessidade de ser aceitas, ou por ideias que circulam ou por formas de comportamentos lá existentes. E ela entendeu que não dava de continuar levando esse modo de vida. E pede desculpas por isso, conforme suas próprias palavras: *peço desculpas aos poucos que me restaram e que tanto me aconselharam, simplesmente não consigo*. Então ela foi aconselhada a não se matar. Claro que não foi suficiente, conforme já dito. Mas pessoas próximas a ela tinham conhecimento de suas lutas e fizeram pouco, porque não tiveram o entendimento de que o caso dela seria para ser encaminhado ao profissional da saúde mental. Talvez não acreditaram que ela seria capaz de fazer isso, no caso o suicídio. E a essas pessoas que a ajudaram é que pede desculpas. Na verdade, é um sentimento de impotência frente a um problema que na visão dela incontornável. E admite: *simplesmente não consigo*. Aqui ela se entrega de vez, reconhece sua impotência frente às angústias que passa. O caminho é o caminho da rigidez psicológica: tudo ou nada. E deu nada, pois desistiu da vida ainda que cheia de vida. Após reconhecer que não vai conseguir, vem o desfecho trágico encerrado numa frase fria e desafiadora: *Já viram alguém morrer ao vivo?* Esse momento ela decide filmar sua própria morte. Isso pode ser entendido como a sua última forma de manifestação da sua insatisfação com relação a sua amiga ou mesmo seu namorado. Ela quis que as pessoas que a fizeram sofrer presenciassem sua morte, que poderia ser interpretado por eles como sendo uma espécie de punição pelo tratamento

dispensado a ela. Claro que isso tem um impacto psicológico muito grande na vida dessas pessoas, já que elas continuam suas vidas e podem em determinado momento de crise existencial refletirem sobre a situação. Ter que lembrar de que talvez tenha sido o responsável pela morte de alguém não se constitui numa tarefa fácil, haja vista que as más lembranças vez por outra vão permear a consciência não muito tranquila daqueles que possivelmente foram os responsáveis pela a morte da jovem. Talvez sabendo disso tenha optado pela transmissão da sua própria morte, numa tentativa de condenar seus desafetos pelas injúrias sofridas, relegando às confusões psicológicas e merecendo, segundo ela, as punições devidas.

3.1 AS SIMILARIDADES E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS CARTAS APRESENTADAS

As cartas apresentadas até aqui evidenciam a necessidade de como a problemática do suicídio deve ser enfrentada em todas as frentes: escola, universidade e governo. A primeira carta revela situações preocupantes no que diz respeito à escola, lugar propício ao debate do suicídio. Thalia Meireles, em seu desabafo, não deixou de fora a escola, já que, como aluna, percebeu as discriminações e bullying que sofria no próprio espaço escolar, onde se deveria trabalhar toda essa problemática. Como aluna, viu esses males acontecer na escola sem que a mesma tomasse qualquer medida concreta. Segundo a Thalia, casos de bullying eram visíveis na escola, inclusive insinuou que a mesma sabia dos abusos que sofria do padrasto. A jovem tinha uma imagem muito ruim do espaço escolar, seja pelas discriminações que lá sofreu, seja pela inércia da mesma frente a realidade que sofria. E faz um desabafo estarrecedor: Escolas que não veem o bullying debaixo do seu nariz. E ainda mais: Essa sociedade que nos coloca em um lugar durante anos, em total humilhação e depois quer escolher um futuro pra nós. Ou seja, faz referência direto à escola e dela não tem suas melhores impressões. E isso é preocupante: como uma jovem que está na escola pode alimentar ideia tão negativa a respeito dessa escola? No caso da Thalia, a resposta parece simples: ela dizia que a escola sabia de todos os seus sofrimentos, desde do abuso que sofria do “pai” até ao bullying que sofria entre seus colegas. Então em um contexto desse não poderia ter outro pensamento, a não ser o pior possível. E o que a escola fez, segundo ela? Nada. Absolutamente nada! E esse foi o maior erro da escola: saber que existia um problema e não tomar as medidas

cabíveis à resolução desse problema. Então o suicídio de Thalia teve seus piores efeitos para a instituição chamada escola, mas não ficou só por isso. A jovem também fez duras críticas à mãe que, segundo ela, sabia de tudo, inclusive dos abusos que o padrasto fazia com ela. Neste sentido, o drama de Thalia se parece um pouco com a segunda carta, quando a jovem, conhecida por Pandora, admitia, assim como Thalia, da ausência da mãe, ou melhor, dos pais. Pandora sonhava em ter o apoio dos pais na superação das crises que vivenciava, sem sucesso. Depois de o ex-namorado se matar, as pressões eram constantes, desde amigos do próprio rapaz, que era maior, até mesmo colegas seus. No caso de Pandora a questão é um pouco mais ampla, na medida em que o namorado teria se suicidado por “amor”, porque a jovem teria terminado o namoro. O sofrimento do rapaz foi tanto que não conseguiu tocar a vida sem sua preterida. O desejo, assim como o amor, é uma ameaça ao seu objeto, conforme, afirma Bauman:

Tal como o desejo, o amor é uma ameaça ao seu objeto. O desejo destrói seu objeto, destruindo a si mesmo nesse processo; a rede protetora carinhosamente tecida pelo amor em torno de seu objeto escraviza esse objeto. O amor aprisiona e coloca o detido sob custódia. Ele prende para proteger o prisioneiro (BAUMAN, 2004, p. 13).

O desejo de estar com a jovem, o amor de que sentia a ela se tornaram ameaça ao seu objeto e, neste sentido, se voltou contra si mesmo, já que fora impedido de realizar a paixão que tanto desejava. No caso do rapaz ficou claro que se matou porque Pandora decidiu não levar adiante o suspeito namoro, haja vista que ele era maior, como já dito, e possivelmente a família, sabendo de tal relacionamento, impediu a moça de dar continuidade. Então no caso dele não tem nenhuma relação com a segunda carta, mas a menina, sim! A moça da primeira carta reclamava da escola e também da mãe. A moça da segunda carta reclamava de que não teve o apoio dos pais também. Ou seja, há uma relação entre causas, não na sua totalidade, já que o rapaz teria se suicidado devido o amor não correspondido. E a moça da terceira carta se diferencia tanto da primeira quanto da segunda, uma vez que a mesma, Bruna Andressa, teria sofrido com o suposto desligamento de seu namoro, e o possível desprezo de seu namorado com relação ao sofrimento que teve ao saber que estava sendo “traída” por sua melhor amiga. O que levou o suicídio da Bruna, a moça da terceira carta, foi porque não suportava mais ser chamada de ridícula pelas pessoas que ela amava, talvez a melhor amiga e o ex-namorado. A da primeira, carta

além de culpar a escola, culpa a mãe porque dava um tratamento diferenciado ao seu irmão. Então a da primeira carta, ou seja, a Thalia, pode-se identificar três situações distintas que possivelmente a levaram a cometer o suicídio: a mãe, porque gostava mais do filho e porque não denunciou os abusos sexuais que sofria, e, a escola que, mesmo sabendo do que acontecia, não tomou as ações necessárias. E no caso da Bruna, a moça da terceira carta, porque se sentia humilhada por aqueles que deveriam amá-la. Os casos concretos aqui apresentados reforçam a importância dessa pesquisa, principalmente sua parte prática, cujo projeto é voltado especificamente para o desenvolvimento de ações nas escolas da rede pública. As três jovens poderiam estar vivas se a ajuda necessária chegasse a tempo; se na escola fossem desenvolvidas ações que objetivassem esclarecer os tabus existente a respeito do suicídio. Isso mostra a necessidade de se trabalhar essa temática, por mais que pareça ser um assunto bem divulgado, mas o que se sabe ainda sobre o mesmo é muito pouco, tanto é verdade que jovens, todos os dias, estão desistindo da vida em função de não receberem apoio das escolas e da própria família.

CAPÍTULO IV – A VALORIZAÇÃO DA VIDA NA PERSPECTIVA DO "SI MESMO COMO OUTRO" RICOEURIANO

A vida, em seu cotidiano, exige respostas e tomadas de decisões que podem nos levar a determinados enfrentamentos, alguns desses até extremos, como é o caso da decisão de não mais querer viver. Quando um jovem de dezesseis anos decide não mais viver e vislumbra como alternativa única o suicídio, parece haver um esgotamento da vida no cotidiano. O esforço de tornar a vida possível frente aos embates que ela mesma propõe, norteará o tipo de ação que este jovem levará em conta. A esse respeito duas obras de Paul Ricoeur nos ajudam a compreender esse esforço: a primeira é *Vivant jusqu'à la mort* (Vivo até a morte), na qual o pensador francês toma a decisão de permanecer vivo, e até à morte; a segunda, *Soi-même comme un autre* (O si mesmo como outro), em razão de esta propor uma ética que valoriza a vida em pelo menos três vertentes: no relacionamento consigo mesmo, que visa à vida boa, a autoestima; no relacionamento com os outros, mediante a busca da amizade e da solicitude e, na vida boa em instituições justas.

Um dos grandes desafios dos nossos jovens nos dias de hoje é o de saber como enfrentar a vida em suas mais variadas facetas. Os crescentes casos de suicídio no âmbito dessa faixa etária, e a conseqüente banalização da vida, parecem ter tomado proporções consideráveis. A forma como cada jovem olha essa realidade complexa, na qual a tecnologia assume papel decisivo na construção de cada um, a vida parece caminhar distante daqueles que a possuem, dadas as mudanças que se processam a passos largos, imprimindo um novo modo de pensar, a partir do qual as relações tendem a se tornar mais superficiais e, conseqüentemente, essas mudanças refletem no espaço escolar.

Assim, num primeiro momento será feita uma análise sobre a importância da valorização da vida na perspectiva do "si mesmo como outro", principalmente o conceito de *solicitude*, a partir do qual Paul Ricoeur deixa claro um esforço de tornar a vida boa possível, apesar dos dissabores constantes a que ela é submetida. Pontuarei a questão do suicídio como uma fuga de uma situação determinada insuportável e que precisa ser enfrentada dentro de uma perspectiva que valorize a vida em todas as suas manifestações. A esse respeito a obra *O Si mesmo como outro* pode contribuir de modo significativo para essa compreensão, visto que a mesma se propõe a afirmar a vida em todas as suas nuances. Num segundo momento me

voltarei para outra obra de Paul Ricoeur, “Vivo até a morte”, onde se percebe o evidente esforço que o filósofo faz para continuar a viver diante da velhice que já bate às portas. Será problematizada a questão do suicídio e mostrado que apesar de o filósofo ter tido talvez boas razões para desistir da vida, o mesmo a enfrenta com todas as forças que restam de uma mente ousada, desafiada a viver, e mesmo até a morte.

4.1 A ÉTICA RICOEURIANA E SEU ESFORÇO PARA SUPERARAÇÃO DO SUICÍDIO

Ricoeur, com sua ética, olha o outro, observa, e percebe que esse outro carrega uma experiência existencial inegável. Essa valorização do outro como pessoa é destacado na solicitude. Ora, a solicitude evidencia que o indivíduo é único em suas particularidades para aquele que se mostra. Isso tem um destaque importante porque na valorização da vida deve-se levar em conta não apenas a individualidade, mas a relação com o outro, visto que o sofrimento do outro é reconhecido pelo si. O si, desse modo, percebe a fragilidade do outro, bem como suas angústias e dissabores, e isso acontece de modo recíproco. Se alguém é insubstituível para o outro, conforme afirma Ricoeur, qualquer tentativa de desvalorização da vida, inclusive no diz que diz respeito ao suicídio, estaria indo contra aquilo que esse alguém o é. Se o autor diz que “sou” insubstituível para o outro, então não caberia qualquer tentativa que contemple a não valorização da vida, visto que o si e o outro estão interligados. Nesse ponto, como ele afirma, a solicitude vai responder à estima do outro.

O que a solicitude acrescenta é a dimensão de valor que faz cada pessoa ser insubstituível em nossa afeição e em nossa estima. Nesse aspecto, é na experiência do caráter irreparável da perda do outro amado que, por transferência de outrem para nós mesmos, ficamos sabendo do caráter insubstituível de nossa própria vida. É primordialmente para o outro que sou insubstituível. Nesse sentido a solicitude responde à estima do outro por mim. (RICOEUR, 2014, p. 213).

Se o *si* guarda uma certa reciprocidade com o outro, não cabe ao *si* propor qualquer tentativa que viole, inclusive, o sentimento do outro, como ocorre em casos de suicídio. O si que decide não mais continuar vivo, por exemplo, comete uma agressão contra o outro, exatamente porque o outro faz parte da vida do si. Nesse sentido, o conceito de estima de si também contempla a estima do outro, logo, o suicídio, ainda que positivo, na pior das hipóteses, por parte de quem o pratica, não

pode ser entendido como algo positivo para o outro, visto que não depende só de quem comete o ato, mas de quem o vê: amigos e familiares. Por este prisma o suicídio seria injusto de dois modos: contra quem pratica e contra quem “assiste”, logo, um ato egoísta.

Percebe-se que os crescentes casos de suicídio na faixa etária jovem estariam relacionados com a falta de estima do si. Isso porque a perspectiva ética de Ricoeur consiste em viver bem, com e para os outros em instituições justas. E viver bem estaria relacionado a “estima de si”. Ora, mas o que estaria acontecendo com o sonho da juventude, que não está despertando a vontade de viver bem nesses jovens? Qual o tipo de jovem que pensa em desistir da vida, cometer o suicídio? Como esse jovem gostaria de levar a vida? Poderia ser alguém que perdeu a vontade de viver por quaisquer que sejam as razões, nenhuma delas, a partir da noção da estima de si, justificável. Segundo o psiquiatra Ari Kiev: “se você tem coragem para tentar se matar, por que não aplicar esta coragem para viver a vida como você gostaria? Se você tem coragem para morrer por opção sua, tenha coragem para viver, por opção sua” (KIEV,1982, p.12). E a tomada de decisão contrária à proposta de suicidar-se parece ter perdido força na juventude, que em muitos casos faz a opção pela desistência da vida. Mas a opção pela desistência da vida poderia ser canalizada, como diz o psiquiatra, para reestruturar a vida, o que termina não acontecendo com aqueles que fazem a opção pela desistência. Seria apenas uma percepção equivocada? Talvez, sim! Tanto pode ser verdade que, segundo a OMS – Organização Mundial de Saúde(2006), “noventa por cento dos casos de suicídio podem ser prevenidos, desde que existam condições mínimas para a oferta de ajuda voluntária ou profissional”. Sabe-se, portanto, que o suicídio é decorrente de um determinado sofrimento, como afirma Brito:

O suicídio sem sofrimento é inadmissível porque não se compreende que se dispunha a acabar com a vida quem vive gozando. O homem, portanto, só pode resolver-se ao suicídio quando uma grande dor o feriu no que há de mais elevado, quando circunstâncias extraordinárias o fizeram convencer de que a vida é um mal irremediável. O suicídio é, pois, a mais elevada manifestação do desespero, o mais alto grau de dor (BRITO, 2008, p.173).

Segundo o filósofo brasileiro, quem vive a vida boa não cogita a possibilidade do suicídio. Quem o recorre é alguém que fora ferido por dor ou por circunstâncias extraordinárias. Qual seria então a dor da juventude, o que tem ferido sua vida, a ponto

de desistir, de não mais querer viver? As respostas não poderiam ser simples, pois a vida parece escapar daqueles que deveriam possuí-la. Certamente, as perturbações são muitas e a juventude parece não viver os seus melhores dias, porque está fugindo da vida, das experiências do cotidiano, nas quais a capacidade de decisão é posta à prova e se constitui no verdadeiro teste existencial humano. Daí a importância de fazer uma observação sobre o conceito de “estima de si”, que evidencia a capacidade que o indivíduo tende a agir no mundo, de avaliar a si próprio, ou seja, avaliar suas ações na sociedade. Estaria relacionado ainda a que essa pessoa possa delinear planos de vida coerentes e que reflitam a estima do outro, que seria identificá-lo como um “outro eu”, um ser atuante no mundo, capaz de enfrentar a vida em suas mais variadas cabeceiras, inclusive dizendo não ao suicídio.

Assim, a ética de Ricoeur aponta a vida boa como prioridade, ou seja, todo projeto que o ser visualiza, este tem a intenção, a finalidade de acessar a vida boa. Mas o suicídio se opõe a essa vida boa, pois a estima de si corresponde ao cuidado do outro. O rosto do outro se mostra como alvo do amor e respeito, pois existe uma reciprocidade que coloca o outro como meu semelhante e eu mesmo como semelhante do outro. Por este viés o suicídio contraria pelos dois lados, pois a vida boa é com o outro e para o outro.

Ora, os casos de suicídio entre jovens parecem denunciar uma falta de sentido, uma falta de propósito, ou seria falta de convicção, como afirma Brito?

Nenhum homem (jovem) de espírito esclarecido poderá viver sem uma convicção que possa fortalecê-lo e guiá-lo através das grandes dificuldades da vida. A esta convicção, isto é, ao fundo de nós mesmos, ao modo por que concebemos as coisas e encaramos as condições de nossa existência (BRITO, 2008, p.176).

Esta falta de convicção pode levar o jovem a fugir da vida, daí a importância de que este jovem possa trilhar o caminho do esforço (*conatus*), não só de perseverar nos ideais, nos sonhos da juventude, mas das energias que dispõem para direcionar sua vida num caminho de desafios, de resiliência, persistindo na sua existência, não cedendo ao desespero, ao suicídio. Esse esforço é vital para alimentar sua convicção numa juventude pujante, desafiadora, própria da faixa etária jovem. É o modo como cada jovem afirma sua existência, buscando se firmar no mundo por suas convicções positivas, já que *conatus* pode ser entendido como esse esforço positivo, onde o jovem

possa afirmar sua vida, não negando-a, não cedendo ao suicídio. A ética de Ricoeur propõe esse esforço, o esforço de viver bem. A estima de si se traduz nessa capacidade que o jovem teria para agir no mundo, de medir suas ações, avaliar suas tomadas de decisões e se esforçar para manter as chamas da vida.

4.2 O ESFORÇO COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

Mas ele ali, doente, cansado, fragilizado pelos anos, teve boas razões para desistir da vida, mas não o fez. E não o fez porque se propôs a viver, a viver até a morte, sendo uma das afirmações mais contundentes da vida do filósofo que se possa ter conhecimento. No auge da fragilidade humana, do cansaço físico e mental, brota do íntimo do ser uma força capaz de enfrentar a vida, um esforço descomunal, que não se compreende dentro de certas análises técnicas, mas encontra sentido no sentido único de continuar vivo, por ser a vida um espaço temporal que deve ser perseguido, e mesmo até a morte. Aos noventa anos de idade Ricoeur se manifestava do seguinte modo: “Existe a simples felicidade de ainda estar em vida e, mais que tudo, o amor à vida, compartilhado com aqueles que eu amo, enquanto ela me é dada”(RICOEUR, 2012, p.94).

O esforço de Ricoeur pela vida desfaz qualquer tentativa de se pensar na desistência dela, afastando de vez o suicídio, evidenciando que a vida deve ser enfrentada, mesmo que as condições físicas em nada favoreça. Segundo Champlin (2001, p. 286):

O suicídio é classificado em dois tipos bem distintos: o convencional e o pessoal. O convencional ocorre como resultado da tradição e da opinião grupal ou pública. Os suicídios pessoais, por sua vez, são atos de iniciativa individual. Não resultam de qualquer costume, mas usualmente são provocados por algum senso de desespero.

No suicídio convencional, segundo o mesmo autor, têm-se exemplos com os japoneses, quando praticam o haraquiri (cortar o próprio ventre), que consiste numa espécie de suicídio “honroso”. Segundo a Wikipédia, o haraquiri é uma “forma de suicídio ritual praticada no Japão, especialmente pelos guerreiros e pelos nobres, que

consiste em rasgar o ventre à faca ou a sabre¹⁴. Isso ocorre também quando um caso que abale a moral ou fira os bons costumes daquele país é conhecido por todos, como na política ou nos negócios. Para honrar a própria família, a nação e evitar a vergonha, o indivíduo decide não mais permanecer vivo, buscando o escape no haraquiri. Era uma prática muito comum aos samurais, mas estendeu-se a muitos que conseguiram compreender a dimensão cultural da referida prática. Neste contexto ainda se encontram idosos que se sentiriam inúteis, gerando trabalho para os familiares. Esse idoso, para deixar de se sentir um peso, deixaria de viver, fazendo a opção pelo haraquiri. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2006), o suicídio é mais prevalente em idosos com mais de 70 anos de idade, devido às doenças comuns a essa idade, além de que doenças físicas, limitante ou dolorosa se constituem numa das razões do idoso praticar o suicídio. Mas sobre essas condições o filósofo nem cogitou, mesmo sentindo a angústia do nada, como ele mesmo afirma: “Claro, há a angústia do nada”(RICOEUR, 2012, p.95).

Ricoeur, como se sabe, não apresentou nenhum desespero quando a velhice e com chagada das limitações à sua vida. Ao contrário, afirmou a vida, esforçando-se por mantê-la, sinalizando que o desejo de viver foi mais forte em sua experiência cotidiana: “passaram-se oito anos, durante os quais o “desejo de viver” foi mais forte: o trabalho, a escrita”(RICOEUR, 2012, p.93). No que diz respeito ao suicídio pessoal, “são atos de iniciativa individual e são provocados por algum senso de desespero”, é o que diz Champlin (2001, p.287). Apesar de a velhice ser o momento muito difícil para o pensador francês, o mesmo não se entregou à morte, conforme se segue:

Esse período foi difícil para ele: a humilhação de se ver debilitado, dependente, “sofrendo” e não mais “agindo”, cada vez mais dominado pelo sono e por um cansaço extremo, se somava a angústia, que ele tentava designar sem rodeios. Guardo a lembrança de uma luta dolorosamente negociada com ele mesmo: atravessando a prostração, o medo às vezes e, apesar de todos os nossos cuidados, principalmente de noite, o sentimento de solidão de quem vai embora, mas repetindo sempre depois da tormenta sua vontade de “honrar a vida” até a morte”(RICOEUR, 2012, p.93).

Percebe-se um esforço excepcional do filósofo em permanecer vivo, e vivo até a morte. Esse esforço se traduz na capacidade de resistir, de tornar a vida mais

¹⁴ Arma branca, reta ou encurvada, com um só gume.

fácil, apesar dos embates comuns. Embora limitado em vários aspectos físicos, Ricoeur não se entrega à sua incapacidade de locomoção, uma das causas de suicídio entre os esquimós, conforme afirma Champlin: “entre os esquimós os indivíduos idosos e incapacitados enfrentavam o suicídio, buscando tirar as cargas que supostamente estariam causando à sociedade” (2001, p.287). Ricoeur não volta as costas à vida, não recua, dado seu esforço insistente em permanecer vivo. Tal esforço, como afirma Espinosa, impulsiona cada ser a se esforçar em seu ser, conforme se segue: “toda a coisa se esforça, enquanto está em si, por perseverar no seu ser”, ou ainda, “O esforço pelo qual toda a coisa tende a perseverar no seu ser não é senão a essência atual dessa coisa”(ESPINOZA, 2009, p. 53).

Ricoeur , em seu esforço, aprendeu a reorientar suas energias para nutrir novas possibilidades, descobrindo o verdadeiro sentido e finalidade da vida, fazendo escolhas diferentes, escolhas essas que lhe permitiram a escolher a vida. Superou o desânimo avassalador, “a angústia do nada”, e reorientou seus pensamentos, renovando-os e olhando para dentro de si, para fonte interior, encontrando energias para tocar a vida, e mesmo até morte. O esforço é, sem dúvida, o que leva o indivíduo a preservar no seu ser enquanto individualidade, e persistir no que é bom e útil para si, na busca de um sentido para existir, como ele mesmo se expressa: “a ideia de que terei de morrer um dia, não sei quando, nem como, veicula uma certeza: desejo de ser, esforço para existir” (RICOEUR, 2012, p.11). O conatus, entendido como força positiva, expande a potência na direção da afirmação da vida, ajudando a superar os males físicos, um dos entraves na realização do ser, vislumbrando uma força capaz de se mostrar contra a morte, como o próprio Ricoeur afirma: “do fundo da vida, surge uma força, que diz que o ser é contra a morte”(RICOEUR, 2012, p.96). Eis aí o grande esforço que o filósofo nos deixa sobre a preservação da vida.

Ser contra a morte é virar as costas ao suicídio, à desistência fácil ou difícil da vida. Ser contra a morte é desejar a vida boa, e esta deve ser posta em prioridade, conforme afirma: “La vie bonne est ce qui doit être nommé en premier” (RICOEUR, 1990, p.203). Esta vida boa, como se sabe, contraria qualquer proposta que a inviabilize, como é o caso do suicídio, isso porque sua ética se volta para o viver bem com os outros. Inadmissível seria viver bem com os outros e ao mesmo tempo pensar no suicídio, haja vista que a proposta do suicídio, ainda que não traga males à vida de quem o pratica, mas deixa dores para quem fica, conforme afirma a Organização

Mundial da Saúde (OMS): “Para cada suicídio há, em média, 5 ou 6 pessoas próximas ao falecido que sofrem consequências emocionais, sociais e econômicas”. Ora, por este ângulo, embora o suicídio sendo um ato voluntário, porque decidiu voluntariamente se matar, e não pode ser injusto consigo mesmo, pois deliberou acerca de seu ato, e não é possível sofrer uma injustiça involuntariamente, como afirma Aristóteles, o ato de suicidar-se viola a dignidade do outro, segundo o conceito de estima de si, que se relaciona com o outro, e este sofre as consequências de tal decisão. Daí a importância da ética de Ricoeur na busca valorização da vida, um esforço de tornar a vida boa possível, atraente e desafiadora.

Esta valorização da vida se manifesta de maneira mais intensa no livro “Vivant jusqu’à la mort”, onde ficou mostrado o esforço que o filósofo faz, mesmo depois dos setenta anos, onde as limitações físicas e mentais se destacam com mais intensidade. Mas ele mesmo ignorou tudo isso e afirmou a vida, de onde vem, segundo ele, “uma força, que diz que o ser é ser contra a morte”(RICOEUR, 2012, p.96). Essa força surge porque o filósofo tomou a decisão de permanecer vivo, de lutar, esforçando-se por manter a vida digna, a vida que vale a pena ser vivida, mesmo que circunstâncias tantas, como enfermidades, “a angústia do nada” se manifestem de modo constante, o esforço, o canatus se sobressai às intempéries que tentam afogar a vontade de permanecer vivo, e vivo até a morte.

Paul Ricoeur, sem dúvida, pode ser fonte inspirativa para jovens e adultos que no auge do vigor físico e mental se percebem como derrotados, como fracassados, como desmotivados, como alguém sem empolgação para a vida. O esforço que o filósofo empregou para driblar os males, as dores, o cansaço, a vista curta, a dificuldade para caminhar, mostra que quando se toma a decisão de permanecer vivo não existem obstáculos capazes de obstruir tal perspectiva, ainda que desanimadora seja. O que tem levado jovens a buscarem no suicídio um escape, já que a maioria dispõem de vigor físico e mental, dispõem de amigos, irmãos, redes sociais e muita força, fazerem a opção pelo suicídio? Não se pretende responder a essa questão aqui neste texto, o que se mostra é o esforço que Paul Ricoeur faz para tornar a vida possível, uma vida que pode ser honrada, como ele mesmo afirma: “O sentimento de solidão de quem vai embora, mas repetindo sempre depois da tormenta sua vontade de “honrar a vida”, até a morte”(RICOUER, 2012, p.95). Honrar a vida até a morte seria o maior legado que a ética de Ricoeur pode deixar aos jovens e adultos que

pensam no suicídio como escape dos problemas cotidianos, que tentam minar as esperanças de lutas na vida diária, para isso é necessário um certo esforço, um esforço de viver motivado, e mesmo até a morte.

CAPÍTULO V - AS CONTRIBUIÇÕES DESSA PESQUISA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NA ESCOLA CAMINHO DO FUTURO – IMPERATRIZ/MA

Neste último capítulo pretende-se destacar, ainda que resumidamente, as contribuições deste Mestrado para o ensino de filosofia na escola estadual Caminho do Futuro – Imperatriz/MA. Para tanto, cabe aqui fazer algumas considerações iniciais a respeito do mesmo. No primeiro momento falarei das contribuições que o livro *O suicídio de Kratos e a terceira margem do rio*¹⁵ trouxe para os alunos e para o professor pesquisador enquanto professor da Educação Básica, lotado no Centro de Ensino Caminho do Futuro, bem como a relação do livro com a temática da dissertação. No segundo momento focarei especificamente nas contribuições desenvolvidas na proposta da dissertação com a temática do suicídio na faixa etária jovem. Nesse momento mostrarei o impacto da intervenção dessa pesquisa, sua parte prática, na vida da escola, dos alunos, bem como da comunidade local. Pontuarei sobre o que foi feito, o que está sendo feito e o que será feito, lembrando que essa parte é mais autoral, devido suas especificidades.

5.1 PUBLICAÇÃO DO LIVRO E SUA INSERÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Durante o curso de mestrado em filosofia tive a oportunidade de cursar uma disciplina chamada *Elaboração de Material Didático*, com o professor Doutor Roberto Antônio Penedo do Amaral, meu orientador na dissertação. Um dos desafios desta disciplina era a confecção de um capítulo de livro didático a partir do tema *suicídio*. E assim foi feito. Cada um dos colegas fez uma abordagem do tema a partir de um teórico da filosofia, sendo o texto base para essa intermediação o conto de *Guimarães Rosa – A terceira margem do rio*. Ao término do capítulo fizemos as devidas apresentações e, de posse do capítulo, decidir ampliar a produção do material, com a publicação de um livro que recebe o título de: *O suicídio de Kratos e a terceira margem do rio*. Aquilo que era um produto final de uma disciplina o tornamos em publicação oficial, registrado na Biblioteca Nacional e traz o seguinte ISBN:978-85 66425-24-6. Com a publicação do livro, organizamos eventos na escola e fora desta para o lançamento da referida publicação. Os alunos gostaram da ideia, uma vez o livro aborda o personagem da mitologia grega, *Cratos*, que no livro recebe o nome de

¹⁵ anexo III

Kratos, do jogo eletrônico *God of war*. O livro foi estruturado como sendo um material didático, já que o mesmo dispõe de atividades, sugestões de livros e filmes, glossário, ilustrações e sugestões bibliográficas, entre outros tópicos.

Após algumas apresentações do livro na comunidade, percebi a empolgação dos alunos com o material, pois o mesmo reflete um tema que desperta a curiosidade deles: o suicídio. A partir daí, decidi então trazer o livro para dentro da sala de aula, trabalhando a problemática do suicídio no primeiro, segundo e terceiros anos, já que no final do livro têm algumas sugestões de atividades que eles podem fazer em sala de aula. Essa experiência foi muito gratificante, uma vez que os alunos até aumentaram seu interesse pela disciplina filosofia. Ouvia-se os comentários pelo pátio da escola: “é o livro do professor”! Debates, seminários, mesas redondas, uma série de ações foram desenvolvidas em sala de aula a partir da leitura do livro. Essa foi a primeira contribuição prática para o ensino de filosofia aqui na escola onde o professor pesquisador trabalha a disciplina filosofia, pois a partir dessa publicação o assunto começou a ser introduzido de forma bem sistematizada em sala de aula.

5.2 A APLICABILIDADE DO PROJETO DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA CAMINHO DO FUTURO/IMPERATRIZ/MA

Inicialmente, cabe aqui ponderar algumas questões que são fundamentais para conhecermos melhor as razões pelas quais foi escolhido essa temática: *O fenômeno do suicídio entre jovens - Uma leitura à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur*. Em Imperatriz, cidade onde o professor pesquisador atua como professor da disciplina filosofia, tem acontecido muitos casos de suicídio. Antes, na década de 1990, raramente se tinha notícia de morte relacionada ao tema. Mas nos últimos cinco anos casos têm acontecido com uma frequência considerável, tanto no âmbito da juventude como nas demais idades. Infelizmente, não temos ainda o “mapa” do suicídio aqui da cidade (esse é um dos objetivos que serão perseguido por este pesquisador. Mais adiante aprofundo essa questão), ou seja, não há dados disponíveis nos moldes do Ministério da Saúde, com toda classificação possível. Mas o certo é que cada vez mais pessoas desistem da vida e essas pessoas, muitas delas, são jovens que estão na educação básica, na escola. Outro problema detectado aqui foi que as escolas da rede pública não dispõem ainda de ações efetivas que visem a discutir a temática dentro de sala de aula, o assunto ainda é desconhecido tanto por

alunos, como pelo pública em geral. Isso, sem dúvida, é um problema que precisa ser enfrentado, e a filosofia, através de seu ensino, pode dar sua contribuição no sentido de fomentar o debate nas escolas e, em específico, na escola onde o professor atua. Então o tabu que ainda existe em torno do tema precisa ser encarado e a escola precisa participar desse debate. A partir dessa problemática local foi pensado um projeto de intervenção que pudesse trazer suas contribuições tanto para a escola onde o professor pesquisador leciona a disciplina quanto para a comunidade onde a escola está inserida. O projeto de intervenção recebe o título de: *Uma análise sobre a valorização da vida na perspectiva do “si mesmo como outro”, de Paul Ricoeur*. E teve como foco os seguintes objetivos:

- ❖ Problematizar com os alunos e professores da escola alvo do projeto sobre a importância de se trabalhar em sala de aula a temática do suicídio, bem como criar uma equipe de estudos para discussão sobre a valorização da vida.
- ❖ Favorecer uma discussão na escola e na comunidade sobre a questão da valorização da vida, bem como esclarecer sobre os tabus existentes, preconceitos e desinformações quando a temática é o suicídio.
- ❖ Possibilitar a integração dos alunos a partir de ações sociais desenvolvidas na comunidade(Caldo da Amizade).
- ❖ Leitura do livro *Vivo até a morte*, de Paul Ricoeur, pois o mesmo propõe um esforço para o enfrentamento da vida no cotidiano.

5.3 O QUE FOI FEITO

Inicialmente, o professor autor do projeto criou uma equipe composta por ele mesmo, um psicólogo, uma psicopedagoga e um representante do grêmio estudantil (todos previamente acordados). Esta equipe é responsável por todo planejamento necessário ao bom desempenho do projeto, a partir das noções preliminares apontadas pelo professor-pesquisador.

Na primeira reunião, o professor-pesquisador explicou as razões pelas quais o projeto se tornou possível, inclusive apontando-o como uma das exigências para a conclusão do Programa de Mestrado em Filosofia-PROF-FILO da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Em seguida, para os membros da equipe, o professor-

pesquisador fez uma breve exposição da sua proposta dissertativa, bem como observou a fundamentação filosófica que embasa todo o projeto e sua metodologia.

Após esse momento, foram distribuídas as funções que cada membro ficou responsável. Ao professor autor do projeto coube marcar as datas de reuniões, bem como agendar palestras, organizar a escola para receber os palestrantes, mobilizar os alunos, bem como mantê-los informados sobre toda programação da campanha desenvolvida pelo Setembro Amarelo e do CVV, Centro de Valorização da Vida.

À psicopedagoga coube identificar as dificuldades e os transtornos que interferem na assimilação da aprendizagem dos alunos e, nos casos mais graves, fazer uma triagem para tentar identificar se há alguma relação de dificuldade de aprendizagem com a baixa estima dos alunos, se os mesmos estão estressados ou vivenciando alguma crise existencial. Caso seja confirmado, a psicopedagoga, com autorização da família, poderá encaminhá-los ao psicólogo, e este analisará o caso de maneira mais específica, apontando direções e procedimentos para o tratamento mais adequado. Todo esse procedimento terá a autorização dos responsáveis legais dos alunos.

Ao representante do Grêmio Estudantil, como representante dos interesses dos estudantes, coube representar a categoria em todo o planejamento, bem como sugerir propostas de eventos, além de acompanhar as reuniões. Pelo menos a cada dois meses será feito um evento na escola sobre o tema: “A valorização da vida”. Este evento pode ser uma palestra, uma mesa redonda ou mesmo um seminário. Em junho de 2018 aconteceram vários eventos na escola, como palestras, seminários e debates, inclusive com a utilização do livro publicado.

Em setembro de 2018, a programação do projeto se voltou para a proposta nacional do *Setembro Amarelo*. Nessa ocasião, em função do destaque que é dado à temática do suicídio, as ações se intensificaram e a escola e a comunidade foram alvos de muitas ações, dentre elas: momentos nos semáforos com entrega de folhetos explicativos; ações no shopping; palestras com psicólogos na escola sobre depressão e suicídio e ações na própria sala de aula.

Todas essas ações foram desenvolvidas visando contribuir para o esclarecimento e a prevenção do suicídio, bem como a superar tabus existentes na escola e na comunidade. Ainda em setembro tivemos a oportunidade de fazer a

apresentação do projeto na FECOIMP – Feira do Comércio de Imperatriz¹⁶. Foram quatro dias de exposição. Neste evento teve a participação da própria comissão criada e principalmente dos alunos do primeiro, segundo e terceiros anos, que foram os responsáveis direto pela execução das atividades planejadas. Inicialmente, achávamos que o *stand* não teria nenhuma aceitação por parte do público, uma vez que se trata de uma feira onde as pessoas estariam preocupadas apenas com os negócios. Mas não foi isso que aconteceu. O material que trabalhamos na feira foi do Setembro Amarelo e do CVV – Centro de Valorização da Vida. Imprimimos mais de dois mil exemplares do folheto de divulgação com o tema: *falando abertamente sobre o suicídio*. O público prestigiou e superou todas as nossas expectativas, mais de 800 pessoas visitaram nosso *stand* durante os 4 dias, com a média de 200 visitantes por dia.

Uma das novidades dessa ação na FECOIMP foi a divulgação do número 188 do CVV – Centro de Valorização da Vida, que é um número que está disponível em todos os estados da federação, conforme já pontuado no capítulo 2. O 188 oferece apoio emocional e prevenção do suicídio. Isso foi uma novidade na feira. As pessoas desconheciam esse recurso tão importante na prevenção do suicídio. Homens de negócios, mulheres empresárias, jovens empreendedores, adolescente e o público que visitava a feira, todos ficaram admirados quando souberam dessa informação. Daí a justificativa para tantas visitas no *stand*. Durante os 4 dias as equipes de alunos se reversavam, mas todos, na verdade, queriam participar. Em função do espaço do *stand* só era permitido até o número de sete, incluindo o professor. Os alunos ficaram impactados com a contribuição que deram às pessoas. A pertinência da exposição do projeto na feira foi reconhecida de tal modo que os organizadores elogiaram os alunos e já nos ofereceram a oportunidade de apresentar o projeto novamente na feira de 2019.

Depois dessa ação, foram feitas intervenções nas escolas Maranhense e na Escola Municipal Tocantins, todas da Rede Municipal Imperatriz¹⁷. Nesta última priorizamos em função de a diretora ter nos comunicados que existem muitos casos de alunos com depressão, doença que pode levar ao suicídio. Os alunos e o professor promoveram debates, palestras e divulgação do material do CVV. Fechando o mês

¹⁶ anexo IV

¹⁷ anexo V

de setembro, no dia 24 do referido mês, o professor fez duas palestras no auditório do SENAC, onde mais de 200 alunos puderam interagir com perguntas e tirando suas dúvidas sobre a problemática em discussão. Além desses eventos, fizemos entrega de folhetos na Beira-Rio¹⁸ e na Praça da Cultura.

Em outubro de 2018 lançamos o livro *Caldo da Amizade – relatos de experiências*¹⁹, no qual os alunos contam seu relatos de experiências vivenciados no projeto social que recebe o mesmo nome. O projeto *Caldo da Amizade* está relacionado como projeto *Valorização da vida* e visa fazer a inserção dos alunos numa prática de ação social. O projeto surgiu devido o fato de na escola onde o professor leciona a disciplina filosofia ter um grande número de estudantes que se automutilavam, outros pensavam constantemente na possibilidade do suicídio, a depressão era outro problema facilmente identificado. Diante dessa problemática, foi desenvolvido esse projeto com o objetivo de envolver esses alunos numa atividade que pudesse aumentar a sua vontade de viver. Conseguimos envolver esses alunos no projeto e eles começaram a reagir positivamente, inclusive aumentando sua autoestima. O público do projeto alvo são os moradores de rua e os acompanhantes do Hospital Regional, pessoas que vem do interior e não têm o mínimo necessário para comprar um lanche. Oferecemos dois tipos de lanche: caldo e cachorro-quente. Tudo isso feito na escola pelos os alunos. Com essa inserção os alunos se sentiram valorizados e a sua autoestima melhorada, deixando de se automutilarem e ainda aumentaram seu rendimento escolar. A Organização Mundial da Saúde – OMS orienta para que as pessoas se envolvam em ações de solidariedade humana visando aumentar sua vontade de viver. E isso aconteceu com os membros do projeto, na medida em que passaram a ter outra visão da sua vida.

O sucesso do projeto foi de tal forma que os alunos começaram a compartilhar nas redes sociais suas experiências no projeto. Percebendo a empolgação de todos, lancei o desafio de publicar um livro escrito por eles mesmos, onde relatariam suas experiências, aquilo que o projeto fez em suas vidas, a motivação que estão tendo por participar das ações e a alegria de ajudar o próximo. Aceitaram o desafio. Foi um longo caminho. O mais importante já havia sido feito: conscientizá-los da importância da produção textual na filosofia. Então lançamos o livro na *Feira do Livro de Imperatriz*

¹⁸ anexo VI

¹⁹ anexo VII

com a presença dos alunos do projeto. A publicação é oficial, com ISBN: 978-85-66425-48-2. De posse do livro, o mesmo passou a ser lido e debatido em sala de aula, incentivando os alunos na produção textual. A parceria entre o projeto *Valorização da vida* e o projeto *Caldo da Amizade* foi um casamento perfeito. Uma vez que o projeto social foi uma forma de tirar esses alunos da rotina em que viviam, se sentindo valorizados. Na cantina da escola, onde os alimentos são preparados no dia de ação do projeto, há um público animado, divertido, alegre, todos prontos para mais uma missão. Nos pontos de distribuição do caldo ou cachorro-quente, os alunos se deparam com situações que os deixam sensibilizados frente aos sofrimentos dos moradores de rua. Há casos de alunos que em suas casas reclamavam da comida oferecida pelos pais, mas quando começaram a participar do projeto e viam os moradores de rua dormindo no chão escaldante de imperatriz e sem nenhum alimento que pudessem ingerir, se derramavam em lágrimas, pois percebiam que sua situação não era tão lastimável assim como pensavam. Então esse foi um outro aspecto positivo do projeto: melhorar a relação com a família. Essa foi mais uma ação concreta realizada com sucesso na escola e que contribuiu para o ensino de filosofia na escola.

5.4 O QUE ESTÁ SENDO FEITO E O QUE SERÁ FEITO

Depois de pontuar algumas contribuições da dissertação para o ensino de filosofia na escola onde o professor trabalha, cabe aqui considerar algumas ações que estão sendo implementadas neste ano e outras que ainda serão feitas. Com a chegada do ano letivo, todos os anos entram novos alunos na escola. Está sendo organizado alguns eventos sobre a temática suicídio, inclusive disponibilizando os livros que já foram publicados pelo professor pesquisador nesse mestrado. A partir da distribuição dos livros, estão sendo montados grupos de estudos no contraturno, alunos dos terceiros anos farão a monitoria desses eventos, cabendo a eles coordenarem as ações com os alunos recém-chegados. Isso ajudará os novos alunos no entrosamento com a temática e despertarão para produção textual. Já me reuni com todos os novos alunos e falei sobre a proposta da dissertação, bem como do projeto de intervenção. A primeira impressão foi positiva, receberam com entusiasmo a proposta de discussão sobre o tema em voga e se mostraram disposto a se

envolverem, inclusive desejando participar do projeto de ação social. Isso já está sendo feito neste ano.

Ouro ponto que é objeto de novos desafios será fazer o *mapa do suicídio em Imperatriz*, disponibilizando essas informações num livro que posteriormente será publicado. Quais as razões que levaram este pesquisador a se lançar neste desafio? Primeiro que durante o desenvolvimento da pesquisa procurei dados estatísticos sobre as mortes nessa modalidade, mas não as encontrei. Consultei o pessoal da Secretária de Saúde, mas não havia dados mapeados com faixa-etária, sexo, condição social, cor etc. E os dados disponíveis eram só gerais, não havendo especificidade das informações. Fui ao Instituto Médico Legal local e me disseram que não têm essas informações, mas eu poderia fazer um ofício e fazer a classificação dessas informações, catalogando e organizando os dados, já que as informações devem ser mapeadas nos moldes dos relatórios do Ministério da Saúde. Esse é um desafio que o professor pesquisador irá enfrentar, isso traria uma contribuição importantíssima para a cidade de Imperatriz para as universidades e as escolas. Seria o primeiro estudo sistematizado sobre o suicídio na cidade de Imperatriz. Após fazer esse mapeamento, o professor fará análise comparativa entre os dados nacionais e os locais, para saber se os dados de Imperatriz são maiores ou menores que a média nacional. Essa informação pode contribuir em muito para o debate sobre o suicídio na cidade e, especificamente, saberíamos de fato quantos jovens têm desistido da vida através do suicídio nos últimos cinco anos, que é o período que os dados serão pesquisados. Então espera-se desenvolver essa ação ainda esse ano. Essas foram algumas das contribuições específicas que a dissertação traz ao ensino de filosofia na escola Caminho do Futuro, além de outras que não expus aqui.

5.5 UMA CONCLUSÃO NÃO CONCLUÍDA

Tentou-se, até aqui, levantar uma discussão sobre o suicídio de jovens intermediada por Paul Ricoeur. A preocupação dessa pesquisa se justifica devido os crescentes casos de mortes nessa faixa etária. Podemos admitir que há uma preocupação em reduzir os números de casos de suicídio entre jovens, que são grandes, principalmente pelo Ministério da Saúde, não isentando as campanhas que são feitas todos os anos, como a *Setembro Amarelo* e o *CVV – Centro de Valorização da Vida*. Desse modo, a pesquisa caminhou primeiro em tentar entender um pouco do

método do filósofo, isso no primeiro capítulo, além de fazer uma noção introdutória sobre a morte a partir da obra *Vivo até a morte*, na qual ficou evidenciado o amor de Paul Ricoeur pela vida, amor esse que alimentou um otimismo único frente às circunstâncias piores possíveis, como a perda da sua esposa, Simone Ricoeur. Essa força capaz de superar todos os dissabores do cotidiano é um sinal claro de que o filósofo francês não se entregou ao desânimo e à melancolia, mas manteve-se ousado, resiliente, empolgado com a vida. Acreditamos que Paul Ricoeur pode ser um incentivador quando o assunto é resistir à morte, daí pode-se facilmente perceber que a força que o filósofo encontrou para driblar as dúvidas existenciais veio de sua brilhante força interior, capaz de superar as mais duras experiências, como a perda de parte da visão e as limitações físicas de locomoção. A postura de Ricoeur reflete o contrário do que muitos jovens entendem hoje por vida, cujas elações foram banalizadas, e que parece haver uma entrega “fácil” ao suicídio, refletindo uma desistência da vida sem maiores desafios. Nesse sentido o filósofo francês nos ensina nesse primeiro capítulo que a vida é para ser vivida, mesmo que as lutas e embates do dia a dia posam parecer mais fortes.

No segundo capítulo realizamos uma leitura hermenêutica de textos sobre a temática do suicídio, desde o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) diz sobre a questão (dados mundiais e nacionais), passando pelas informações trazidas pelo site *Setembro Amarelo*, bem como o CVV – *Centro de Valorização da Vida*, em relação às suas campanhas de prevenção, parcerias e propostas de discussão sobre o assunto, até o levantamento de como o assunto é tratado na *internet*. Viu-se, neste capítulo, que a temática é bem trabalhada na *internet*, na qual temos recursos importantes sobre a prevenção do suicídio. Observou-se ainda que o *Ministério da Saúde* tem desenvolvido ações consideráveis no que diz respeito às medidas preventivas, desde a disponibilização de recursos até a implementação de ações práticas, como metas para redução de casos de suicídio no Brasil. Fizemos ainda uma breve análise introdutória sobre o suicídio na percepção de Sócrates, Platão e Aristóteles, os clássicos do pensamento filosófico. Percebeu-se que os três não endossam a ideia de suicídio, no caso do primeiro seria interromper o ciclo do destino que só aos deuses foi reservado. Na visão de Sócrates não cabe a ninguém tirar a própria vida porque esta não lhe pertence, mas aos deuses. Aristóteles afirmava que

o indivíduo não poderia cometer o suicídio porque a cidade perderia alguém para reivindicar seus direitos.

No capítulo três foi feito um exercício de hermenêutica das narrativas de jovens suicidas, deixadas em forma de cartas, bilhetes e textos em redes sociais, sobre as motivações suicidas no referido ciclo de vida, procurando identificar similaridades, divergências e convergências entre uma narrativa e outra, considerando as narrativas como ações simbólicas e metaforicamente mediatizadas. As cartas revelaram que muitos dos casos de suicídio poderiam ser evitados se a ajuda chegasse na hora certa ou fosse mais eficiente, já que a maioria dos casos de suicídio pode ser evitado, conforme dados apresentados pelo *Ministério da Saúde*. Outro detalhe importante foi a justificativa desses jovens para pôr fim a vida, uma vez que as razões iam desde apaixonados até o bullying escolar. Foi identificado ainda que a escola recebia uma imagem muito pessimista de alguns jovens suicidas, uma vez que, mesmo sabendo de determinados casos de abusos, não se fez nada para impedir a tragédia. Isso mostra a relevância dessa pesquisa e do projeto de intervenção que acompanha a mesma. É preciso discutir o tema na comunidade escolar, envolver os alunos em ações que visem superar essas dificuldades, quebrando tabus, derrubando preconceitos que ainda insistem em permanecer no espaço escolar. A escola é o melhor espaço onde esses tabus possam ser derrubados.

No quarto capítulo, problematizei o crescente aumento de casos de suicídio no âmbito da faixa etária jovem, principalmente a hipótese da banalização da vida, cujas proporções têm sido consideráveis, mostrando a necessidade de um enfrentamento dessa realidade, apontando o esforço que Paul Ricoeur fez aos noventa anos, quando teria boas razões para desistir da vida, o mesmo a enfrentou com todas as forças, afirmando sua posição contra a morte, contra o suicídio. Enfrentou o suicídio com sua ética, que valoriza a vida em pelo menos três vertentes: no relacionamento consigo mesmo, que visa à vida boa, a autoestima; no relacionamento com os outros, mediante a busca da amizade e da solicitude e, na vida boa em instituições justas. A ética defendida pelo filósofo francês aponta modos de posicionamentos no cotidiano que desperta a vontade de viver e mesmo até a morte. Tal era sua empolgação com a vida, com a vontade de permanecer vivo, que mesmo atolado em dilemas existenciais profundos e desafiadores, o filósofo se

manteve ativo, com uma mente brilhante, desafiada a compreender que a vida deve ser vivida e em hipóteses alguma devemos virar as costas. Essa tomada de decisão de Ricoeur frente à vida talvez falte em muitos dos jovens das escolas e universidades desse Brasil afora, que estão desistindo da vida, fazendo com que a mesma não passe de um produto sem a menor importância. A inspiração deixada por Ricoeur pode nos conduzir não ao porto seguro, porque este não existe, mas a uma compreensão de que é preciso lutar, é preciso enfrentar os obstáculos que a vida vai lançando em seu percurso, se posicionando contra a morte e desejando viver todos os dias, por ser a vida, como ele próprio disse, *o maior bem que temos*.

Por último, foram destacadas as visíveis contribuições que esta pesquisa trouxe para o ensino de filosofia na escola onde o professor está lotado. Duas publicações oficiais com ISBN, cujo material está sendo usado em sala de aula para instigar o debate sobre o suicídio, que é um problema local grave e que precisa ser tratado com conhecimento; as publicações estão sendo utilizadas também para incentivar os alunos na leitura e produção textual; um projeto de intervenção sendo desenvolvido, cuja aplicabilidade está tendo uma aceitação muito consistente pelos alunos e pela comunidade, trazendo informações importantes que visam a contribuir com a prevenção do suicídio na escola e na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Roberto Antônio Penedo do. **Paul Ricoeur e as faces da ideologia**. Goiânia: Editora UFG, 2008.

Aristóteles. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross — 4. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores ; v. 2).

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia**. 5. ed. v. 6. São Paulo: Editora Hagnos, 2011.

CARDOSO, Luis. **Um ano depois do suicídio da jovem Thalia, que acusou o pai de abusá-la no Maranhão, nenhuma providência**. Disponível em: <<https://luiscardoso.com.br/suicidio/2018/04/um-ano-depois-do-suicidio-da-jovem-thalia-que-acusou-o-pai-de-abusa-la-no-maranhao-nenhum-providencia/>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

GOETHE, J. W. V. **Os sofrimentos do Jovem Werther**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

HOMERO. **Odisséia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

KIEV, Ari. **Como enfrentar a vida**. Tradução de Ângela Nascimento Machado. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária**. Genebra, 2006.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1986.

PUENTE, Fernando Rey (org.). **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: Editora UFG, 2008. 193p.(Travessia).

PUGLIESE, Márcio. **Mitologia greco-romana: arquétipos dos deuses e heróis. 2.** Ed. São Paulo: Madras, 2005.

RICOEUR, Paul. **Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II**, Paris, Seuil, 1985.

RICOEUR, Paul. **Le conflit des Interprétations, Essais d'Herméneutique**, Paris, ed. Du Seuil, 1969.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Trad. de Hilton Japiassu Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**, Seuil, 1990.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Trad. de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1987.

RICOEUR, Paul. **Vivo até a morte: seguido de fragmentos**; tradução Eduardo Brandão. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SAÚDE, Ministério da. **Biblioteca Virtual em Saúde**. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2018/prt1315_16_05_2018.html>. Acesso em: 21 jan. 2019.

SPINOSA, Beneditus de. **Ética**; tradução de Tomaz Tadeu - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ANEXOS

ANEXO I – material de prevenção do suicídio destinado ao público jovem.



FALANDO ABERTAMENTE
SOBRE SUICÍDIO



MOMENTO DE DERRUBAR TABUS

As razões podem ser bem diferentes, porém muito mais gente do que se imagina já teve uma intenção em comum. Segundo estudo realizado pela Unicamp, 17% dos brasileiros, em algum momento, pensaram seriamente em dar um fim à própria vida e, desses, 4,8% chegaram a elaborar um plano para isso. Na maioria das vezes, no entanto, é possível evitar que esses pensamentos suicidas virem realidade.

A primeira medida preventiva é a educação: é preciso deixar de ter medo de falar sobre o assunto, derrubar tabus e compartilhar informações ligadas ao tema. Como já aconteceu no passado, por exemplo, com doenças sexualmente transmissíveis ou câncer, a prevenção tornou-se realmente bem-sucedida quando as pessoas passaram a conhecer melhor esses problemas. Saber quais as principais causas e as formas de ajudar pode ser o primeiro passo para reduzir as taxas de suicídio no Brasil, onde hoje 32 pessoas por dia tiram a própria vida. Por isso, é essencial deixar os preconceitos de lado e conferir alguns dados básicos sobre o assunto.

EM UMA SALA COM 30 PESSOAS, 5 DELAS JÁ PENSARAM EM SUICÍDIO

PENSAR EM SUICÍDIO FAZ PARTE DA NATUREZA HUMANA

1. COMO PODEMOS DEFINIR O SUICÍDIO?

Suicídio é um gesto de autodestruição, realização do desejo de morrer ou de dar fim à própria vida. É uma escolha ou ação que tem graves implicações sociais. Pessoas de todas as idades e classes sociais cometem suicídio. A cada 40 segundos uma pessoa se mata no mundo, totalizando quase um milhão de pessoas todos os anos. Estima-se que de 10 a 20 milhões de pessoas tentam o suicídio a cada ano. De cada suicídio, de seis a dez outras pessoas são diretamente impactadas, sofrendo sérias consequências difíceis de serem reparadas.

2. O QUE LEVA UMA PESSOA A SE MATAR?

Vários motivos podem levar alguém ao suicídio. Normalmente não é um motivo único, e sim um conjunto de situações e a pessoa tem necessidade de aliviar pressões externas como cobranças sociais, culpa, remorso, depressão, ansiedade, medo, fracasso, humilhação etc.

32
BRASILEIROS
MORREM POR
DIA VÍTIMAS DE
SUICÍDIO

3. COMO SE SENTE QUEM QUER SE MATAR?

No momento em que tem ideias suicidas, a pessoa combina dois ou mais sentimentos ou ideias conflitantes. É um estado interior chamado de ambivalência. Ela busca atenção por se sentir esquecida ou ignorada e tem a sensação de estar só – uma solidão sentida como um isolamento insuportável. Muita gente tem um desejo de revide ou imposição do mesmo sentimento negativo aos outros, querendo que sintam o mesmo que ela. Outras pessoas sentem vontade de desaparecer, fugir ou de ir para um lugar ou situação melhor. Quase sempre, sentem uma necessidade de alcançar paz, descanso ou um final imediato aos tormentos que não terminam, resumindo quer parar de sofrer.

4. O SENTIMENTO E O IMPULSO SUICIDAS SÃO NORMAIS?

Pensar em suicídio é uma coisa que faz parte da natureza humana, e é estimulada pela possibilidade de escolha. O impulso também é uma reação natural, porém é mais comum nas pessoas que estão exaustas por dentro e emocionalmente fragilizadas diante de situações que despertam possibilidade de suicídio.

5. QUEM SE MATA MAIS: HOMENS OU MULHERES?

Os homens normalmente se matam mais, embora as mulheres tentem mais vezes. Outro dado relevante é que homossexuais, bissexuais e transexuais têm índices maiores de suicídio. Essas tendências estão ligadas a causas culturais e preconceitos sociais.

1
SUICÍDIO
A CADA 40
SEGUNDOS

6. O SUICÍDIO ESTÁ VINCULADO A ALGUMA DOENÇA MENTAL?

Quem tenta suicídio, pede ajuda. O suicídio resulta de uma crise de duração maior ou menor, que varia de pessoa para pessoa. Especialistas em saúde mental podem identificar sintomas de transtorno mental na maioria das pessoas que optaram pelo suicídio ou fizeram tentativas, sendo que os sintomas podem ser leves, moderados ou severos. Os principais transtornos são:
1) depressão, na forma simples ou na forma bipolar, que é a depressão alternada com períodos de mania (euforia);
2) dependência química - álcool e drogas;
3) esquizofrenia.
Seja qual for o transtorno e a sua gravidade sempre haverá um momento crítico que pode ser superado e, o principal, as pessoas correm menos risco de se matar quando aceitam ajuda.

TEM ALGO QUE EU POSSO FAZER PARA TE AJUDAR?

7. PESSOAS QUE AMEAÇAM SE MATAR PODEM DESISTIR DA IDEIA?

Sim, podem. Ao receber ajuda preventiva ou oferta de socorro diante de uma crise, elas podem reverter a situação ao colocar para fora seus sentimentos, ideias e valores, alterando, assim, seu estado interior. Essa ajuda pode vir de pessoas comuns ou ligadas a organizações voluntárias como o CVV, que se dedicam à prevenção do suicídio – são voluntários que têm um papel importante ao conversar com quem estiver passando por um momento de desespero. O apoio pode vir também de profissionais, contribuição muitas vezes indispensável, especialmente nos casos de descontrole a transtornos emocionais. Essas duas possibilidades de ajuda são reconhecidas no mundo inteiro, pois apresentam bons resultados.

8. AS PESSOAS QUE TENTAM SUICÍDIO PODEM SOCORRO?

Sim, é normal pedir ajuda em momentos críticos, quando o suicídio parece uma saída. A vontade de viver aparece sempre, resistindo ao desejo de se autodestruir. De forma inesperada, as pessoas se veem diante de sentimentos opostos, o que faz com que considerem a possibilidade de lutar para continuar vivendo. Encontrar alguém que tenha disponibilidade para ouvir e compreender os sentimentos e pensamentos suicidas fortalece as intenções de viver.

QUEM TENTA SUICÍDIO, PEDE AJUDA

9. QUEM ESTÁ POR PERTO PODE AJUDAR? COMO?

Sim, pode. É preciso perder o medo de se aproximar das pessoas e oferecer ajuda. A pessoa que está numa crise suicida se percebe sozinha e isolada. Se um amigo se aproximar e perguntar "tem algo que eu possa fazer para te ajudar?", a pessoa pode sem-

tir abertura para desabafar. Nessa hora, ter alguém para conversar pode fazer toda a diferença. E qualquer um pode ser esse “ombro amigo”, que ouve sem fazer críticas ou dar conselhos. Quem decide ajudar não deve se preocupar com o que vai falar. O importante é estar preparado para ouvir respeitando o momento e a forma de pensar desta pessoa.

10. COMO O SUICÍDIO É VISTO PELA SOCIEDADE?

O suicídio foi e continua sendo um tabu entre a maioria das pessoas. É um assunto proibido e que agride várias crenças religiosas. O tabu também se sustenta porque muitos veem o suicida como um fracassado. Por outro lado, os homens, por natureza, não se sentem confortáveis para falar da morte, pois isso expõe seus limites e suas fraquezas. Esse tabu piora a situação de muitos. Muitas vezes, mesmo aqueles que seguem religiões que condenam o suicídio não conseguem respeitar suas crenças e acabam dando fim à própria vida.

11. O MUNDO ATUAL TEM INFLUÊNCIA NO NÚMERO DE SUICÍDIOS?

As estatísticas mostram que o suicídio cresce não somente por questões demográficas e populacionais, mas também por problemas sociais que prejudicam o bem-estar de cada um e que estimulam a autodestruição. Nossa sociedade vive com diversas situações de agressão, competição e insensibilidade. Campo fértil para que transtornos emocionais se desenvolvam. O principal antídoto para combater essa situação é o sentimento humanitário.

12. QUAIS AS ESTATÍSTICAS SOBRE SUICÍDIO NO BRASIL?

A média brasileira é de 6 a 7 mortes por 100 mil habitantes, bem abaixo da média mundial – entre 13 e 14 mortes por 100 mil pessoas. Mas o que preocupa é que, enquanto a média mundial permanece estável, esse número tem crescido no Brasil. E o maior aumento de suicídios é registrado entre jovens de 15 a 25 anos.

13. O SUICÍDIO PODE SER PREVENIDO?

Sim. Segundo a OMS – Organização Mundial de Saúde, 90% dos casos de suicídio podem ser prevenidos, desde que existam condições mínimas para oferta de ajuda voluntária ou profissional. No Brasil, o CVV – rede voluntária de prevenção – atua nesse sentido há mais de 50 anos. Recentemente, foi retomado um movimento de políticas públicas para traçar planos integrados de prevenção.

14. QUEM OFERECE AJUDA PARA PESSOAS COM INTENÇÃO DE SE MATAR?

As pessoas que precisam de ajuda podem recorrer ao CVV, grupo de voluntários que oferecem apoio emocional gratuito. E já existem programas de saúde pública que oferecem esse serviço em algumas regiões do país. O CVV atende por telefone, chat, Skype, e-mail e pessoalmente, além de realizar atendimentos especiais em casos de eventos e catástrofes. É um grupo de 2.000 voluntários preparados para conversar e compreender pessoas que estão abaladas emocionalmente e que correm sério risco de morte.

90% DOS SUICÍDIOS PODEM SER PREVENIDOS

WWW.CVV.ORG.BR

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA
PROGRAMA DE PREVENÇÃO DO SUICÍDIO E APOIO EMOCIONAL

Anexo II – material de prevenção do suicídio destinado ao público em geral.

Suicídio.

Saber, agir
e prevenir.



ENTENDENDO O SUICÍDIO	PEDINDO AJUDA	VERDADES E MITOS SOBRE O SUICÍDIO	
		VERDADES	MITOS
<p>O suicídio é um fenômeno complexo que pode afetar indivíduos de diferentes origens, classes sociais, idades, orientações sexuais e identidades de gênero. Mas o suicídio pode ser prevenido. Saber reconhecer os sinais de alerta em si mesmo ou em alguém próximo a você pode ser o primeiro e mais importante passo.</p> <p>Se você está pensando em tirar sua própria vida ou conhece alguém que esteja tendo tais pensamentos, saiba que você não está sozinho. Muitas pessoas já passaram por isso e encontraram uma forma de superar esse sofrimento.</p>	<p>Pensamentos e sentimentos de querer acabar com a própria vida podem ser insuportáveis e pode ser muito difícil saber o que fazer e como superar esses sentimentos, mas existe ajuda disponível. É muito importante conversar com alguém e que você confie. Não hesite em pedir ajuda, você pode precisar de alguém que te acompanhe e te auxilie a entrar em contato com os serviços de suporte.</p> <p>Quando você pede ajuda, você tem o direito de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser respeitado e levado a sério; • Ter o seu sofrimento levado em consideração; • Falar em privacidade com as pessoas sobre você mesmo e sua situação; • Ser escutado; • Ser encorajado a se recuperar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Em geral, os suicídios são premeditados, e as pessoas dão sinais de suas intenções. • Reconhecer os sinais de alerta e oferecer apoio ajudam a prevenir o suicídio. • A expressão do desejo suicida nunca deve ser interpretada como simples ameaça ou chantagem emocional. • Perguntar sobre a intenção de suicídio não aumenta nas pessoas o desejo de cometer o suicídio. • Nem todos os suicídios estão associados a outros casos de suicídio na família. 	<ul style="list-style-type: none"> • A pessoa que tem a intenção de tirar a própria vida não avisa. • O suicídio não pode ser prevenido. • Pessoas que falam sobre suicídio só querem chamar a atenção. • A pessoa que supera uma crise de suicídio ou sobrevive a uma tentativa está fora de perigo. • Falar sobre suicídio pode estimular sua realização. • O suicídio é hereditário.
<p>ALGUNS SINAIS DE ALERTA</p> <p>Um dos falsos mitos sociais em torno do suicídio é que a pessoa que tem intenção de tirar a própria vida não avisa, não fala sobre isso.</p> <p>Entretanto, sabemos que isso não é verdade e que devemos considerar seriamente todos os sinais de alerta que podem indicar que a pessoa está pensando em suicídio.</p> <p>ATENÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os sinais de alerta descritos abaixo não devem ser considerados isoladamente. <p>Não há uma "receita" para detectar seguramente uma crise suicida em uma pessoa próxima. Entretanto, um indivíduo em sofrimento pode dar certos sinais que devem chamar a atenção de seus familiares e amigos</p>	<p>próximos, sobretudo se muitos desses sinais se manifestam ao mesmo tempo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O aparecimento ou agravamento de problemas de conduta ou de manifestações verbais durante pelo menos duas semanas também devem ser levados em consideração. • Esses indicadores não devem ser interpretados como ameaças nem como chantagens emocionais, mas sim como avisos de alerta para um risco real. Por isso, é muito importante ser compreensivo, além de estar disposto a conversar e escutar a pessoa sobre o porquê de tal comportamento, criando um ambiente tranquilo, sem julgar a pessoa afetada. • Conversar abertamente com a pessoa sobre seus pensamentos suicidas não a influenciará a completá-los. Ao falar sobre esse assunto com ela, você pode descobrir como ajudá-la a suportar sentimentos, muitas vezes angustiantes, que ela está 	<p>experimentando e incentivá-la a procurar apoio profissional</p> <p>Preocupação com sua própria morte ou falta de esperança.</p> <ul style="list-style-type: none"> • As pessoas sob risco de suicídio costumam falar sobre morte e suicídio mais do que o comum, confessam se sentir sem esperanças, culpadas, com falta de autoestima e têm visão negativa de sua vida e futuro. Essas ideias podem estar expressas de forma escrita, verbalmente ou por meio de desenhos. Alguns indivíduos começam a formular um testamento ou fazer seguro de vida. <p>Expressão de ideias ou de intenções suicidas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fiquem atentos para os comentários abaixo. Pode parecer óbvio, mas muitas vezes são ignorados. • "Vou desaparecer". • "Vou deixar vocês em paz". • "Eu queria poder dormir e nunca mais acordar". • "É inútil tentar fazer algo para mudar, eu só quero me matar". 	<p>Se isolam ainda mais.</p> <ul style="list-style-type: none"> • As pessoas com pensamentos suicidas podem se isolar, não atendendo a telefonemas, interagindo menos nas redes sociais, ficando em casa ou fechadas em seus quartos, reduzindo ou cancelando todas as atividades sociais, principalmente aquelas que costumavam e gostavam de fazer. <p>Outros fatores.</p> <p>Sabe-se que outros fatores, como a exposição ao agrotóxico, perda de emprego, crises políticas e econômicas, discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, agressões psicológicas e/ou físicas, sofrimento no trabalho, diminuição ou ausência de autocuidado, podem ser fatores que vulnerabilizam, ainda que não possam ser considerados como determinantes para o suicídio. Sendo assim, devem ser levados em consideração se o indivíduo apresenta outros sinais de alerta para o suicídio.</p>

DIANTE DE UMA PESSOA SOB RISCO DE SUICÍDIO, O QUE SE DEVE FAZER:

- Encontre um momento apropriado e um lugar calmo para falar sobre suicídio com essa pessoa. Deixe-a saber que você está lá para ouvir, ouça-a com a mente aberta e ofereça seu apoio.
- Incentive a pessoa a procurar ajuda de um profissional, como um médico, profissional de saúde mental, conselheiro ou assistente social. Ofereça-se para acompanhá-la a uma consulta.
- Se você acha que essa pessoa está em perigo imediato, não a deixe sozinha. Procure ajuda de profissionais de serviços de emergência, um serviço telefônico de atendimentos a crises, um profissional de saúde, ou consulte algum familiar dessa pessoa.

- Se a pessoa com quem você está preocupado (a) vive com você, assegure-se de que ele (a) não tenha acesso a meios para provocar a própria morte (por exemplo, pesticidas, armas de fogo ou medicamentos) em casa.
- Fique em contato para acompanhar como a pessoa está passando e o que está fazendo.

DIANTE DE UMA PESSOA SOB RISCO DE SUICÍDIO, O QUE NÃO SE DEVE FAZER:

Condenar/ julgar:

"Isso é covardia".
"É loucura".
"É fraqueza".

Banalizar:

"É por isso que quer morrer?
Já passei por coisas bem piores
e não me matei".

Opinar:

"Você quer chamar a atenção".
"Te falta Deus".
"Isso é falta de vergonha
na cara".

Dar sermão:

"Tantas pessoas com problemas
mais sérios que o seu, siga em
frente".

Frases de incentivo:

"Levanta a cabeça, deixa disso".
"Pense positivo".
"A vida é boa".

Onde
buscar
ajuda.



Serviços de saúde

CAPS e Unidades Básicas de Saúde (Saúde da família, Postos e Centros de Saúde).

Centro de Valorização da Vida - CVV

Telefone: 141 (ligação paga) ou www.cvv.org.br para *chat*, *Skype*, *e-mail* e mais informações sobre ligação gratuita.

Emergência

SAMU 192, UPA, Pronto Socorro e Hospitais.

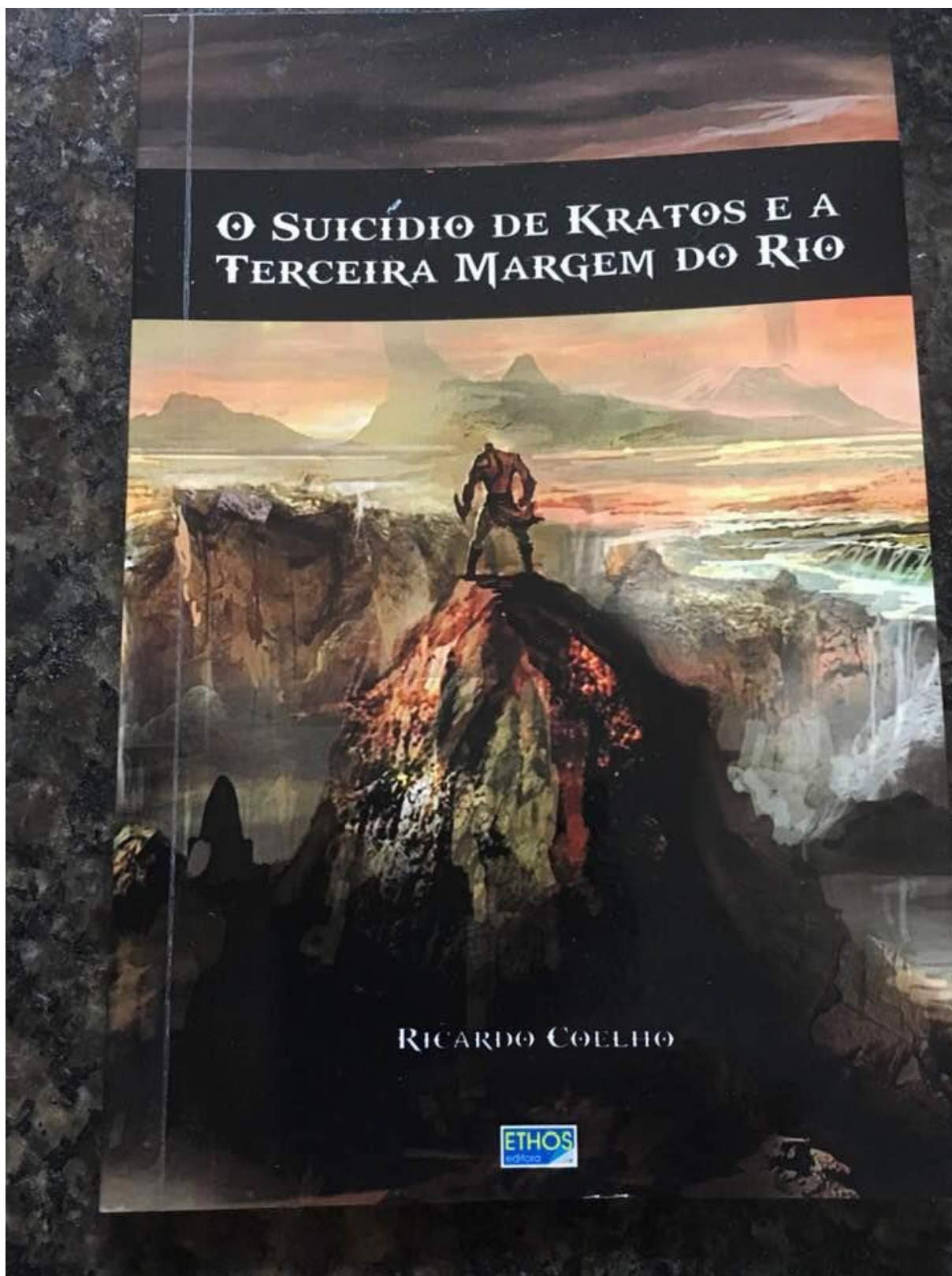


MINISTÉRIO DA
SAÚDE



    /minsaude

Anexo III – lançamento do livro “O suicídio de Kratos e a terceira margem do rio.



Anexo IV – apresentação do projeto na escola e na FECOIMP/2019.





Anexo V - apresentação do projeto Valorização da vida nas escolas Maranhense, Tocantins e no SENAC.









Anexo VI – ação do projeto Valorização da vida na Beira-Rio, entregando folhetos de prevenção e conversando com os patinadores.









Anexo VII – lançamento do livro Caldo da Amizade – relatos de experiências.









